



Boletim

Agropecuário

Nº 161, out./2026



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola



GOVERNO DE
**SANTA
CATARINA**
SECRETARIA DA AGRICULTURA
E PECUÁRIA



Governador do Estado
Jorginho dos Santos Mello

Secretário de Estado da Agricultura e Pecuária

Admir Edi Dalla Cort

Presidente da Epagri
Dirceu Leite

Diretores

Andréia de Fátima de Meira Batista F. Schlickmann
Ensino Agrotécnico

Fabília Hoffmann Maria
Administração e Finanças

Gustavo Gimi Santos Claudino
Extensão Rural e Pecuária

Jurandi Teodoro Gugel
Desenvolvimento Institucional

Éverton Blainski
Ciência, Tecnologia e Inovação



Boletim Agropecuário

Nº 161, out./2026

Autores desta edição

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Alexandre Luís Giehl

Gláucia de Almeida Padrão

Haroldo Tavares Elias

Henrique Oldoni

João Rogério Alves

José Antônio Louzada

Lillian Bastian

Rogério Goulart Junior



Florianópolis
2026

Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri)

Rodovia Admar Gonzaga, 1347 – Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-901

Fone: (48) 3665-5000

Site: www.epagri.sc.gov.br

E-mail: epagri@epagri.sc.gov.br

Editado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Epagri/Cepa)

Rodovia Admar Gonzaga, 1486, Itacorubi

Florianópolis, SC – Brasil – CEP 88034-001

Fone: (48) 3665-5078

Site: <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

E-mail: online@epagri.sc.gov.br

Coordenação: Luis Augusto Araújo

Colaboração:

Adelina Cecilia de Andrade Berns

Andriele Caroline De Moraes

Bruna Parente Porto

Catherine Amorim

Édila Gonçalves Botelho

Emile Dayara Rabelo Santana

Evandro Uberdan Anater

Fabio Feltrin Fabro

Gabriella Cristina Sevald

Lucas Trindade Borges

Maiara Antunes

Valdenize Pianaro

Valmir Kretschmer

Diagramação: Édila Gonçalves Botelho

Capa: Bianca Ariela Eickel Barel

Edição: out/2026 – (on-line)

É permitida a reprodução parcial deste trabalho desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

Boletim Agropecuário. Florianópolis: Epagri, n.1 (2014)

Publicação iniciada em maio/2014 (nº de 1 –70). Em abril/2019 até dezembro/2021 integrou a série Documentos com numeração própria.

A partir de 2022 passou a ter ISSN próprio.

Análise de mercado; Conjuntura; Safras.

ISSN: 2764-7579 (on-line)

Apresentação

O Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (Cepa), unidade de pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), tem a satisfação de disponibilizar o Boletim Agropecuário *on-line*. Ele reúne as informações conjunturais de alguns dos principais produtos agropecuários do estado de Santa Catarina.

O objetivo deste documento é apresentar, de forma sucinta, as principais informações conjunturais referentes ao desenvolvimento das safras, da produção e dos mercados para os produtos selecionados. Para isso, o Boletim Agropecuário contém informações referentes à última quinzena ou aos últimos 30 dias. Em casos esporádicos, a publicação poderá conter séries mais longas e análises de eventos específicos. Além das informações por produto, eventualmente poderão ser divulgados neste documento textos com análises conjunturais que se façam pertinentes e oportunas, chamando a atenção para aspectos não especificamente voltados ao mercado.

O Boletim Agropecuário pretende ser uma ferramenta para que o produtor rural possa vislumbrar melhores oportunidades de negócios. Visa, também, fortalecer sua relação com o mercado agropecuário por meio do aumento da competitividade da agricultura catarinense.

Esta publicação está disponível em arquivo eletrônico no site da Epagri/Cepa, <https://cepa.epagri.sc.gov.br/>. Podem ser resgatadas também as edições anteriores.

Dirceu Leite

Presidente da Epagri



Sumário

Fruticultura	7
Grãos	13
Hortaliças.....	32
Pecuária	40



Fruticultura

Maçã 8

Fruticultura



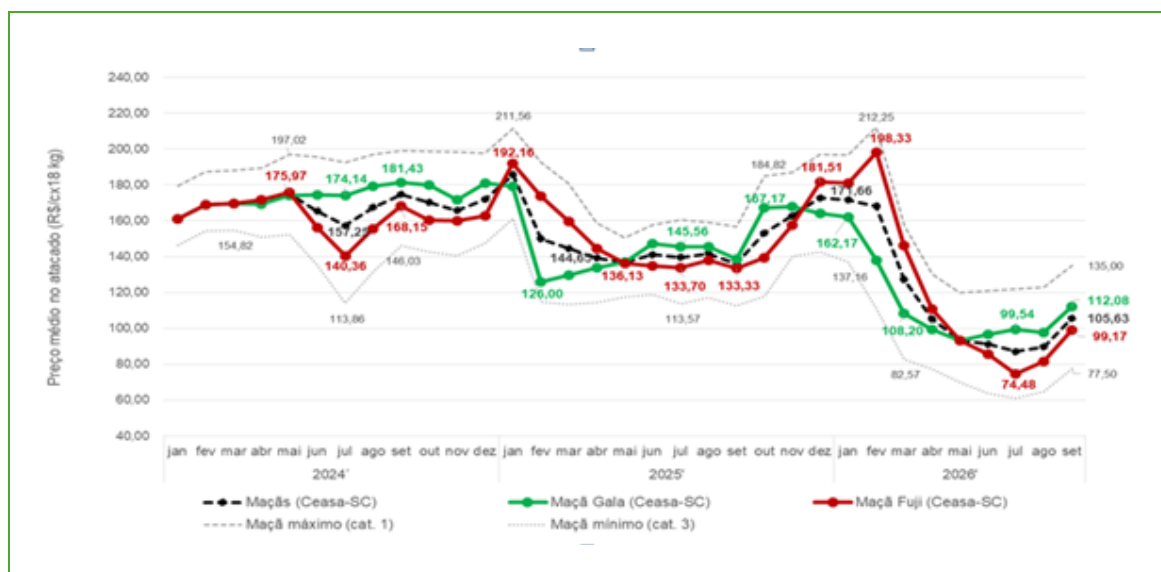
Maçã

Rogério Goulart Junior
Economista, Dr. - Epagri/Cepa
rogeriojunior@epagri.sc.gov.br

No mercado de maçãs as cotações se valorizam entre agosto e setembro, com a redução na oferta da fruta e estratégia de escalonamento das frutas de melhor qualidade armazenadas em atmosfera controlada nas classificadoras. Mas, para outubro a expectativa é de redução nos preços devido à concorrência com as frutas importadas. Para a safra 2026/27 estima-se aumento na produção em comparação a safra anterior.

Preços no atacado e mercado estadual

Figura 1 - Maçã – Evolução do preço médio mensal no atacado de SC



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab
Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – out./26=100).

Na Cepa/SC, entre agosto e setembro de 2026, houve valorização de 17,8% no **preço médio das maçãs** com o início da colheita. Em comparação ao mês de setembro de 2025 houve desvalorização das cotações de 22,3%. Com maior produção na safra 2025/26 os estoques estão altos e continua pressionando a desvalorização dos preços. A estratégia é o escalonamento nas cooperativas e empresas classificadoras para equilibrar a oferta com a demanda no segundo semestre. Para o mês de outubro, com equilíbrio na oferta estima-se a desvalorização dos preços médios das maçãs.

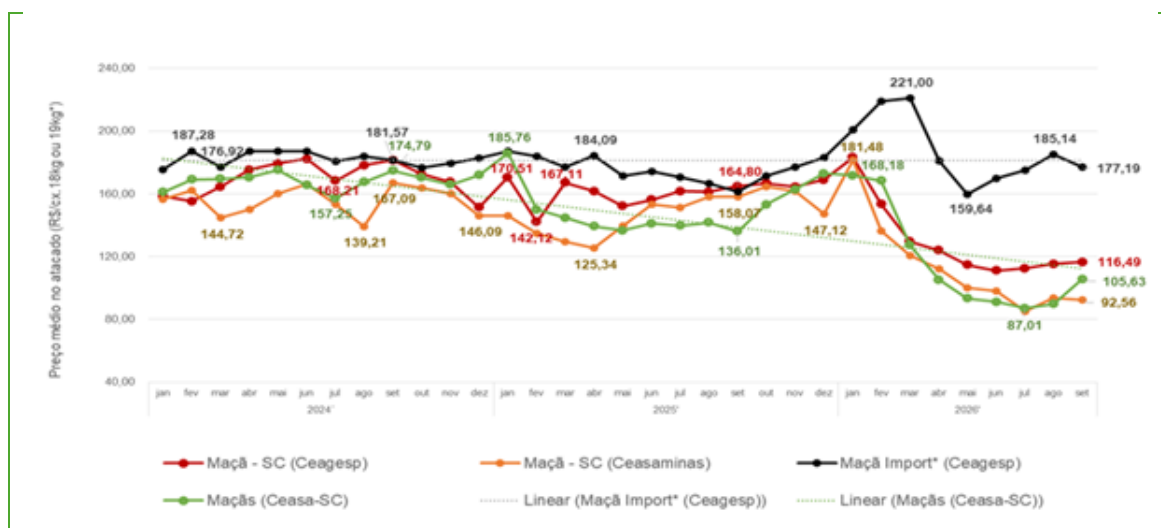
A **maçã Gala** contribuiu com valorização de 14,7% nos preços, entre agosto e setembro de 2026, e com desvalorização de 19,2% em comparação a setembro de 2025. Já a **maçã Fuji** contribuiu com valorização de 21,5% nos preços, com desvalorização de 25,6% em comparação a setembro de 2025. No comparativo do 3º trimestre de 2026 com o do ano anterior, as cotações da maçã na Cepa/SC foram 32,4% mais baixas devido à maior produção e volume



comercializado na safra 2025/26. Para a maçã Gala houve desvalorização de 28,0% nos preços em comparação ao trimestre de 2025; e a maçã Fuji apresentou redução de 36,9% no comparativo anual das cotações do 3º trimestre. Em outubro, a expectativa é de menor valorização nos preços no atacado, devido ao aumento da oferta no mercado de frutas importadas. A estratégia deve ser o escalonamento da oferta das variedades pelas classificadoras para manter as cotações.

Preços no atacado e mercado nacional

Figura 2 - Maçã catarinense e importada – Evolução do preço médio mensal no atacado nacional



Fonte: Epagri/Cepa e Prohort/Conab, 2026

Nota: preço mensal corrigido (IGP-DI/FGV – out./26=100).

Na Ceagesp, o preço da maçã de origem catarinense apresentou valorização de 1,0%, entre agosto e setembro de 2026, com aumento na demanda da fruta nas centrais de abastecimento. Mas, as cotações da maçã catarinense estão desvalorizadas 29,3% em relação a setembro do ano anterior. Com equilíbrio da oferta da fruta no mercado a expectativa é a manutenção dos preços no atacado na central paulistana. No 3º trimestre de 2026 a fruta catarinense na Ceagesp ficou com os preços 29,4% desvalorizados em relação à 2025, em função da maior oferta da fruta na safra 2025/26.

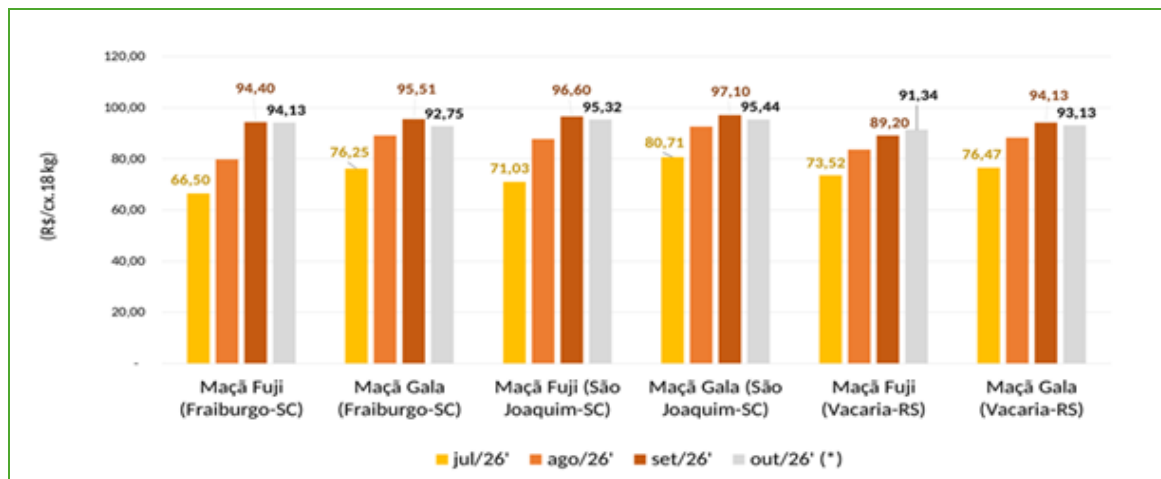
Os preços das maçãs importadas, entre agosto e setembro de 2026, estão desvalorizados 4,3%, mas com cotações 152,1% acima cotação da fruta catarinense na Ceagesp, reduzindo a concorrência com a fruta nacional. Em setembro de 2026, os preços médios das maçãs importadas estão 10,0% valorizados na comparação com o mesmo mês do ano anterior. No comparativo com o 3º trimestre de 2026 com o do ano anterior, as cotações da maçã importada foram 7,8% mais altas.

Na Ceasaminas, houve redução de 41,4% nas cotações da fruta catarinense, em relação a setembro de 2025, e com desvalorização de 1,2% entre agosto e setembro de 2026, devido ao maior estoque da fruta. No 3º trimestre de 2026 a fruta catarinense na Ceasaminas ficou com os preços 41,9% desvalorizados em relação à 2025, devido aos maiores estoques da fruta na safra 2025/26.



Preço ao produtor nas principais regiões de produção nacional

Figura 3 - Maçã – SC e RS: preço médio ao produtor nas principais praças do País



Fonte: Epagri/Cepa e Cepea/Esalq/USP, 2026

Nota: preço mensal ao produtor da maçã (cat.1) embalada, corrigido (IGP-DI/FGV – out./26=100)

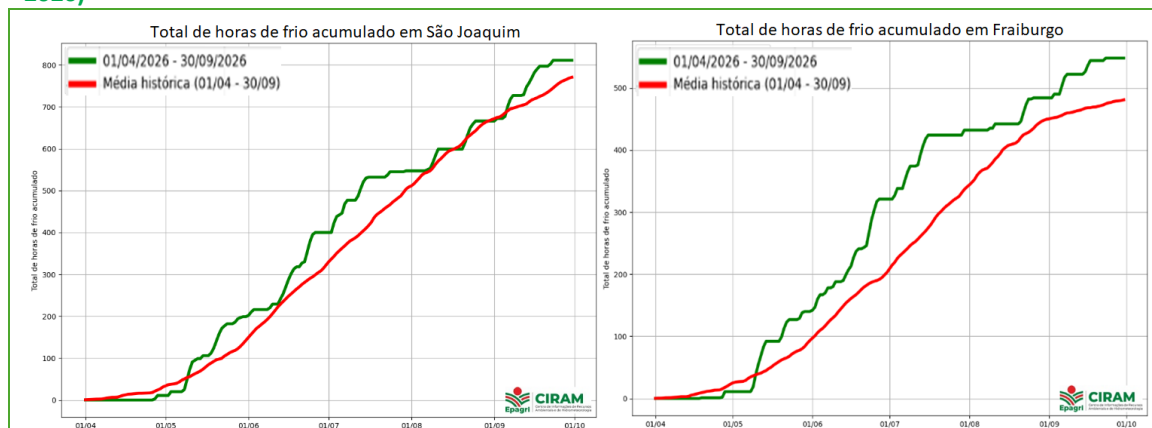
Na região de Fraiburgo/SC, entre agosto e setembro de 2026, as cotações da maçã Gala valorizaram 7,2% e a da maçã Fuji 18,4%. No início de outubro, a expectativa é de desvalorização nas cotações com a maior oferta da fruta no mercado nacional e entrada das frutas importadas. Na safra 2026/27, as áreas em produção de maçãs precoces desde setembro já estão 100% em frutificação. As áreas de maçã Gala, que estavam 50% na fase de florescimento na semana 38, alcançaram 100% de floração na semana seguinte com boas condições. Enquanto a maçã Fuji apresenta 40% das áreas em produção em desenvolvimento vegetativo e 60% na fase de florescimento na região.

Na região de São Joaquim/SC, entre agosto e setembro de 2026, as cotações da maçã Fuji valorizou 10,1% e da maçã Gala 4,9% com escoamento das frutas de melhor qualidade armazenadas em ambiente controlado. Em outubro, a expectativa é de desvalorização nas cotações com aumento na oferta da fruta no mercado. Para a safra 2026/27, a perspectiva é de bom desenvolvimento, com início do florescimento das macieiras de Gala e de Fuji na última semana de setembro.

Na região de Vacaria/RS, entre agosto e setembro de 2026, as cotações da maçã Fuji valorizaram 6,8 % e a da maçã Gala 6,6%. A perspectiva, em outubro, é de valorização nos preços da maçã Fuji e desvalorização da maçã Gala, com o escalonamento das cultivares para manter preços na comercialização do mercado.



Figura 4 - Maçã - Total diário acumulado de horas de frio para o ano atual e média histórica (2008-2026)



Fonte: Epagri/Ciram, 2026

Nota: <https://ciram.epagri.sc.gov.br/index.php/monitoramento-do-frio/>

No monitoramento de frio para a safra 2026/27, em São Joaquim na estação meteorológica da Epagri (n.1029), com altitude de 1.402 m, entre os dias 1º de abril e 30 de setembro de foram acumuladas 811 horas de frio (HF $\leq 7,2$ °C), ou seja, 5,3% acima da média histórica de 770 HF para o mesmo período (Figura 4a), mas 13,9% menor que o da safra anterior. As unidades de frio estão em 1.985 sendo 6,3% acima da média histórica de 1.868, entre abril e setembro de 2008 a 2026.

Com relação ao monitoramento em Fraiburgo, na média das estações meteorológicas de Butiá Verde e Fazenda Liberata (n.2419 e n.2418), com altitudes acima de 1.000 m, entre os dias 1º de abril e 30 de setembro de 2025 foram acumuladas em média 548 HF, ou seja, 13,9% acima da média histórica de 481 HF para o mesmo período (Figura 4b). As unidades de frio estão em 888 sendo 1,0% acima da média histórica de 879 para a região.

Para 2026/27, mesmo com horas de frio acumuladas acima da média histórica nas principais regiões produtoras, a expectativa do setor está nos possíveis efeitos do fenômeno *El Niño* na primavera. A atenção está nos efeitos climáticos e meteorológicos adversos que podem aumentar os níveis de precipitação e umidade na Região Sul o que acarretaria maior incidência de problemas fitossanitários, aumento nos custos de controle e possível redução na produção estimada.

Comparativo e evolução de safra

No comparativo de safras a expectativa é de aumento de 4,9% na produção de maçã nas principais regiões produtoras na safra 2026/27 em relação à da safra anterior. A maçã Fuji participa com 52,8% da produção total, sendo 47,6% na microrregião dos Campos de Lages, 3,2% em Joaçaba e 2,0% em Curitiba. A maçã Gala representa 45,4% da produção estimada, com 35,2% nos Campos de Lages, 7,6% em Joaçaba e 2,7% em Curitiba. As maçãs precoces participaram com 1,7% da produção, com 1,5% em Joaçaba e 0,3% em Curitiba. A microrregião dos Campos de Lages está representando 82,8% da produção esperada com aumento de 2,9% na produção, a de Joaçaba 12,3% com aumento de 24,5% na produção e a de Curitiba 5,0% com redução de 1,3% na produção na comparação com a safra anterior.



Tabela 1 - Maçã – Santa Catarina: comparativo entre a safra 2025/26 e a estimativa atual de 2026/27

Principais MRG com cultivo de maçã	2025/26			Estimativa 2026/27			Variação (%)		
	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (ha)	Produção (t)	Produtiv. média (kg.ha ⁻¹)	Área colhida (%)	Produção (%)	Produtiv. média (%)
Joaçaba	2.563	70.264	27.415	2.370	87.476	36.909	-7,5	24,5	34,6
Curitibanos	915	35.925	39.262	915	35.454	38.748	0,0	-1,3	-1,3
Campos de Lages	13.587	573.145	42.183	13.587	590.029	43.426	0,0	2,9	2,9
Subtotal	17.065	679.334	39.809	16.872	712.959	42.257	-1,1	4,9	6,2
Outras	67	1.850	27.612	67	1.850	27.612	0,0	0,0	0,0
Total	17.132	681.184	39.761	16.939	714.809	42.199	-1,1	4,9	6,1

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026



Grãos

Arroz	14
Feijão	17
Milho	20
Soja	24
Trigo	28



Grãos



Arroz

José Antônio Louzada

Engenheiro-agrônomo, Dr. - Epagri/Cepa
joselouzada@epagri.sc.gov.br

Gláucia de Almeida Padrão

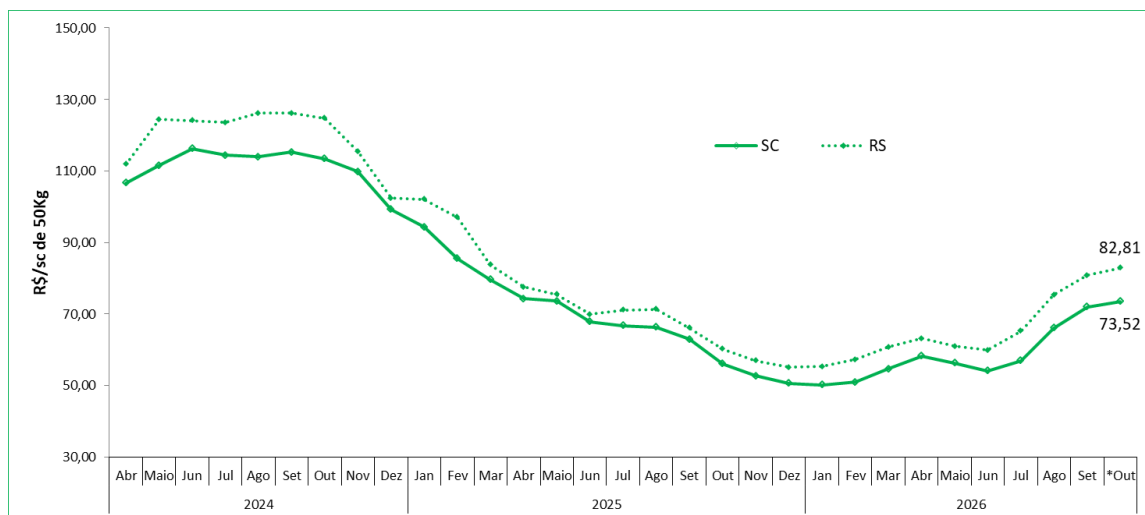
Economista, Dra. - Epagri/Cepa
glauciapadiao@epagri.sc.gov.br

Mercado

O mercado de arroz continua trajetória de recuperação dos preços em setembro. Esse comportamento reflete a baixa oferta do produto no mercado, resistência dos produtores em ampliar as vendas e variação da demanda ao longo do mês. Em setembro, o preço médio da saca de 50 kg de arroz em Santa Catarina foi de R\$71,92, com avanço de 10,53% em relação a agosto. No Rio Grande do Sul, para o mesmo período, o preço alcançou R\$80,79 para a saca de 50Kg, o que representou um acréscimo de 8,82% comparado a agosto.

Neste período de entressafra, segundo semestre de 2026, tem se confirmado a tendência de aumento dos preços para os dois estados, devido a menor disponibilidade de arroz no mercado. Nos primeiros 10 dias de outubro, a média parcial em Santa Catarina fechou em R\$73,52/saca de 50Kg (acrécimo de 2,2% em relação a setembro) e no Rio Grande do Sul fechou em R\$82,81 (alta de 2,5% em relação a setembro).

Figura 1 - Arroz – SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor – (abr./2024 a out./2026*)



Fonte: SC – Epagri/Cepa, RS – Cepea, setembro/2026.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI.

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Entre os fatores que podem explicar esse comportamento dos preços são o aumento das exportações brasileiras, em especial no Rio Grande do Sul, observada no primeiro semestre do ano e os impactos do *El Niño*, que têm se manifestado através das enchentes sobre a produção do arroz e as estimativas de redução da produção e produtividades para a safra 2026/27.



Comércio Exterior

Os dados do comércio internacional de arroz indicam desempenho favorável das exportações brasileiras com a cifra de US\$388,70 milhões frente à importação de US\$318,80 milhões, conforme os dados acumulados de janeiro a setembro de 2026. Os dados das exportações nacionais de arroz de setembro representam 84,9% do total exportado em todo o ano de 2025, de US\$457,92 milhões. O Rio Grande do Sul lidera as exportações, com US\$373,64 milhões, equivalente a 96,1% das exportações brasileiras. O estado de Santa Catarina exportou US\$9,20 milhões entre janeiro e setembro de 2026, o que representa 4,3 vezes o valor exportado em todo o ano de 2025, e respondendo por 2,4% das exportações brasileiras no período de janeiro a setembro de 2026.

Tabela 1 - Arroz – Evolução das exportações e importações anuais do Brasil e estados selecionados – (2020 a 2026*)

Ano	Exportações (US\$ milhões)			Importações (US\$ milhões)	
	BR	RS	SC	BR	SC
2020	503,58	452,95	20,45	376,53	27,48
2021	359,09	330,69	7,48	316,79	11,82
2022	656,33	638,60	4,08	349,99	12,76
2023	621,46	604,45	9,72	529,37	26,01
2024	561,17	541,59	3,84	679,62	31,09
2025	457,92	447,70	2,16	390,08	12,03
2026 ⁽¹⁾	388,70	373,64	9,20	318,80	13,67

Fonte: Comex Stat/Mdic, outubro/2026.

⁽¹⁾ Para o ano de 2026 estão os dados acumulados de janeiro a setembro.

As importações brasileiras de arroz somaram US\$318,80 milhões entre janeiro e setembro de 2026. Esse valor representa 81,7% dos US\$390,08 milhões importados durante todo o ano de 2025. Em Santa Catarina, as importações de arroz alcançaram US\$13,67 milhões, montante que ultrapassa os US\$12,03 milhões registrados durante todo o ano de 2025. Desse modo, embora Santa Catarina tenha aumentado significativamente as exportações de arroz, o estado também recorreu às compras externas do produto, especialmente dos países do Mercosul, no período de janeiro a setembro de 2026.

Considerando o conjunto de exportações e importações, o Brasil registrou saldo positivo de aproximadamente US\$69,90 milhões no comércio internacional de arroz, entre janeiro e setembro de 2026. Em contrapartida, para o mesmo período, Santa Catarina está com um déficit na balança comercial de US\$4,47 milhões, com as importações de arroz superando as exportações.

Acompanhamento de safra

As estimativas da Epagri/Cepa para a safra 2026/27 de arroz em Santa Catarina apontam para reduções na produção e produtividade, ambas em torno de 7,3%, mas com a estabilidade da área, em comparação à safra 2025/26. A previsão para o estado é o plantio de arroz em 143,4 mil hectares, produção de 1,2 milhão de toneladas e produtividade média de 8.369 Kg/ha (167,4 sacas/ha). A produção se mantém concentrada no Litoral Sul (67,4%), Litoral Norte (23,5%) e Alto Vale do Itajaí (9,1%). A expectativa de redução na safra pode estar associada, em partes, pela ocorrência do fenômeno *El Niño*, que tem se manifestado pelas fortes chuvas, as quais vêm provocando enchentes nas regiões produtoras de arroz em Santa Catarina.



Tabela 2 - Arroz – Comparativo de safras

Microrregião	2025/26			Estimativa safra 2026/27				Variação		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Partic. da produção em relação a SC (%)	Área (%)	Produtiv. (%)	Produção (%)
Araranguá	58.434	9.411	549.922	58.454	8.264	483.060	40,25	0,03	-12,19	-12,16
Blumenau	6.993	8.853	61.909	6.962	8.630	60.082	5,01	-0,44	-2,52	-2,95
Criciúma	21.889	9.162	200.547	21.989	8.424	185.232	15,43	0,46	-8,06	-7,64
Florianópolis	2.080	6.571	13.668	2.050	6.535	13.398	1,12	-1,44	-0,54	-1,98
Itajaí	8.504	8.503	72.310	8.504	8.420	71.602	5,97	0,00	-0,98	-0,98
Ituporanga	175	9.002	1.575	180	9.000	1.620	0,13	2,86	-0,02	2,83
Joinville	17.525	8.137	142.601	17.399	8.254	143.614	11,97	-0,72	1,44	0,71
Rio do Sul	9.896	10.378	102.701	9.996	10.363	103.592	8,63	1,01	-0,14	0,87
Tabuleiro	120	6.723	807	120	7.000	840	0,07	0,00	4,12	4,12
Tijucas	1.960	7.322	14.351	1.960	7.476	14.652	1,22	0,00	2,10	2,10
Tubarão	15.802	8.494	134.222	15.802	7.753	122.519	10,21	0,00	-8,72	-8,72
Santa Catarina	143.378	9.029	1.294.613	143.416	8.369	1.200.211	100,00	0,03	-7,32	-7,29

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026.

Conforme estimativas da Epagri/Cepa, a região do Litoral Sul, é a que terá um maior impacto em relação às reduções de produção e produtividade para o arroz na safra 2026/27. As microrregiões de Araranguá e Criciúma foram afetadas por enchente na segunda quinzena de setembro, com danos à lavoura, solo e estrutura das canchas, registrados, respectivamente para os municípios de Turvo, Timbé do Sul, Ermo, Meleiro, Morro Grande, Santa Rosa do Sul e Nova Veneza. Por outro lado, nessas microrregiões, as lavouras semeadas e em estágio de perfilhamento, em torno de V4-V5, manifestam boa resistência ao encharcamento e acamamento, embora a falta de sol e frio possa prejudicar o desenvolvimento da cultura. Na microrregião de Blumenau, semelhante às outras regiões, a amplitude térmica interferiu no processo de semeadura da cultura, provocando irregularidades no período, comparado aos anos anteriores.



Atualmente, 66% da área destinada ao cultivo de arroz em Santa Catarina já foi plantada e está em fase de desenvolvimento vegetativo. Além disso, apesar do intenso período de chuvas, baixa luminosidade e amplitude térmica, as condições das lavouras estão boas para 89% das áreas plantadas, médias para 8% e regulares para 3% das lavouras, sendo essas duas últimas condições, referentes às lavouras que foram afetadas por enchentes, sobretudo nas regiões do Litoral Sul e Alto Vale do Itajaí e no Sul, as quais passaram ou terão que ser ressemeadas.

Em âmbito nacional, segundo o Acompanhamento da Safra Brasileira para Grãos 2026/27 da Conab, em seu 1º levantamento para o arroz, a cultura se encontra em fase

desigual de semeadura, conforme a janela de plantio para as principais regiões produtoras do país, com destaque para o Sul. Nessa região, o intenso volume de chuvas acima da média tem impactado as lavouras e provocado enxurradas, a saturação e erosão dos solos, acamamento das plantas e descontinuidade nas operações de campo para a semeadura. Para a safra 2026/27, a Conab estima a produção total de arroz (irrigado e sequeiro) para o país de 10,75 milhões de toneladas de arroz, redução de 2,9% em relação as 11,08 milhões de toneladas estimadas para 2025/26. Além disso, a Companhia estima uma área de plantio de arroz para o país de 1,53 milhão de hectares, crescimento de 0,8% em comparação com a safra anterior, e produtividade de 7.031 Kg/ha, com redução de 3,7% em comparação com 2025/26. Entre outros fatores, esses valores de retração estão associados, em boa medida pelo fenômeno *El Niño*.



Grãos



Feijão

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo, M.Sc. – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mês de setembro, o mercado de feijão manteve comportamento firme em relação ao preço médio recebido pelos produtores. Em Santa Catarina, as cotações do feijão-carioca registraram valorização mensal de 5,7%, fechando o período em R\$268,8/sc. Já o feijão-preto apresentou elevação de 4,6%, encerrando o mês cotado a R\$ 201,8/sc. Na comparação anual, o preço médio da saca de feijão-preto ficou 74% acima do valor registrado em setembro de 2025, enquanto o feijão-carioca acumulou valorização anual de 78%.

Tabela 1 - Feijão BR - Comparativo de preços pagos ao produtor (sc 60 kg)

Estado	Tipo	Ago. /26	Set. /26	Variação mensal (%)	Set. /25	Variação anual (%)
Santa Catarina	Feijão-carioca	254,21	268,77	5,73	150,84	78,18
Paraná		256,18	286,82	11,96	182,57	57,10
Minas Gerais		276,01	305,00	10,50	235,84	29,32
Bahia		331,59	328,66	-0,88	213,83	53,70
São Paulo		299,75	334,45	11,58	245,34	36,32
Goiás		269,70	297,88	10,45	215,92	37,96
Santa Catarina	Feijão-preto	192,89	201,84	4,64	115,96	74,06
Paraná		187,53	203,39	8,46	122,87	65,53
Rio Grande do Sul		182,28	180,94	-0,74	107,53	68,27

Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (BA, GO, MG, SP), Deral (PR), outubro/2026

De acordo com o Indicador de Preços Cepea/CNA, o mês de setembro foi marcado pelo fim da colheita da terceira safra (2025/26) e início da primeira safra (2026/27). O comportamento do mercado seguiu com compradores cautelosos, enquanto vendedores limitaram a oferta. No acompanhamento do Epagri/Cepa, os maiores aumentos de preço recebido pelos produtores, para o feijão-carioca, ocorreram no Paraná (12,0%), São Paulo (11,6%), Minas Gerais (10,5%) e Goiás (10,5%). Em relação ao feijão-preto, variação importante foi registrada no Paraná, com uma alta de 8,5%.

O comportamento sazonal dos preços do feijão é amplamente conhecido pelos agentes de mercado. Em julho, com as férias escolares, o consumo costuma recuar; com o consequente aumento de oferta, as cotações se retraem. Como o produto perde qualidade na armazenagem prolongada, seu tempo de guarda é curto, forçando os produtores a comercializarem a produção em momentos de pico de oferta e preços reduzidos, dinâmica que atinge atualmente o feijão-carioca.

Análises do Cepea/CNA indicam que, apesar dos volumes recordes de exportação, os embarques se concentram em variedades voltadas ao mercado asiático, como o feijão-fradinho e o feijão-mungo. Como o consumo interno é amplamente dominado pelos tipos carioca e preto, o crescimento das vendas externas tem um impacto mínimo sobre a disponibilidade do produto no mercado doméstico. Até outubro, as exportações brasileiras de feijão somaram 402,8 mil toneladas. Pelo lado das importações, destaca-se o feijão-preto, até outubro deste ano, as compras externas da variedade atingiram 30 mil toneladas, correspondendo a 71% de todo o volume de feijão importado pelo Brasil.


Tabela 2 - Feijão BR - Exportações e Importações – 2024 a 2026*

NCM - Nomenclatura Comum do Mercosul	Importação (t)			Exportação (t)		
	2024	2025	2026*	2024	2025	2026*
Outros feijões (vigna mungo ou radiata)	88	66	50	92.511	273.298	304.258
Feijão-fradinho	-	-	-	88.671	93.680	50.812
Outros feijões comuns	4.524	2.230	3.192	67.986	86.130	27.128
Outros feijões comuns, pretos	4.107	1.758	30.264	91.128	74.429	18.494
Outros feijões comuns, brancos	13.440	9.045	9.211	601	2.944	359
Outros feijões (Vigna ou Phaseolus)	-	68	0,07	1.705	1.697	1.076
Outros feijões adzuki (Phaseolus ou Vigna angularis)	-	-	-	281	973	489
Outros feijões, para semeadura	10	24	11	787	43	149
Total	22.169	13.192	42.729	343.670	533.194	402.766

Fonte: Comex/Stat, outubro/2026

(*) Estimativa outubro/2026.

Safra Nacional

O monitoramento dos estágios fenológicos das lavouras da Conab, até a semana de 26 de setembro a 02 de outubro de 2026, aproximadamente 13,1% da área cultivada com feijão 1ª safra (2026/27) em todo país já havia sido semeado. Para as lavouras a campo, aproximadamente 31,2% da área encontram-se em fase de emergência; 65,3% avançaram para a fase de desenvolvimento vegetativo e, apenas 3,6% alcançou a fase de floração. No Paraná, segundo Departamento de Economia Rural (DERAL), órgão ligado à Secretaria da Agricultura e do Abastecimento (SEAB/PR), a instabilidade climática tem provocado interrupções e atrasos nas operações de plantio, embora as lavouras já implantadas apresentem boas condições de desenvolvimento vegetativo. Até o dia 05 de outubro, aproximadamente 52% da área destinada ao cultivo de feijão já havia sido plantada. A condição de lavoura foi considerada boa para 91% da área plantada e, para 9% a condição era média. Em relação à fenologia, 25% da área estão em fase de germinação; 73% em desenvolvimento vegetativo e apenas 2% havia alcançado a fase de floração. Nos estados de Minas Gerais, Goiás e no Distrito Federal, esse período é de vazio sanitário para a cultura. No Rio grande do Sul, segundo dados da Emater/RS-Ascar, a implantação da 1ª safra avançou em ritmos distintos, conforme as condições térmicas e de umidade de cada região. Nas de maior altitude, a operação ainda não foi iniciada. Segundo a entidade, a área de plantio projetada inicialmente para essa safra é de 24.587 hectares, com uma produtividade média inicial de 1.759 kg/ha. Destaque ainda para a ocorrência de eventos de chuva intensa, ventos fortes e granizo, que provocaram danos localizados em lavouras implantadas. Nas áreas preparadas para a implantação, os danos se restringiram à perda de solos por erosão.

Safra Catarinense - Feijão 1ª Safra

Em Santa Catarina, a produção divide-se em duas safras (1ª e 2ª safra), com predomínio dos tipos carioca e preto. A janela de semeadura da 1ª safra ocorre entre agosto e dezembro, enquanto a 2ª safra é cultivada de janeiro a março. Até a última semana de setembro, aproximadamente 32% da área destinada ao cultivo de feijão 1ª safra já havia sido semeada. Para 97% das áreas avaliadas, a condição de lavoura é considerada boa, enquanto 3% são classificadas como média. De forma geral, as lavouras implantadas mostram boa germinação, emergência e início de desenvolvimento vegetativo. A fase de desenvolvimento predominante no estado é o desenvolvimento vegetativo.



No giro pelas microrregiões geográficas (MRG), para as MRG's de Araranguá, Criciúma e Tubarão, o mês de setembro foi marcado por frio tardio, chuvas intensas, pouca radiação solar e enchentes (em 21/09). Embora as enchentes não tenham atingido diretamente o feijão, o excesso de umidade e a baixa luminosidade têm prejudicado o desenvolvimento vegetal. As perspectivas são de alto risco de quebra de safra, além de atrasos no plantio.

Para as MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, o início do plantio foi interrompido por fortes chuvas (acumulado mensal de 200 mm a 300 mm) e temperaturas baixas (~11°C). O resultado são áreas de plantio encharcadas impossibilitando o avanço das operações de plantio.

Já para as MRG's de Chapecó e Xanxerê, as operações de plantio estão praticamente concluídas, lavouras em fases iniciais de desenvolvimento. Em função do excesso de chuvas e da menor radiação solar, o desenvolvimento das plantas fica prejudicado, contudo, não há registros de danos severos ou generalizados. Na MRG de São Miguel do Oeste, plantio concluído. Clima desfavorável por excesso de chuva, mas os produtores têm conseguido realiza os tratos culturais necessários para a fase de desenvolvimento da cultura. Lavouras apresentando desenvolvimento satisfatório a bom.

Para as MRG's de Campos de Lages, Joaçaba, Concórdia e Curitibanos, as operações de plantio ainda não foram iniciadas. Há previsão de plantio apenas para o início de novembro, devendo se estender até final de dezembro. As fortes chuvas e problemas de enxurradas (erosão) tem impedido o avanço do plantio. Expectativa de forte redução de área plantada nessas regiões.

Neste segundo mês de acompanhamento da 1ª safra 2026/27, estima-se o cultivo de aproximadamente 22 mil hectares, o que representa um recuo de mais de 18% em relação ao ciclo anterior. A produtividade média é estimada em 2.075 kg/ha, avanço de 6% na comparação anual. No entanto, diante da forte redução na intenção de plantio, a produção estadual inicial está projetada em 45 mil toneladas, volume 13% inferior ao obtido na temporada 2025/26. Para essa 1ª safra 2026/27, teremos uma retração expressiva da área cultivada, provocada pela combinação de altos custos de produção, baixa atratividade econômica da cultura e maior percepção de risco produtivo, agravada pela atuação do fenômeno El Niño na primavera e no verão.



Tabela 3 - Feijão 1ª Safra SC - Comparativo de safras – 2025/26 – 2026/27

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produt. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. Produção (%)	Área	Produt.	Produção
Araranguá	11	1.304	14	-	-	-	-	-	-	-
Blumenau	117	1.416	166	126	1.323	167	0,32	7,7	-6,5	0,6
Campos de Lages	3.655	1.863	6.808	3.175	2.080	6.605	12,70	-13,1	11,7	-3,0
Canoinhas	6.850	1.780	12.196	5.825	1.780	10.367	19,94	-15,0	0,0	-15,0
Chapecó	2.856	1.640	4.683	1.904	1.912	3.640	7,00	-33,3	16,6	-22,3
Concórdia	298	1.502	448	30	1.647	49	0,09	-89,9	9,6	-89,0
Criciúma	30	1.210	36	31	1.635	51	0,10	3,3	35,2	39,7
Curitibanos	1.379	1.799	2.481	1.200	2.312	2.774	5,34	-13,0	28,5	11,8
Itajaí	3	1.500	5	3	1.500	5	0,01	0,0	0,0	0,0
Ituporanga	915	1.984	1.815	245	1.980	485	0,93	-73,2	-0,2	-73,3
Joaçaba	2.649	2.409	6.381	2.649	2.409	6.381	12,27	0,0	0,0	0,0
Rio do Sul	687	1.900	1.306	523	1.889	988	1,90	-23,9	-0,6	-24,3
São Bento do Sul	530	1.557	825	150	1.558	234	0,45	-71,7	0,1	-71,7
São Miguel do Oeste	1.277	2.358	3.012	1.133	2.355	2.669	5,13	-11,3	-0,1	-11,4
Tabuleiro	305	1.800	549	305	1.800	549	1,06	0,0	0,0	0,0
Tijucas	55	1.585	87	55	1.585	87	0,17	0,0	0,0	0,0
Tubarão	250	1.212	303	290	1.193	346	0,67	16,0	-1,6	14,2
Xanxerê	4.704	2.315	10.890	4.109	2.370	9.739	18,73	-12,6	2,4	-10,6
Total Geral	26.571	1.957	52.003	21.753	2.075	45.136	86,79	-18,1	6,0	-13,2

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026



Grãos



Milho

Henrique Oldoni

Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa
henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

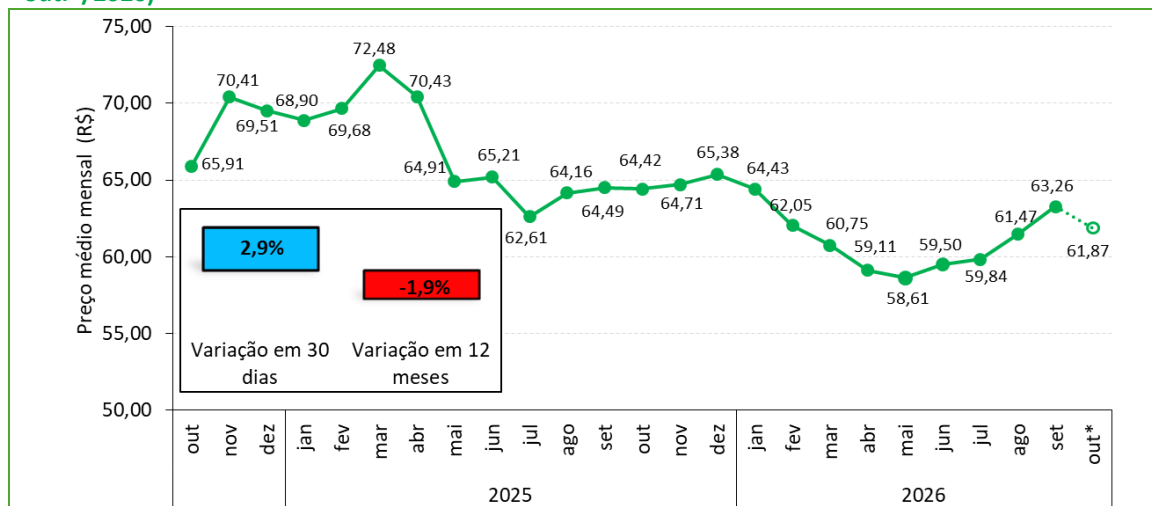
Haroldo Tavares Elias

Engenheiro-agrônomo, Dr.
htelias07@gmail.com

Mercado

Em agosto e setembro, o preço médio do milho pago ao produtor catarinense esboçou uma recuperação, atingindo R\$ 63,26 por saca em setembro (Figura 1). O valor representa alta de 2,9% em relação a agosto, embora ainda acumule recuo de 1,9% nos últimos 12 meses. Essa recuperação se deve em parte o mercado físico do milho no Brasil, sustentado pelo firme consumo doméstico das indústrias de etanol e proteína animal, somado à contenção da oferta por parte dos produtores no mercado disponível. No entanto, o avanço da colheita norte-americana e o ritmo cadenciado das exportações brasileiras limitaram ganhos mais expressivos, mantendo as cotações em patamar de equilíbrio. Contudo, a tendência não se sustentou no início de outubro, quando a cotação média caiu para R\$ 61,87/sc nos primeiros 13 dias do mês (Figura 1).

Figura 1 - Milho – SC: evolução do preço médio real mensal pago ao produtor – (out./2024 a out.*/2026)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de setembro/2026.

* Refere-se à média dos 13 primeiros dias do mês.

Fatores e perspectivas de mercado – outubro de 2026

A Tabela 1 apresenta os cinco fatores de mercado mais citados entre 7 e 14 de outubro 2026. O mercado brasileiro de milho ingressou em outubro com viés claramente baixista, sustentado, primordialmente, pela perda da janela de exportação brasileira, com embarques em setembro de 2026 significativamente inferiores aos de 2025. Também, pela valorização do Real, que retira a atratividade do cereal doméstico frente aos preços de Paranaguá, que operam com prêmios de até 13% sobre Chicago. A pressão negativa é intensificada pelo cenário externo, onde o USDA elevou as projeções de produtividade e estoques trimestrais nos EUA, coincidindo com o avanço da colheita norte-americana. No cenário interno, a perspectiva de



uma safra recorde de 148 milhões de toneladas pela Conab¹ e a maior flexibilidade de produtores ampliam a oferta disponível. Os fatores de alta permanecem relevantes, mas com maturação para o médio prazo, destacando-se a demanda crescente para etanol, a quebra histórica na safra europeia e a menor relação estoque/consumo global desde 2012.

Tabela 1 - Milho – Mercado: fatores e dinâmica predominantes entre 7 e 14 de outubro de 2026

Fator de mercado	Indicador	Nº de citações de maior impacto
Exportações brasileiras lentas e perda da janela de embarque	Baixista	6
Queda do dólar / real valorizado enfraquece paridade de exportação	Baixista	5
Expectativa de safra recorde no Brasil e oferta folgada	Baixista	5
Colheita dos EUA em andamento pressiona Chicago	Baixista	5
Demanda fraca: compradores afastados e apostando em quedas	Baixista	4
Demanda interna aquecida: etanol de milho e carnes	Altista	3
Quebra da safra europeia amplia demanda por importação	Altista	3

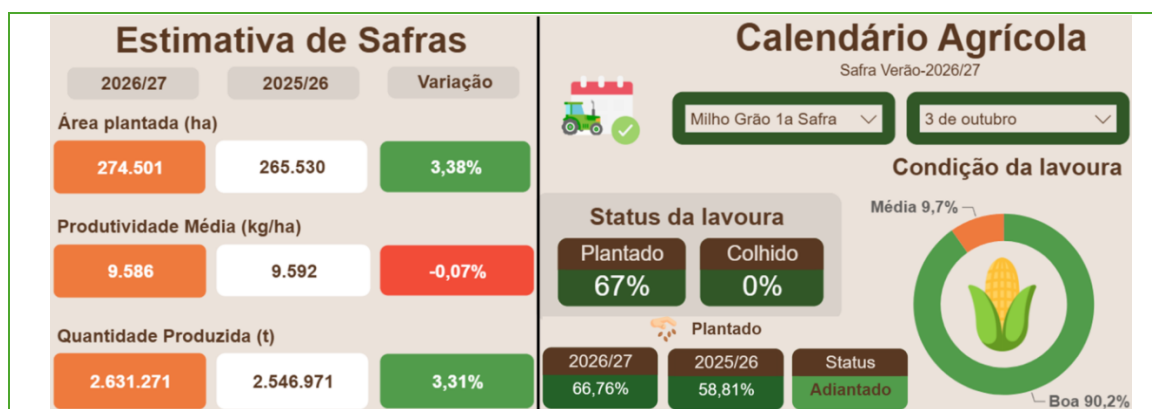
Elaboração: Epagri/Cepa, outubro/2026

Auxílio: Gemini e Google alerta

Milho grão – Safra 2026/27

A atualização da estimativa de safra na primeira semana de outubro aponta um aumento de 3,4% na área plantada de milho grão (1ª safra 2026/27) em Santa Catarina, atingindo 274,5 mil ha (Figura 2). Esse avanço é impulsionado, em grande parte, pelas previsões de um *El Niño* de intensidade muito forte, que leva produtores a optarem pelo milho em substituição a culturas mais vulneráveis ao excesso de umidade e à baixa luminosidade. Apesar da maior área, a produtividade média projetada permanece estável em relação ao ciclo anterior, estimada em 9,6 mil kg/ha. Isso leva a uma expectativa de produção de 2,63 milhões de toneladas (+3,3%).

Figura 2 – Milho grão 1ª safra – Estimativas e calendário agrícola (comparativo 2025/26 e 2026/27)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras/Infoagro.
<https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

¹ Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, nº1 – Primeiro levantamento | outubro 2026



Calendário – rito de plantio

A semeadura do milho grão está adiantada no estado, atingindo 67% da área prevista. Do total semeado, 90% das lavouras encontram-se em boas condições (Figura 2). O ciclo está mais adiantado no Oeste catarinense, onde as microrregiões de Xanxerê, Chapecó e São Miguel do Oeste já concluíram 100% do plantio. Em contrapartida, a região de Campos de Lages semeou apenas 15% da área estimada. Os dados detalhados por microrregião sobre o avanço do plantio, a situação e o desenvolvimento das lavouras constam na Tabela 2.

Tabela 2 - Avanço da semeadura e condições da safra por microrregião(set. – início de out./2026)

Microrregião	% Semeada até 03 out.	Condições/comentários principais
Chapecó	100	As lavouras encontram-se em desenvolvimento vegetativo (até V4). Períodos de sol favoreceram tratos culturais, mas episódios isolados de granizo e ventos fortes causaram danos localizados.
Xanxerê	100	Boa parte das lavouras estão em estágio V4. O ritmo de crescimento foi oscilante: beneficiado por dias ensolarados, mas prejudicado por períodos de alta nebulosidade e tempestades localizadas com granizo.
São Miguel do Oeste	100	Plantio finalizado, com lavouras entre V4 e V8. O desenvolvimento é considerado bom, beneficiado por janelas de temperaturas mais elevadas. No entanto, há alerta para a presença de cigarrinhas infectadas e pressão de pragas, exigindo controle rigoroso pelos produtores.
Concórdia	75	As lavouras apresentam boas condições gerais, mas o desenvolvimento é lento devido à alternância entre dias ensolarados e chuvas volumosas que causaram erosão pontual. A pressão de percevejos é intensa, enquanto a população de cigarrinhas diminuiu.
Curitibanos	70	O plantio avançou significativamente com a abertura de janelas de sol, principalmente na quarta semana de setembro. Contudo, o excesso de chuvas causou erosões, inundações pontuais e germinação irregular. Destaca-se também a forte pressão de percevejos e o recuo da cigarrinha.
Joaçaba	50	O avanço da safra ocorreu de forma irregular, com produtores aproveitando janelas curtas de tempo seco para o plantio, intercaladas por dias de chuva contínua que impediram as operações.
Campos de Lages	15	O plantio segue em ritmo lento e dificultoso devido à alta umidade do solo, que impede a entrada de máquinas. Foram registrados problemas na germinação e um desenvolvimento inicial lento.
Canoinhas e São Bento do Sul	55	O mês de setembro fechou com precipitações acima de 200 mm, mantendo rios no limite das calhas e algumas áreas alagadas. Apesar disso, as lavouras já estabelecidas apresentam boa germinação e desenvolvimento inicial satisfatório.
Ituporanga, Rio do Sul, Tabuleiro e Tijucas	40	A recorrência de chuvas volumosas no Alto Vale do Itajaí reduziu drasticamente as janelas de trabalho, impedindo a continuidade da semeadura. Em Tabuleiro, observa-se uma tendência de aumento na intenção de plantio de milho para mitigar riscos climáticos.
Araranguá, Criciúma e Tubarão	58-74	A região foi impactada por alta nebulosidade, baixas temperaturas, chuvas volumosas e enchentes; que causaram danos físicos, amarelecimento das plantas e atraso no plantio. O desenvolvimento vegetativo é lento e há expectativa de redução na produtividade.
Blumenau Itajaí e Joinville	23-25	O plantio está atrasado devido ao acumulado de chuvas. Observa-se erosão, desenvolvimento lento e amarelecimento das plantas (V5-V6) em função da baixa luminosidade e do frio.

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026



Importações e exportações de milho por Santa Catarina

No acumulado de janeiro a setembro de 2026, as importações de milho por Santa Catarina somaram 238,2 mil toneladas, volume 15,9% inferior ao registrado em igual período de 2025 (Figura 3). Em faturamento, a queda foi de 13,7%. O Paraguai manteve-se como a principal origem das compras, respondendo por 91,2% do total importado. A retração nos desembarques possivelmente reflete a maior liquidez e competitividade do milho da safrinha brasileira no mercado interno, o que tende a desestimular a compra externa. Quanto ao comércio exterior de milho e derivados, o estado exportou 76,9 mil toneladas no mesmo intervalo, retração de 40,9% na comparação anual, gerando US\$ 20,5 milhões (-33,2%). O recuo dos embarques pode estar associado à retenção do grão para o consumo doméstico pelas cadeias de aves e suínos do estado. O Irã figurou como o principal destino do produto catarinense, absorvendo 95,3% do volume exportado até setembro.

Figura 3 - Milho e derivados – Importações e exportações por Santa Catarina em 2026, no acumulado até setembro de 2026 e comparativo ao mesmo período de 2025

Importações	Exportações
Quantidade / Variação Quantidade importada (t) Variação 238.902 -15,89% ▼ Valor (US\$) / Variação (%) Valor importado (US\$) Variação 42,35 Mi -13,73% ▼	Quantidade / Variação Quantidade exportada (t) Variação 76.864 -40,93% ▼ Valor (US\$) / Variação (%) Valor exportado (US\$) Variação 20,52 Mi -33,17% ▼

Fonte: Observatório AgroCatarinense; Comex Stat/Mdic, outubro/2026

Safra Nacional

Segundo o 1º Levantamento da Conab² (outubro/2026), a primeira safra nacional de milho 2026/27 inicia-se com expansão de 10,7% na área cultivada, estimada em 4,54 milhões de hectares, e projeção de produção de 32,1 milhões de toneladas. Esse crescimento é impulsionado pela atratividade econômica do grão e pela demanda aquecida da indústria de etanol de milho em estados do Centro-Oeste e Sul. Até o início de outubro, a semeadura nacional alcançou 30,8% da área prevista, ritmo ligeiramente superior ao do ciclo passado, com destaque para os trabalhos na Região Sul. Somando-se as três safras, a produção brasileira de milho está estimada em 148,0 milhões de toneladas (+2,4% na comparação anual).

² Conab | Acompanhamento da safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, nº1 – Primeiro levantamento | outubro 2026



Soja

Henrique Oldoni

Engenheiro-agrícola, Dr. – Epagri/Cepa

henriqueoldoni@epagri.sc.gov.br

Haroldo Tavares Elias

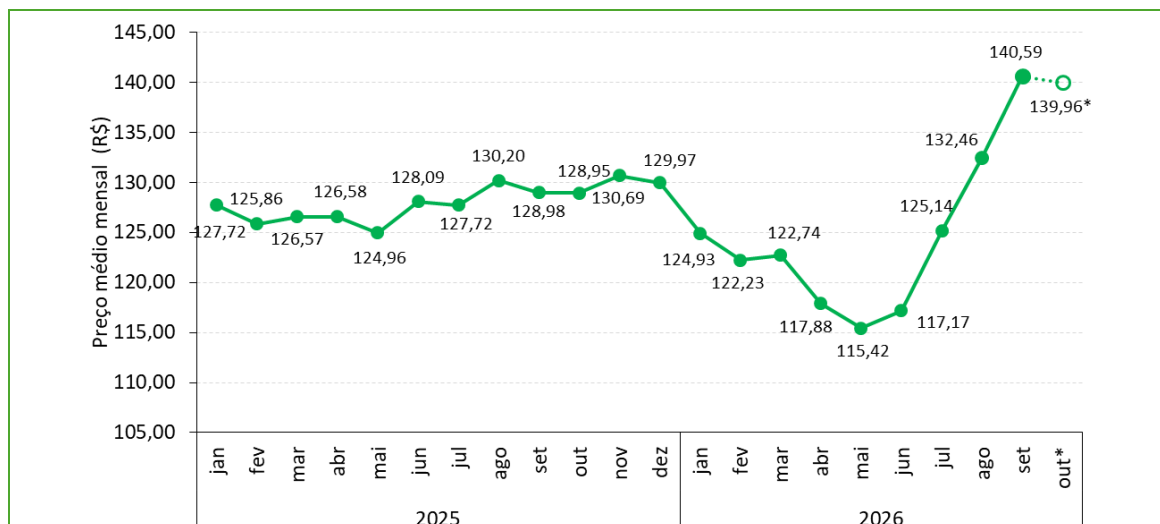
Engenheiro-agrônomo, Dr.

htelias07@gmail.com

Mercado

Em setembro, o preço médio pago ao produtor catarinense de soja registrou ascensão de 6,8% em relação ao mês anterior, atingindo a média de R\$140,59/sc (Figura 1), o maior valor real desde janeiro de 2024. No comparativo dos últimos 12 meses, a valorização acumulada chega a 9,0%. Esse comportamento sugere uma reação do mercado a um conjunto de fatores, possivelmente liderados pela escassez de grãos remanescentes da safra 2025/26, pelo ritmo acelerado das exportações e pela demanda aquecida pela indústria de esmagamento para a produção de farelo e óleo. O cenário aponta ainda para uma provável influência das incertezas climáticas da safra 2026/27, que teria adicionado um prêmio de risco às cotações, guardadas as devidas proporções frente ao teto imposto pela colheita norte-americana. Para o início de outubro deste ano, o indicativo é de estabilização dos preços, com uma média de R\$139,96/sc nos 13 primeiros dias do mês (Figura 1).

Figura 1 - Soja – SC: evolução do preço médio real mensal pago ao produtor por saca de 60kg (jan/2025 a out*/2026)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Preço médio mensal corrigido pelo IGP DI de setembro/2026.

(*) Refere-se à média dos 13 primeiros dias do mês.

Fatores que impactam o preço da soja (6 a 15 de outubro/2026)

O mercado da soja em outubro de 2026 atravessa um período de forte divergência de fundamentos, caracterizado pela oposição entre a oferta física recorde no Hemisfério Norte e os riscos produtivos no Hemisfério Sul. A divulgação do relatório do USDA³, que elevou as projeções de produtividade e estoques nos EUA, foi o principal catalisador de baixa (Tabela 1),

³ USDA | World Agricultural Supply and Demand Estimates | WASDE - 676 | 9 out. 2026.



levando os contratos em Chicago a testarem níveis de suporte importantes. No Brasil, o cenário é de baixa liquidez e negócios travados; a desvalorização do dólar (aproximando-se de R\$5,00) retira a competitividade da exportação e pressiona as cotações internas. Entretanto, esse movimento de baixa encontra suporte na forte tração da demanda chinesa e, sobretudo, no alerta climático gerado pelo *El Niño* na América do Sul, que adiciona um prêmio de risco ao início do plantio. Complementarmente, dados recentes indicam uma recuperação do câmbio para patamares acima de R\$5,00 em 15 de outubro, o que sinaliza uma possível volatilidade nos preços domésticos e mantém as cotações no Brasil sensíveis às oscilações da moeda norte-americana.

Tabela 1 - Soja – Mercado: principais fatores no período entre 6 e 15 de outubro de 2026

Fator de mercado	Indicador	Impacto	Nº de citações
Relatório USDA (oferta/estoques EUA)	 Baixista	Muito Alto	12
Avanço da colheita nos EUA	 Baixista	Alto	9
Câmbio (Queda do Dólar/Real Forte)	 Baixista	Alto	8
Demanda chinesa (novas compras)	 Altista	Médio/Alto	7
Ritmo do plantio no Brasil	 Baixista	Médio	6
Risco Climático / El Niño (América do Sul)	 Altista	Alto	5

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026.

Auxílio: Gemini e Google alerta.

Perspectivas de mercado futuro

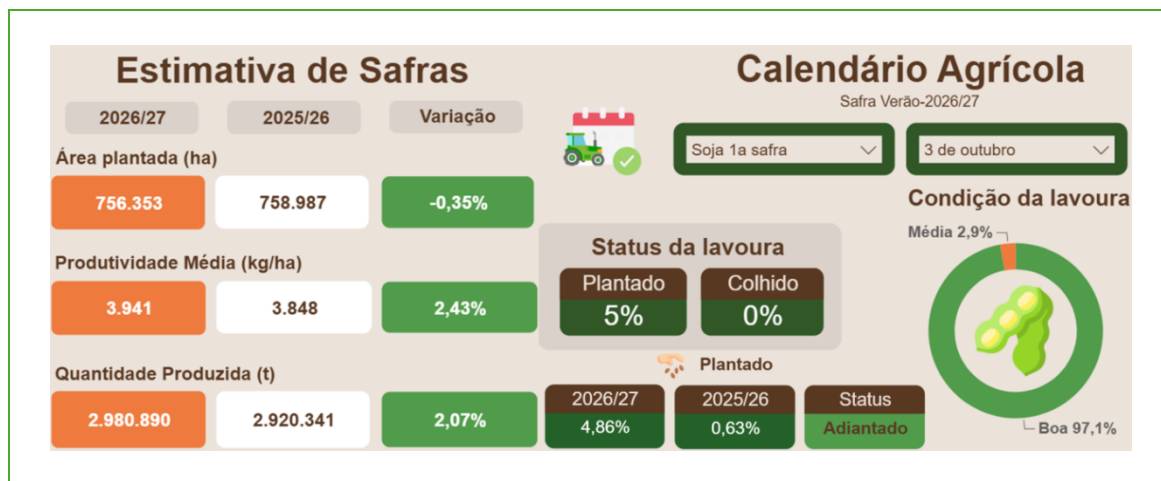
- Bolsa de Chicago (CBOT): A perspectiva é de estabilização sob pressão. O mercado já precificou a safra recorde americana, mas a manutenção de estoques globais em níveis baixos deixa os preços sensíveis a qualquer interrupção logística ou climática. O suporte psicológico em Chicago deve ser testado conforme a colheita nos EUA ultrapassa os 50%.
- Bolsa B3: A tendência para a soja brasileira é de estabilidade com viés negativo no curto prazo, dependente quase exclusivamente do câmbio. Contudo, para o produtor de Santa Catarina, o foco deve ser o prêmio de risco climático. O atraso ou excesso de chuvas no Sul (típico de *El Niño*) pode inverter o humor do mercado e elevar as cotações da B3 em busca de paridade com o risco de quebra na safra 2026/27.

Safra catarinense 2026/27

A estimativa para a 1ª safra 2026/27 indica uma ligeira retração de 0,35% na área destinada à soja no estado em relação ao mesmo ciclo 2025/26 (Figura 2), o que representa 2,6 mil hectares a menos. A redução reflete a cautela dos produtores diante do risco climático atrelado ao fenômeno *El Niño*, previsto com forte intensidade para outubro e novembro; porém, não expressiva devido às expectativas de ascensão dos preços. Em contrapartida, projeta-se ganho de produtividade nas lavouras de 2,4%, boa parte favorecido pela base de comparação da safra anterior, penalizada pela estiagem na Microrregião de Campos de Lages. Desse modo, a expectativa de produção é de 2,98 milhões de toneladas para a 1ª safra 2026/27; um aumento de 2,1% em relação à safra passada, impulsionado pelo ganho de rendimento das lavouras.



Figura 2 - Soja 1ª safra – Estimativas de safra e calendário agrícola – comparativo de safras 2025/26 e 2026/27



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026. Sistema de Acompanhamento de Safras/Infoagro.
<https://cepa.epagri.sc.gov.br/>

Calendário e condição das lavouras

Até a primeira semana de outubro, 5% da área prevista para plantio no estado foram semeadas, o que representa um adiantamento da safra em relação ao ciclo passado (Figura 2). Esse adiantamento se deve em parte pela preocupação dos produtores em aproveitar ao máximo as janelas de tempo firme.

O avanço da safra ocorre com maior expressividade no Oeste catarinense, liderado pela microrregião de Chapecó, que atingiu 20% da área prevista, seguida por São Miguel do Oeste com 14% e Xanxerê com 10%. Nas demais regiões, o plantio é incipiente ou nulo, com registros de apenas 1% em Canoinhas e São Bento do Sul. O principal fator limitante em todo o estado é o excesso de umidade no solo e a recorrência de chuvas volumosas associadas ao fenômeno *El Niño*, que saturam o terreno e impedem o tráfego de máquinas para a semeadura e tratos culturais. Além do entrave logístico, a baixa luminosidade e as temperaturas baixas do solo têm gerado cautela entre os produtores, que priorizam a finalização da safra de milho ou aguardam janelas de tempo firme para garantir uma germinação mais uniforme e evitar perdas por encharcamento.

No que tange ao estado fitossanitário, as lavouras catarinenses apresentam boas condições em mais de 97% da área total (Figura 2). A exceção pontual ocorre na microrregião de Xanxerê, que registra 90% de lavouras em condição boa, índice ligeiramente inferior à média estadual devido às instabilidades climáticas recentes.



Exportações de soja por Santa Catarina

Tabela 3 - Produtos do complexo soja: exportações por Santa Catarina em 2026, acumulado até setembro de 2026

Quantidade/Variação		No acumulado até setembro de 2026, as exportações do complexo soja em Santa Catarina somaram 1,28 milhão de toneladas (US\$ 584,77 milhões), com incrementos de 7,4% em volume e 19,2% em valor frente ao ano anterior. Esse desempenho possivelmente reflete a maior disponibilidade de excedente da safra 2025/26, aliada à valorização das cotações internacionais e ao câmbio favorável, fatores que ampliaram a competitividade e o faturamento do setor no período.
Quantidade exportada (t)	Variação	
1.279.956	7,44%	
Valor (US\$)/Variação (%)		
Valor exportado (US\$)	Variação	
\$584,77 Mi	19,20%	

Fonte: Observatório AgroCatarinense; Comex Stat/Mdic, outubro/2026

Safra Nacional

De acordo com o 1º Levantamento da Conab⁴, a safra brasileira de soja 2026/27 aponta para um cenário de expansão, com a área cultivada estimada em 49,3 milhões de hectares (+1,4% em relação ao ciclo anterior) e a produção nacional projetada em um volume recorde de 181,6 milhões de toneladas (+0,7%). Apesar de uma ligeira retração de 0,8% na produtividade média, prevista em 3.683 kg/ha, o incremento de área sustenta o crescimento da safra. Até o final de setembro, a semeadura nacional alcançou 9,4% da área prevista, superando a média histórica de 8,8% dos últimos cinco anos, com destaque para o avanço dos trabalhos nos dois maiores produtores do país, o Paraná (28,5%) e Mato Grosso (14,4%).

Figura 4 - Soja – Brasil: área, produção e rendimento da safra 2026/27 e comparativo com safra 2025/26

ÁREA	PRODUTIVIDADE	PRODUÇÃO
49.305,8 mil ha	3.683 kg/ha	181.616,6 mil t
+1,4%	-0,8%	+0,7%

Fonte: Conab, outubro/2026
Comparativo com safra anterior

⁴ Conab | Acompanhamento da Safra brasileira de grãos | v.14 – safra 2026/27, nº1 – Primeiro levantamento | outubro 2026



Trigo

João Rogério Alves

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

joaoalves@epagri.sc.gov.br

Mercado

No mercado brasileiro, os preços da saca de trigo recebido pelos produtores seguem firmes. Em Santa Catarina no mês de setembro, alta de 3,5%, fechando o mês em R\$73,47sc/60 kg. Na variação anual, alta de 1,34%. No Rio Grande do Sul, o preço médio mensal registrou uma variação positiva de 3,0%, e no Paraná, no mercado-balcão, alta de 4,8%.

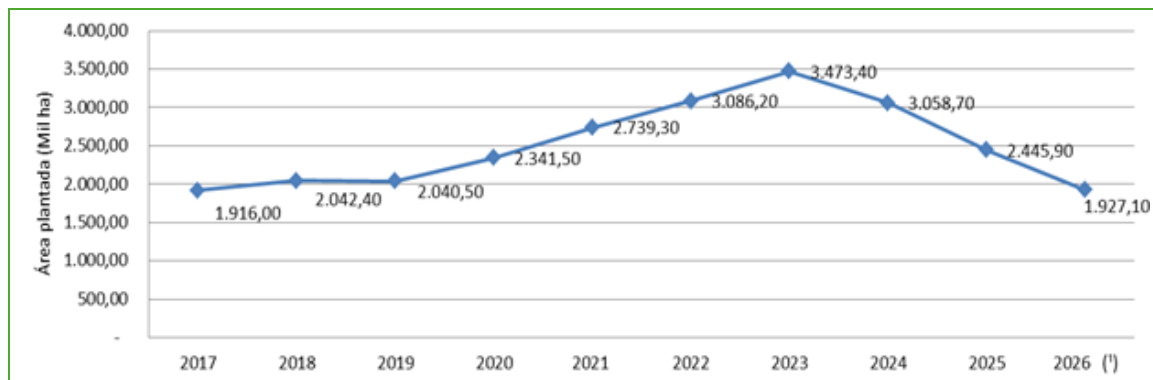
Tabela 1 - Trigo (Pão, PH 78, tipo 1) - Comparativo de preços pagos ao produtor (R\$/sc 60 kg)

Estado	Ago./26	Set./26	Variação mensal (%)	Set./25	Variação anual (%)
Santa Catarina	70,98	73,47	3,51	72,50	1,34
Goiás	84,00	84,00	0,00	78,00	7,69
Minas Gerais	87,60	89,86	2,58	78,38	14,65
Mato Grosso do Sul	78,00	79,59	2,04	68,50	16,19
Rio Grande do Sul	69,82	71,90	2,98	68,38	5,15
Paraná	74,90	78,47	4,77	71,62	9,56

Erro! Vínculo não válido.Fonte: Epagri/Cepa (SC), Conab (GO, MG, MS, RS), Deral (PR), outubro /2026

No panorama geral do mercado nacional, essa safra vem sendo marcada por uma redução importante na área plantada em função das previsões de clima adverso. O Brasil registra a menor área plantada de trigo desde 2017, menos de 2,0 milhões de hectares. Além do desestímulo inicial dos produtores em função do mercado nacional, as lavouras da Região Sul vêm sendo severamente castigadas por excesso de chuvas, umidade, granizo e geadas na fase de colheita e maturação.

Figura 1 - Trigo - BR: evolução da área plantada - (2017 a 2026*)



Fonte: Conab, 2026.

(*) Previsão.

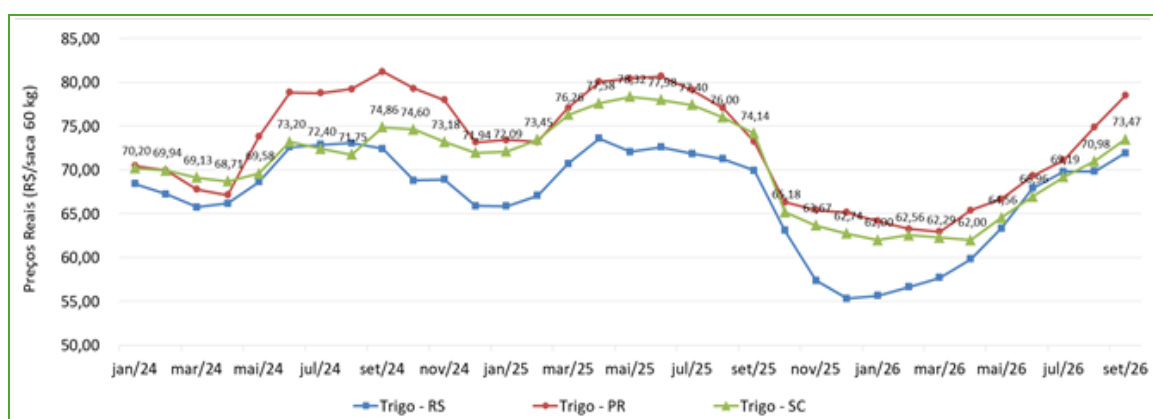
Com uma menor oferta, o país certamente deverá aumentar suas importações. A produção brasileira projetada caiu para apenas 6,3 milhões de toneladas. Como consequência, a indústria nacional estima importar até 7,5 milhões de toneladas para suprir a demanda interna de 2027, encarecendo os custos dos moinhos devido ao dólar alto e fretes marítimos.



Os preços recebidos pelos produtores de trigo seguem um padrão sazonal bem definido. Essa dinâmica decorre da capacidade de estocagem do grão e da existência de duas safras anuais em momentos distintos, uma no Hemisfério Norte e outra, no Hemisfério Sul, cujas ofertas se integram no mercado global via Bolsa de Mercadorias de Chicago. No Brasil, o comportamento esperado reflete-se em cotações mais altas entre maio e outubro e mais baixas de novembro a abril, quando ocorre a colheita nacional.

Em 2026, o mercado manteve a sazonalidade típica, desenhando uma trajetória ascendente a partir de abril/maio. A baixa oferta nacional e mundial tem sustentado os preços em uma trajetória firme. Além disso, adversidades climáticas e tensões geopolíticas persistem no atual cenário, com reflexos diretos na precificação do produto no mercado interno.

Figura 1 - Trigo - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (jan. /2024 a set. /2026)



Preços corrigidos pelo IGP DI

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Safra Mundial

A perspectiva global para o trigo em 2026/27 para o mês de setembro, divulgada pelo Departamento de Agricultura do Estado Unidos, aponta para uma redução de 2,6% na produção mundial, quando comparada com a safra 2025/26. Por outro lado, o consumo global vem aumentando gradualmente, chegando a 826,8 milhões de toneladas, 0,3% acima do observado na safra passada. As exportações mundiais deverão reduzir aproximadamente 7,0%, alcançando 211 milhões de toneladas, enquanto que as importações também deverão cair em 6,4%. As projeções para os estoques globais finais de 2026/27 são projetadas em 276 milhões de toneladas, redução de 1,5% quando comparado a safra 2025/26.

Tabela 2 - Trigo grão – Mundo: quadro de oferta e demanda (milhões de toneladas)

Safra	Estoque Inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque Final
2024/25	269,94	799,10	201,85	1.270,89	808,45	210,90	260,59
2025/26 ⁽¹⁾	260,59	843,99	221,58	1.326,16	823,98	227,64	280,60
2026/27 ⁽²⁾	280,60	822,43	207,48	1.310,51	826,75	211,77	276,29

Fonte: WASDE/USDA, outubro/2026

⁽¹⁾ estimativa ⁽²⁾ projeção.

Nota: Estimativa em setembro /2026.



Safra Brasileira

O monitoramento dos estágios fenológicos das lavouras da Conab, até a semana de 26 de setembro a 02 de outubro de 2026, aproximadamente 36,6% da área cultivada com trigo em todo país já havia sido colhida. Para as lavouras a campo, apenas 2,5% da área encontra-se em desenvolvimento vegetativo; 11,4% em floração; 27,8% em enchimento de grãos e 22,0% em maturação. No panorama nacional, segundo o Boletim de Monitoramento Semanal das Condições das Lavouras da Conab do dia 05 de outubro de 2026, no Rio grande do Sul, as primeiras áreas colhidas vêm confirmando as previsões iniciais de redução de produtividade e qualidade. Em muitas regiões, tempestades e granizo causaram danos irreversíveis, sobretudo nas lavouras em enchimento de grãos e maturação. Os dias nublados, a elevada umidade e as temperaturas amenas têm favorecido as doenças de espiga, como giberela e brusone. No Paraná, a situação não é diferente, e o avanço da colheita depende de tempo seco e da redução da umidade dos grãos. Em São Paulo, o trigo está comprometido pelas fortes chuvas. O que já foi colhido apresenta-se praticamente todo abaixo do padrão e o que permanece em campo aguarda melhores condições para a colheita. Em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, a colheita foi encerrada.

Safra Catarinense

Até a última semana de setembro, aproximadamente 14% da área destinada ao cultivo de trigo no estado já havia sido colhida. Atualmente, 85% das áreas apresentam boas condições, enquanto 15% são classificadas como média. Em aproximadamente 44% da área plantada no estado, as lavouras encontram-se em fase maturação; 47% estão em fase de floração e apenas 9% em fase de desenvolvimento vegetativo.

Nas MRG's (microrregiões geográficas) de Chapecó e Xanxerê, que respondem por 38% da produção estadual, podemos encontrar lavouras em diferentes estágios de desenvolvimento, que vão desde o espigamento, enchimento de grãos, maturação, até a fase de colheita. O excesso de chuvas, associado a ventos fortes tem causado o acamamento de plantas em muitas lavouras, sobretudo naquelas que estão em fase de maturação. Nas áreas colhidas, a produtividade tem variado de 2.220 a 3.300 kg/ha.

Na MRG de São Miguel do Oeste, onde os cultivos ocorrem mais cedo, o alto volume de chuvas prejudicou a colheita do trigo precoce. Produtores realizaram controle de para doenças fúngicas (giberela). Ventos fortes também provocaram acamamento. As áreas já colhidas registraram produtividades variando entre 2.600 e 3.200 kg/ha.

Nas MRG's de Curitiba, Concórdia e Joaçaba, que juntas respondem por 22% da produção estadual, o mês de setembro foi marcado pelo excesso de chuvas. Segundo técnicos da região, as lavouras estão no limite de tolerância ao excesso hídrico, muito embora, o controle fitossanitário feito pelos produtores tenha evitado maiores danos fitossanitário, contudo a expectativa para a safra ainda é boa. Na MRG de Joaçaba, houve relatos de incidência de oídio, manchas foliares e ferrugem no trigo devido às condições de baixa luminosidade, excesso de chuva e ocorrência de granizo.





Na MRG de Campos de Lages, excesso de chuva, alta umidade do ar e dias muito nublados marcou o mês de setembro. Com isso, o desenvolvimento vegetativo é lento nas poucas lavouras que registraram plantio na região. Há relatos de incidência de problemas fitossanitários (doenças). Situação semelhante acontece nas MRG's de Canoinhas e São Bento do Sul, onde o mês de setembro registrou volumes de chuvas acumulados variando de 200 mm a 300 mm.

Para a safra 2026/27, a expectativa até o momento é de uma redução de aproximadamente 35% na área plantada em comparação com a safra passada. Da mesma forma, a produtividade também deverá cair: a estimativa é de diminuição de 2,8% na produtividade média do estado. Assim, prevê-se que, ao final da safra, a produção seja de aproximadamente 243 mil toneladas do cereal, volume que representa uma redução de 36% em comparação à temporada anterior.

Tabela 3 - Trigo - Comparativo de safras

Microrregião	Safra 2025/2026			Estimativa Safra 2026/2027				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Participação Produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Araranguá	567	3.098	1.756	-	-	-	-	-	-	-
Campos de Lages	3.680	3.455	12.714	1.476	3.617	5.338	1,97	-59,89	4,69	-58,01
Canoinhas	16.700	3.488	58.245	10.355	3.489	36.124	13,31	-37,99	0,02	-37,98
Chapecó	22.208	3.538	78.562	18.590	3.412	63.426	23,36	-16,29	-3,55	-19,27
Concórdia	2.310	4.052	9.361	1.555	3.977	6.185	2,28	-32,68	-1,86	-33,93
Criciúma	419	3.157	1.323	165	2.894	478	0,18	-60,62	-8,33	-63,90
Curitibanos	15.750	4.577	72.083	8.195	4.182	34.271	12,62	-47,97	-8,63	-52,46
Ituporanga	1.190	2.399	2.855	670	2.743	1.838	0,68	-43,70	14,34	-35,62
Joaçaba	7.540	3.875	29.216	5.111	3.863	19.745	7,27	-32,21	-0,30	-32,42
Rio do Sul	1.125	2.470	2.779	820	2.321	1.903	0,70	-27,11	-6,05	-31,52
São Bento do Sul	700	3.343	2.340	500	3.340	1.670	0,62	-28,57	-0,09	-28,63
São M. do Oeste	11.120	3.552	39.504	8.445	3.501	29.565	10,89	-24,06	-1,45	-25,16
Tabuleiro	57	3.100	176,7	-	-	-	-	-	-	-
Tubarão	401	3.008	1.206	50	2.800	140	0,05	-87,53	-6,93	-88,40
Xanxerê	20.780	3.415	70.954	12.410	3.444	42.741	15,74	-40,28	0,87	-39,76
Santa Catarina	104.547	3.664	383.075	68.342	3.562	243.423	100,00	-34,63	-2,79	-36,46

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026



Hortalças

Alho 33

Cebola..... 37



Hortaliças



Alho

Lillian Bastian

Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado – Preço no mercado atacadista

O preço do alho no atacado catarinense se alterou levemente em relação ao mês anterior, indicando que o abastecimento interno tem se mantido em patamares relativamente estáveis. Em valores deflacionados o valor pago em setembro, ficou em R\$14,95 ante um preço de R\$14,97 em agosto. Uma variação negativa de -0,1%. No comparativo com o mesmo mês do ano passado a variação foi de -27,4%. Naquele mês os preços estavam em R\$20,58 o quilo. Analisando-se o comportamento do preço, no atacado, para um período um pouco mais longo, relata-se que, desde maio de 2026, houve recuperação de 25,6% nos preços. Já no ano passado o comportamento dos preços foi em sentido oposto ao verificado neste ano. De junho a setembro de 2025, os preços reduziram 21,2%. De forma geral, no ano passado, a safra de alho brasileira, mais volumosa, fez os preços caírem, mês a mês. Os preços deflacionados para um período de dois anos podem ser visualizados na Figura 1.

Figura 1 - Alho – SC: evolução do preço médio mensal ao atacado, em reais – (set./2024 a set./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para setembro de 2026.

Embora não seja o preço ao produtor, dado que atualmente a safra catarinense encontra-se em desenvolvimento vegetativo, o preço no atacado é indicativo de tendência do preço ao produtor e a expectativa, para o alhicultor catarinense, é que os preços no atacado continuem a subir.



Safra Catarinense

A maior parte das lavouras segue com boa condição. Conforme a imagem ao lado, uma pequena parte, em torno de 12%, está em condições médias. Há relatos de aparecimento de bacterioses e da larva-da-delia (*delia antiqua*). Os alhicultores estão conseguindo fazer o controle com aplicação de maior volume de defensivos. Em torno de 70% das lavouras estão em diferenciação, fase que precisa de incidência de sol para os bulbos se desenvolverem bem, no entanto, em função do *El Niño*, o cenário tem sido outro e há um desenvolvimento mais lento da cultura.

Na tabela 1, constam as estimativas para a safra em curso. Essas expectativas de produção, produtividade e área se mantêm inalteradas em relação às estimativas do boletim anterior.



Tabela 1 - Alho – SC: distribuição Microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safr 2025/26			Estimativa Safr 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Campos de Lages	16	9.938	159	10	9.900	99	1,41%	-37,50	-0,38	-37,74
Curitibanos	405	11.894	4.817	348	10.958	3.814	54,15%	-14,07	-7,86	-20,83
Joaçaba	326	11.847	3.862	265	11.811	3.130	44,44%	-18,71	-0,30	-18,95
Total Geral	747	11.831	8.838	623	11.304	7.043	100,00%	-16,60	-4,45	-20,31

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026.

Custo de produção

O custo de produção do alho possui como referência temporal o mês de abril, porque é o período em que são comprados os insumos para implantação dos canteiros e lavouras. O custo de produção referencial pode ser usado como um parâmetro de preço a ser recebido pelos agricultores na venda do alho. O custo de produção de um hectare de alho, conforme o sistema de produção mais típico do estado catarinense, incluindo custos com insumos, operação mecânica (diesel e reparos), mão-de-obra, serviço terceirizado, comercialização agrícola, transporte, despesa financeira, tributos, despesas gerais e depreciação anual dos ativos físicos do estabelecimento (benfeitorias, máquinas, implementos, equipamentos) foi estimado em R\$89.672,61 em abril de 2026.

De acordo com os coeficientes técnicos que embasam esse custo, a produção prevista, em condições normais, seria de 10 toneladas por hectare. Desta forma, o preço a ser recebido pelo agricultor para cobrir os custos deveria ser de no mínimo R\$8,96 o quilo. No entanto, as tecnologias, insumos e o manejo se aprimoraram desde a definição dos coeficientes que embasam esse custo, e a produtividade pode atingir níveis mais elevados usando a mesma quantidade de insumos especificados acima. Entretanto, ainda é necessário considerar que o volume produzido depende das condições climáticas. Como estamos em um ano de *El Niño*, as estimativas de produtividade para o estado estão cotadas em 11,3 toneladas por hectare.



Atingindo este patamar de produtividade, o preço mínimo a ser recebido pelo agricultor por cada quilo de cebola reduz, chegando a R\$7,93.

O custo de abril de 2026 é 8% menor do que o custo de abril de 2025, que era de R\$97.017,06, em valores nominais. Essa queda deve-se à diminuição no custo do alho semente, que retraiu quase 41%. As sementes puxaram para baixo o custo porque representam 20,4% do custo total da produção do alho catarinense. Devido a esse peso mais significativo, as variações positivas de 20,5%, nos serviços de mão-de-obra e de 9% nos serviços mecânicos, não aumentaram o custo.

Importações

No mês de setembro foram importadas 6,62 mil toneladas. Esse volume é 30,4% menor do que o importado em agosto e 38,2% inferior ao importado em setembro de 2025. A redução no volume importado vem ocorrendo desde o mês de maio. Conforme a Tabela 2, o volume incorporado ao mercado interno arrefeceu de agosto para setembro em 2024 e intensificou-se no mesmo bimestre de 2025. Conforme havia sido mencionado no boletim anterior, realmente o volume incorporado ficou em patamares intermediários aos aportados nos dois anos anteriores.

Tabela 2 - Alho – Brasil: evolução do volume das importações mensais – (jan./2024 a set./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	14,89	15,77	15,87	16,36	16,67	13,27	12,94	7,96	1,98	4,62	6,39	18,87	145,57
2025	15,32	14,62	15,97	20,11	17,74	15,25	10,48	8,30	10,73	4,43	4,69	21,14	158,78
2026	13,76	17,74	16,66	14,28	19,47	13,75	13,20	9,52	6,62				125,00

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026.

Em mil toneladas

Isso ocorre porque o volume da safra atual brasileira está em patamares menores, embora em boa qualidade, com bulbos de calibre superior, que são um resultado de investimentos no setor, com melhorias na irrigação e uma boa seleção de sementes.

Os dispêndios financeiros com a importação são mencionados na Tabela 3. Houve redução de 15,2% em relação ao mês passado e de 9,6% em relação ao mesmo mês de 2025. Assim como foi registrado para o volume incorporado do produto, esse é o quinto mês em que ocorre redução nos dispêndios financeiros com a importação de alho pelo Brasil. Essa redução está relacionada com a entrada no mercado nacional do produto de origem interna, que diminui a demanda por produto de origem externa.

Tabela 3 - Alho – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a set./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	16,34	17,83	20,48	24,10	24,33	18,14	16,10	8,94	2,51	5,62	7,48	25,65	187,50
2025	21,41	21,04	22,45	26,73	25,05	24,13	12,35	8,66	11,24	4,58	5,68	28,10	211,42
2026	17,64	20,83	0,00	18,45	25,12	18,52	17,20	11,98	10,16	-	-	-	139,90

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026.

Valores nominais em milhões de dólares americanos



O preço do quilo do alho importado teve um aumento em relação aos outros meses de referência sendo cotado a R\$1,53 ante um preço de R\$1,25 em agosto de 2026 e R\$1,04 em setembro de 2025.

Grande parte do alho importado, em setembro de 2026, veio da China, contabilizando 81%. Um volume de 18% adveio do Egito e 1% originou-se da Espanha e da Turquia. Esses volumes se confrontam, de certa forma, com os dispêndios. Com a aquisição do alho chinês, foram alocados 70% dos recursos e com o alho egípcio, 29%. Não chegando a 1% o que foi gasto com a compra do alho turquês e espanhol. Esses percentuais indicam que o alho chinês foi adquirido a um preço menor do que o alho egípcio. Em dólares, o alho chinês custou, em média, ao quilo US\$1,33, ao passo que o alho egípcio custou US\$2,44 o quilo. Uma diferença bem significativa e que destaca porque a entrada do alho chinês tem competido negativamente com o alho brasileiro, justamente pelo seu baixo preço.



Cebola

Lillian Bastian

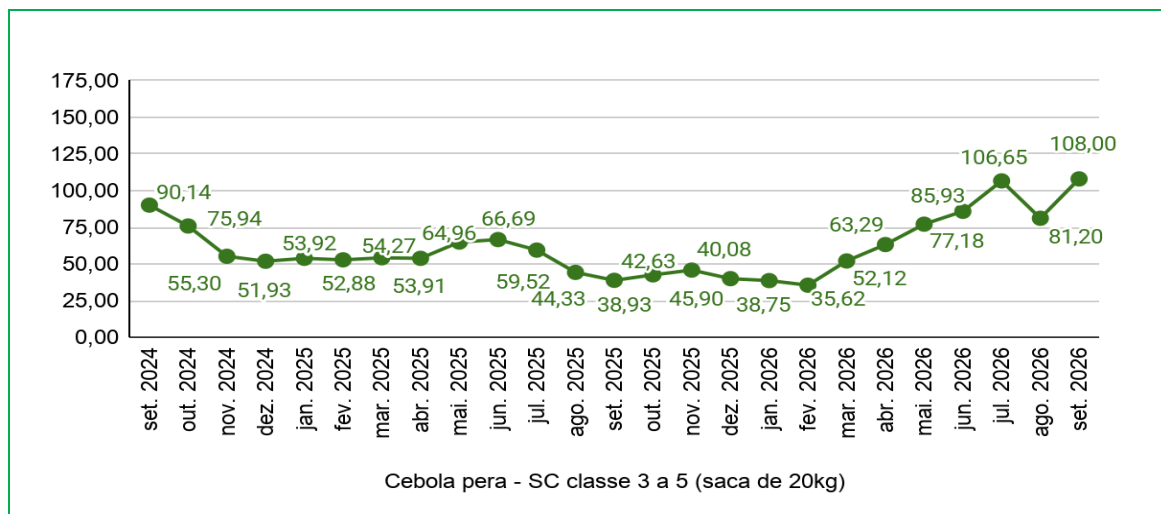
Desenvolvimento Rural, Dra – Epagri/Cepa

lillianbastian@epagri.sc.gov.br

Mercado - preço no mercado atacadista

De agosto para setembro houve uma reação no preço da cebola no mercado atacadista. Em setembro, o preço da cebola no atacado catarinense foi cotado a R\$108,00 a saca de 20 quilos. O preço de R\$5,40 o quilo é 33% superior ao preço registrado em agosto, que foi de R\$4,06 o quilo. No comparativo com o mesmo mês do ano passado, a variação é de 177,4%, pois naquele mês o preço foi registrado em R\$1,94 o quilo. A oscilação positiva do atual bimestre (agosto/setembro) confronta-se com a oscilação negativa do bimestre anterior (julho/agosto). A despeito dessas oscilações nos preços nos últimos quatro meses, os preços do segundo semestre de 2026 seguem melhor cotados do que aqueles do segundo semestre de 2025, como se visualiza na figura 1.

Figura 1 - Cebola – SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado, em reais – (set./2024 a set./2026)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Preço médio mensal. Em valores deflacionados conforme o IGP-DI/FGV para setembro de 2026.

A disponibilidade de cebolas no mercado segue mais regulada, devido à redução na área da safra atual, provocada pelos baixos preços registrados na safra passada. A oferta mais controlada tem influenciado o preço no atacado. As colheitas nas principais praças brasileiras se intensificaram e algumas chegaram próximas ao fim. O pico da safra das regiões do bioma Cerrado, Minas Gerais e São Paulo foi atingido em agosto. Em algumas regiões, houve atrasos na colheita e perda da qualidade pelas dificuldades na cura pelo excesso de umidade. Em Cristalina, Goiás, houve uma boa produtividade.



Safra catarinense

A maior parte das lavouras seguem se desenvolvendo bem. Uma pequena porção equivalente a 10% encontra-se em situação média. Em torno de 17% das lavouras estão entrando no estágio fenológico de bulbificação, conforme figura ao lado. Há algum atraso no desenvolvimento fenológico provocado pela pouca presença do sol e chuvas acima da média histórica. Em alguns poucos canteiros foi relatada a ocorrência de algumas doenças fúngicas (míldio e botrytis) e erosão.

As estimativas de safra continuam praticamente as mesmas, com uma leve atualização na produtividade de Rancho Queimado, na qual constatou-se o aparecimento mais intenso de doenças fúngicas. Para esse município houve uma atualização de uma expectativa de 25 toneladas por hectare para 23,7 toneladas por hectare. Na tabela que segue logo a seguir constam área, produção e produtividade por microrregiões.



Tabela 1 - Cebola – SC: distribuição microrregional – Comparativo entre área de plantio, produtividade e produção – Safras 2025/26 e 2026/27

Microrregião	Safra 2025/26			Estimativa Safra 2026/27				Variação (%)		
	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (t)	Particip. produção (%)	Área	Produtiv.	Produção
Blumenau	3	20.000	60	0	0	0	0,00%	-100,00	-100,00	-100,00
Campos de Lages	1.215	31.081	37.764	1.080	34.699	37.475	7,53%	-11,11	11,64	-0,77
Canoinhas	170	43.235	7.350	170	43.235	7.350	1,48%	0,00	0,00	0,00
Curitibanos	312	45.833	14.300	277	42.700	11.828	2,38%	-11,22	-6,84	-17,29
Ituporanga	8.723	34.211	298.422	7.510	30.513	229.150	46,02%	-13,91	-10,81	-23,21
Joaçaba	1.797	40.857	73.420	1.155	38.797	44.810	9,00%	-35,73	-5,04	-38,97
Rio do Sul	1.757	32.461	57.034	1.644	29.749	48.907	9,82%	-6,43	-8,36	-14,25
Tabuleiro	3.861	27.149	104.823	3.256	26.912	87.627	17,60%	-15,67	-0,87	-16,40
Tijucas	1.282	28.748	36.855	1.230	25.000	30.750	6,18%	-4,06	-13,04	-16,56
Santa Catarina	19.120	32.951	630.028	16.322	30.505	497.897	100,00%	-14,63	-7,42	-20,97

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Custo de produção

O custo de produção da cebola possui como referência temporal o mês de abril, porque é o período em que são adquiridos, pelos agricultores, os insumos para implantação dos canteiros e lavouras. O custo de produção referencial pode ser usado como um parâmetro de preço a ser recebido pelos agricultores na venda das cebolas. O custo de produção de um hectare de cebola, conforme o sistema de produção mais típico do estado catarinense, incluindo custos com insumos, operação mecânica (diesel e reparos), mão-de-obra, serviço terceirizado, comercialização agrícola, transporte, despesa financeira, tributos, despesas gerais e depreciação anual dos ativos físicos do estabelecimento (benfeitorias, máquinas, implementos, equipamentos) foi estimado em R\$49.244,13.

De acordo com os coeficientes técnicos que embasam esse custo, a produção prevista em condições normais seria de 25 toneladas por hectare. Desta forma, o preço a ser recebido pelo



agricultor para cobrir os custos deveria ser de no mínimo R\$1,96 o quilo. No entanto, as tecnologias, insumos e o manejo se aprimoraram desde a definição dos coeficientes, e a produtividade pode atingir níveis mais elevados usando a mesma quantidade de insumos especificados acima. Entretanto, ainda é necessário considerar que, como estamos em um ano de *El Niño*, as estimativas de produtividade para o estado estão cotadas em 30,5 toneladas em média por hectare. Atingindo este patamar de produtividade, o preço mínimo a ser recebido pelo agricultor por cada quilo de cebola reduz, chegando a R\$1,61.

O custo de abril de 2026 é 12,2% mais elevado do que o custo de abril de 2025, que era de R\$43.899,17, em valores nominais. Esse aumento está relacionado com os conflitos bélicos no Oriente Médio, que provocaram um aumento no preço do petróleo, encarecendo o custo dos fertilizantes e do frete. No entanto, a maior variação no custo de produção da cebola, de acordo com os dados da Epagri/Cepa, é na mão de obra, que se elevou 20,5%. No setor das hortaliças, a mão-de-obra é fundamental, pois há um menor potencial de mecanização. No momento da colheita é necessário fazer uma seletividade e julgamento acerca da qualidade do produto, bem como, o manejo deve ser delicado.

Importações

Houve um aumento de 337% no volume importado de cebolas entre agosto e setembro. Conforme a Tabela 2, foram importadas mais de 2 mil toneladas em setembro. Esse aumento é sintomático do abastecimento interno de cebolas, que está bem mais restrito do que o verificado no ano passado. Justamente por essa razão que, o volume importado, quando em comparação com o mesmo mês do ano passado, é maior em 7.652%. No ano passado o volume importado encontrava-se em queda, culminando na ausência de importação destes bulbos em outubro.

Tabela 2 - Cebola – Brasil: evolução do volume das importações mensais (jan./2024 a set./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	5.018	22.930	48.987	83.672	65.851	23.255	2.310	3.040	329	1.295	475	268	257.430
2025	308	2.584	19.075	29.422	60.207	22.391	2.477	137	26	0	327	882	137.835
2026	186	417	23.355	42.265	53.502	38.108	9.450	461	2.016				169.760

Fonte: Comex Stat/MDCS, outubro/2026. Em toneladas.

Acompanhando o aumento no volume importado, os dispêndios financeiros que o país teve com essa importação aumentaram em 323% no comparativo com o mês de agosto. E, em comparação com o mesmo mês do ano passado, foram de 6.424%. Conforme a Tabela 3, foram gastos mais do que US\$1.205 mil com a incorporação dos bulbos ao mercado nacional.

Tabela 3 - Cebola – Brasil: evolução dos custos das importações mensais – (jan./2024 a set./2026)

Ano	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Total
2024	1.665	5.150	15.351	28.549	23.019	6.954	1.155	1.442	148	521	280	172	84.407
2025	199	573	4.057	5.106	9.749	3.913	451	29	18	-	225	523	24.843
2026	139	116	5.408	10.250	15.299	12.412	2.844	285	1.205				47.958

Fonte: Comex Stat/MDIC, outubro/2026. Valores nominais em mil dólares americanos.

O preço pago por cada quilo de cebola em setembro foi de US\$0,59 em média, sendo menor, tanto em relação ao mês de agosto, quando foi cotado em US\$0,61, como em relação ao mesmo mês do ano passado, quando estava em US\$0,71.

Os países fornecedores foram a Espanha e os Países Baixos. O primeiro país foi a origem de 78% das cebolas trazidas do exterior. E o segundo países forneceu os outros 22%, aproximadamente, de cebolas consumidas pelos brasileiros. O preço médio pago pelo quilo da cebola espanhola foi de US\$0,59, já o preço da cebola holandesa foi de US\$0,62.



Pecuária

Avicultura	41
Bovinocultura	47
Suinocultura	51
Leite	57



Avicultura

Alexandre Luís Giehl

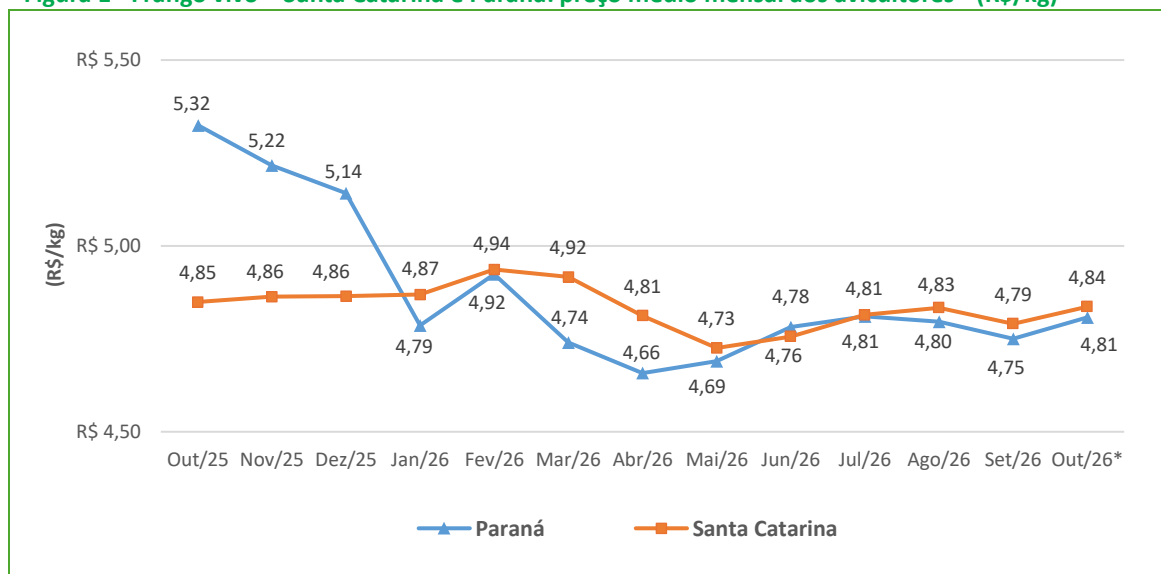
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de outubro deste ano, os preços do frango vivo apresentaram altas nos dois principais estados produtores: 1,2% no Paraná e 1,0% em Santa Catarina, na comparação com o mês anterior. Em relação aos preços de outubro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificaram-se quedas nos dois estados: -9,7% no Paraná e -0,3% em Santa Catarina.

Figura 1 - Frango vivo – Santa Catarina e Paraná: preço médio mensal aos avicultores (R\$/kg)**



Fonte: Epagri/Cepa (SC); Seab (PR)

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

** Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da agroindústria.

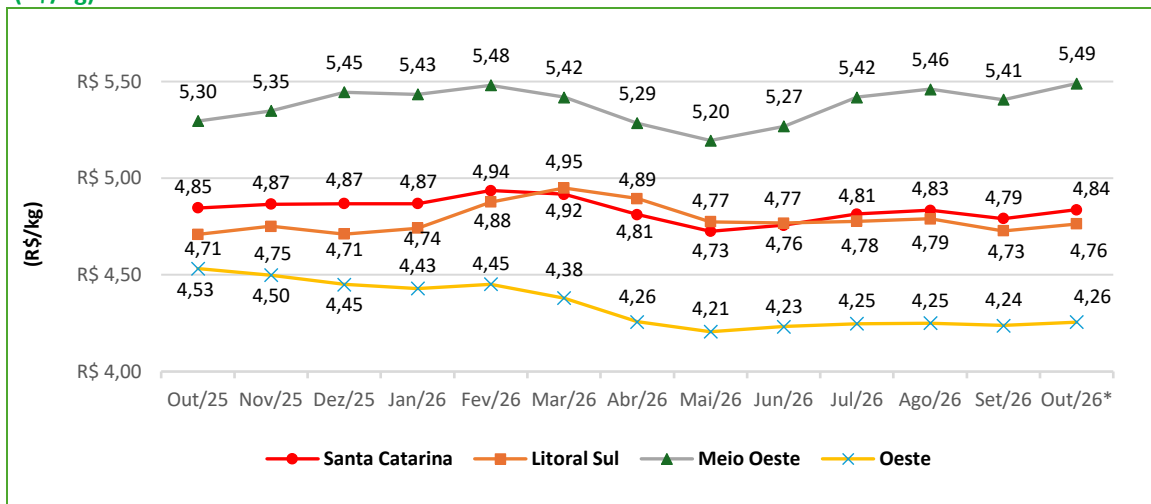
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

Os preços do frango vivo também registraram altas nas principais regiões catarinenses em que a Epagri/Cepa realiza levantamentos: 1,6% no Meio Oeste, 0,8% no Litoral Sul e 0,4% no Oeste, na comparação entre os preços da primeira quinzena de outubro e as médias do mês anterior.

Ao comparar os valores atuais com os de outubro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas nas regiões Meio Oeste (3,7%) e Litoral Sul (1,2%), enquanto na região Oeste registrou-se queda (-6,1%).



Figura 2 - Frango vivo – Santa Catarina: preço médio pago ao produtor nas principais regiões do estado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

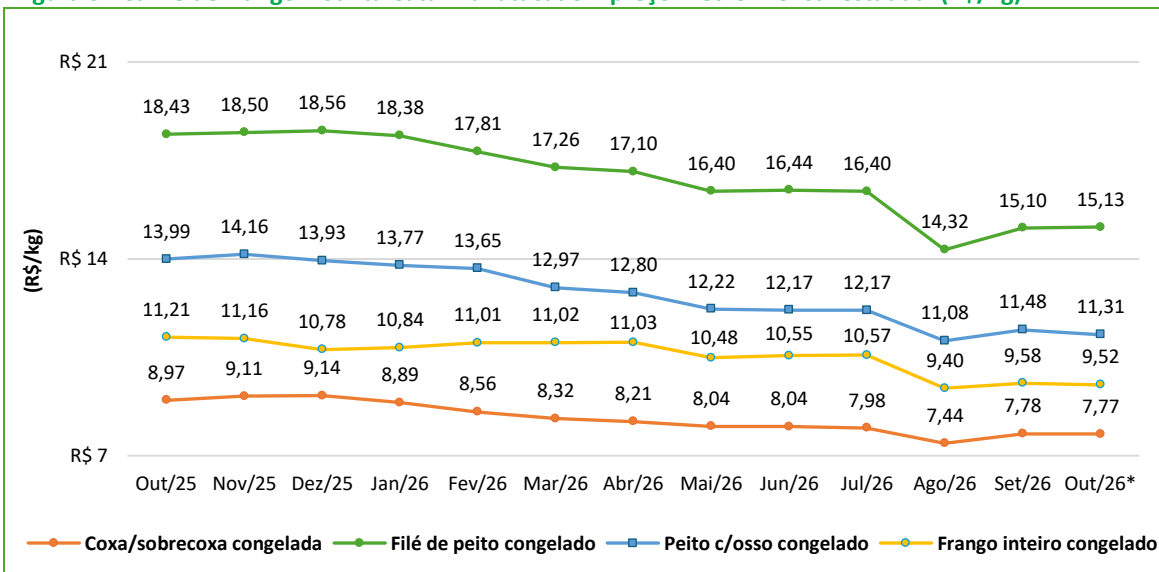
(¹) Refere-se ao custo do frango vivo na integração, posto na plataforma da indústria.

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

No mercado atacadista, após uma alta pontual em setembro, a primeira quinzena de outubro voltou a registrar predomínio de variações negativas nos preços da carne de frango. Na comparação com o mês anterior, foram observadas quedas nos seguintes cortes: peito com osso (-1,5%); frango inteiro (-0,6%) e coxa/sobrecoxa (-0,1%). Somente o filé de peito registrou leve alta no período (0,2%). A variação média dos quatro cortes foi de -0,5%. Neste ano, a carne de frango acumula queda de 12,9%.

Figura 3 - Carne de frango – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

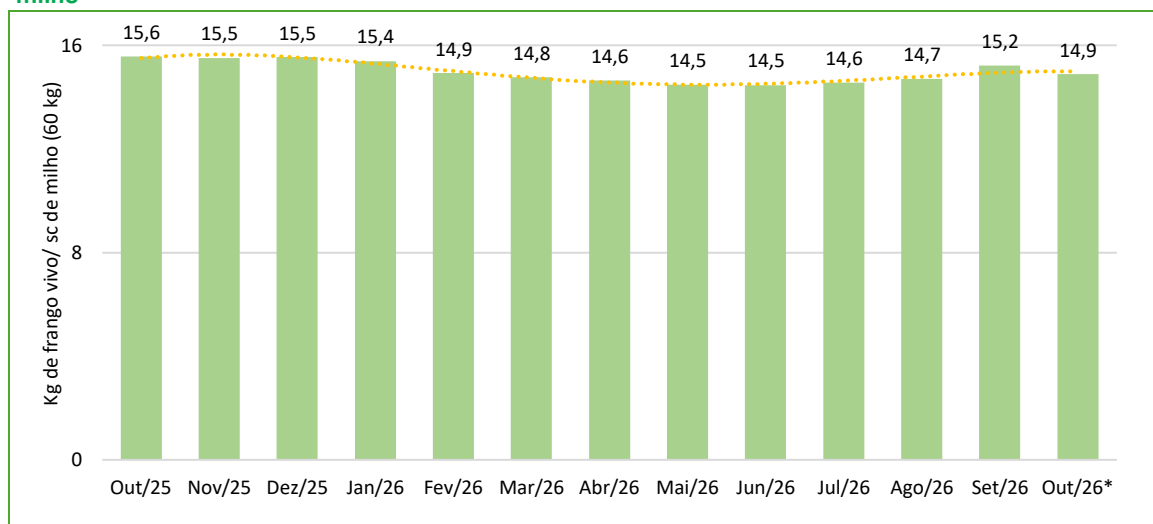


Ao comparar os valores atuais com os de outubro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI do período –, observa-se que todos os cortes apresentaram variações negativas expressivas: peito com osso (-16,1%); filé de peito (-14,7%); frango inteiro (-11,8%); coxa/sobrecoxa (-10,1%). A variação média dos quatro cortes foi de -13,2%.

Custos

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 2,1% na primeira quinzena de outubro em relação ao mês anterior, decorrente da alta no preço médio estadual do frango vivo (1,0%) e da queda no preço do milho no atacado (-1,2%). Na comparação com outubro de 2025, observou-se queda de 4,4%. Isso significa que, atualmente, o avicultor necessita 0,7 kg a menos de frango para adquirir uma saca de milho de 60 kg.

Figura 4 - Frango vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca (60kg) de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de equivalência, utilizam-se os preços médios estaduais do frango vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

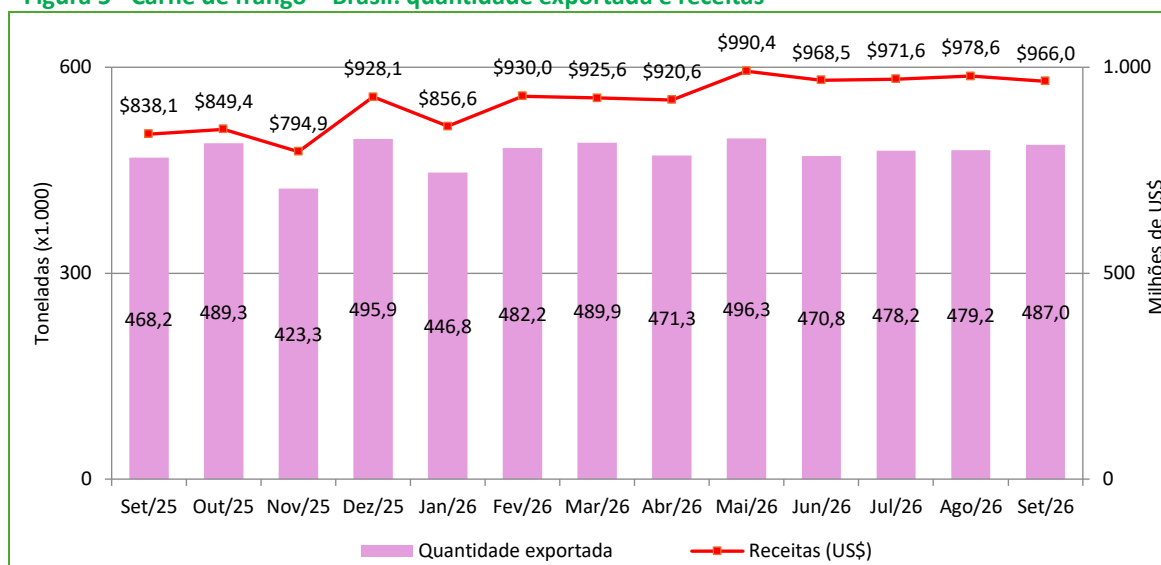
* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Comércio exterior

O Brasil exportou 487,0 mil toneladas de carne de frango em setembro deste ano, o que representou alta de 1,6% em relação a agosto e de 4,0% na comparação com setembro de 2025. As receitas somaram US\$ 966,0 milhões, recuo de 1,3% frente ao mês anterior, mas alta de 15,3% em relação a setembro de 2025. O valor exportado em setembro representa o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, para o referido mês.



Figura 5 - Carne de frango – Brasil: quantidade exportada e receitas



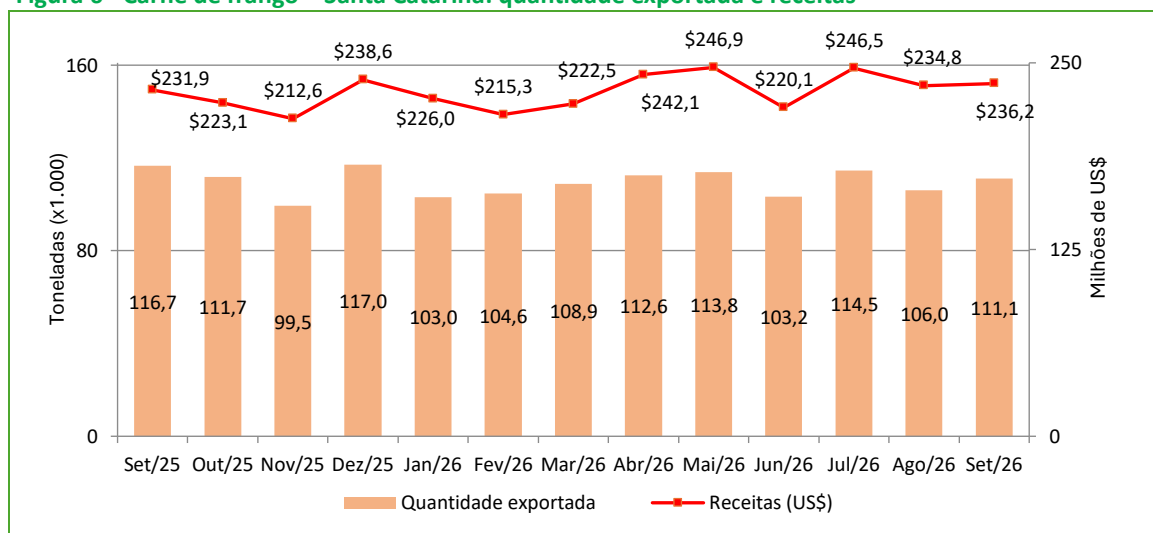
Fonte: MDIC/Comex Stat

No acumulado de janeiro a setembro, o Brasil exportou 4,30 milhões de toneladas, com receitas de US\$ 8,51 bilhões – altas de 14,6% e 21,8%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano passado. Os resultados dos primeiros nove meses representam o melhor desempenho da série histórica tanto em termos de receitas quanto em volume.

Os principais destinos da carne brasileira nesse período do ano foram: China (13,6% das receitas), Japão (10,8%), Arábia Saudita (9,3%) e Emirados Árabes Unidos (8,1%).

Santa Catarina exportou 111,1 mil toneladas de carne de frango em setembro – avanço de 4,8% sobre agosto, mas recuo de 4,8% ante setembro de 2025. Já as receitas com os embarques totalizaram US\$ 236,2 milhões, um ligeiro aumento de 0,6% frente a agosto e de 1,9% em relação ao mesmo mês do ano anterior. O resultado de setembro foi o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, para o referido mês em termos de receitas, além de ser o terceiro melhor em quantidade.

Figura 6 - Carne de frango – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat



O valor médio da carne de frango *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro foi de US\$2.087,35 por tonelada – queda de 4,4% em relação a agosto, mas alta de 3,8% na comparação com setembro de 2025.

Nos nove primeiros meses de 2026, o estado exportou 977,7 mil toneladas, com receita de US\$2,09 bilhões. Esses valores representam aumentos de 11,9% e 17,7%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com isso, Santa Catarina alcançou o melhor resultado da série histórica em receitas para o período (janeiro a setembro) e o segundo melhor em volume.

De janeiro a setembro deste ano, os principais destinos da carne de frango catarinense foram os Países Baixos (15,1% do total), o Japão (12,4%), a China (10,6%) e a Arábia Saudita (9,1%), conforme evidencia a Tabela 1.

Tabela 1 - Carne de frango – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan.-set./2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Países Baixos	315.723.419,00	15,1	93.041	9,5
Japão	258.217.722,00	12,4	101.654	10,4
China	220.623.615,00	10,6	92.503	9,5
Arábia Saudita	190.175.665,00	9,1	88.876	9,1
Emirados Árabes Unidos	128.918.218,00	6,2	60.985	6,2
Demais países	976.683.128,00	46,7	540.597	55,3
Total	2.090.341.767,00	100	977.655	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Em relação ao mesmo período de 2025, os três principais compradores registraram altas: Países Baixos (88,3% em quantidade e 80,9% em receitas), Japão (2,4% e 29,0%) e China (89,6% e 115,3%). No Oriente Médio, destino relevante para a proteína catarinense, predominaram quedas no período – sobretudo para a Arábia Saudita (-7,7% em volume e -14,6% em receitas) e os Emirados Árabes Unidos (-11,5% e -15,9%) –, possivelmente reflexo das tensões geopolíticas entre Estados Unidos, Israel e Irã.

Apesar do início das restrições à comercialização de produtos de origem animal para a União Europeia, Santa Catarina embarcou 16,7 mil toneladas de carne de frango ao bloco em setembro, com receita de US\$ 46,6 milhões. Esses números representam um crescimento de 10,9% em quantidade e de 1,0% em valor, na comparação com o mês anterior. O resultado reflete cargas produzidas e certificadas até 2 de setembro. A suspensão de novos certificados entrou em vigor no dia 3, mas não impediu o embarque de produtos já certificados. A antecipação de volumes por exportadores e importadores também contribuiu para reduzir os efeitos imediatos da medida.

Ainda em relação à União Europeia, o relatório final da auditoria realizada pela Direção-Geral de Saúde e Segurança dos Alimentos da Comissão Europeia atestou a conformidade do sistema brasileiro de produção de carne de aves aos requisitos sanitários do bloco europeu. A publicação do relatório, contudo, ainda não autoriza a retomada dos embarques. A reinclusão do Brasil na lista de fornecedores depende da conclusão das etapas regulatórias europeias. Conforme nota publicada pelo Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa), o órgão solicitou formalmente a inclusão do relatório na pauta da reunião do Comitê Permanente de Plantas, Animais, Alimentos e Rações (Scopaff), agendada para os dias 20 e 21 de outubro de 2026.

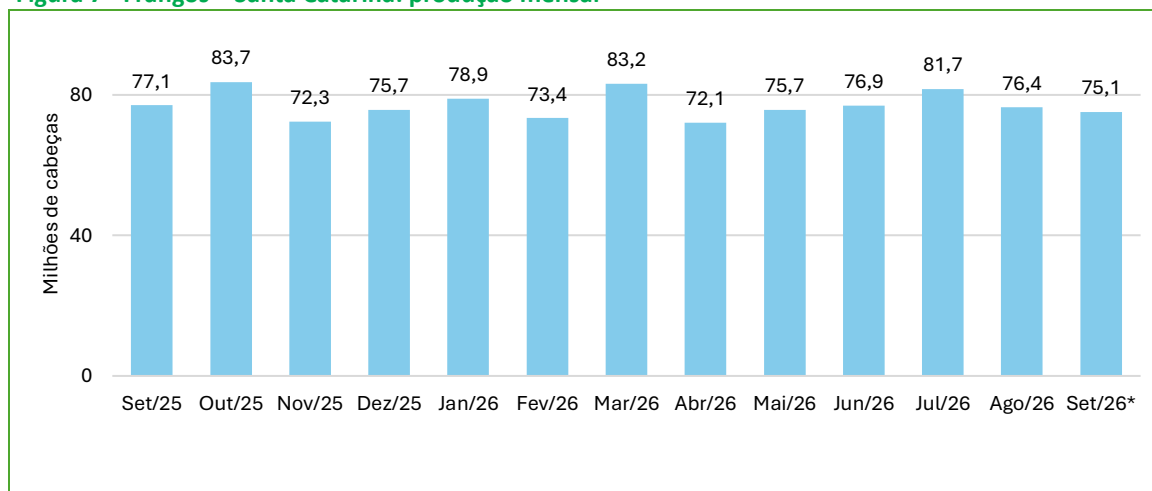
Santa Catarina foi responsável por 24,6% das receitas e 22,7% do volume exportado de carne de frango pelo Brasil nos primeiros nove meses de 2026.



Produção

Santa Catarina produziu 693,3 milhões de frangos de janeiro a setembro⁵ deste ano – um crescimento de 1,4% em relação ao mesmo período de 2025.

Figura 7 - Frangos – Santa Catarina: produção mensal



Fonte: Cidasc

*Os dados de setembro/2026 são preliminares.

Um dos principais impulsionadores desse crescimento foi a recuperação das exportações, que registraram um aumento significativo de 11,9% em volume e 17,7% em receita nos primeiros nove meses de 2026.

Em termos nacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recentemente os dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais referentes ao 2º trimestre deste ano. Com base nesses dados, verificou-se que, no 1º semestre de 2026, foram abatidos 3,39 bilhões de frangos, um crescimento de 3,2% em relação ao mesmo período de 2025. Esse volume de abates resultou em uma produção brasileira de 7,47 milhões de toneladas de carne de frango.

⁵ As informações referentes a setembro deste ano, são preliminares e passíveis de alteração por ocasião da próxima atualização da base de dados, no início de novembro.



Bovinocultura

Alexandre Luís Giehl

Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

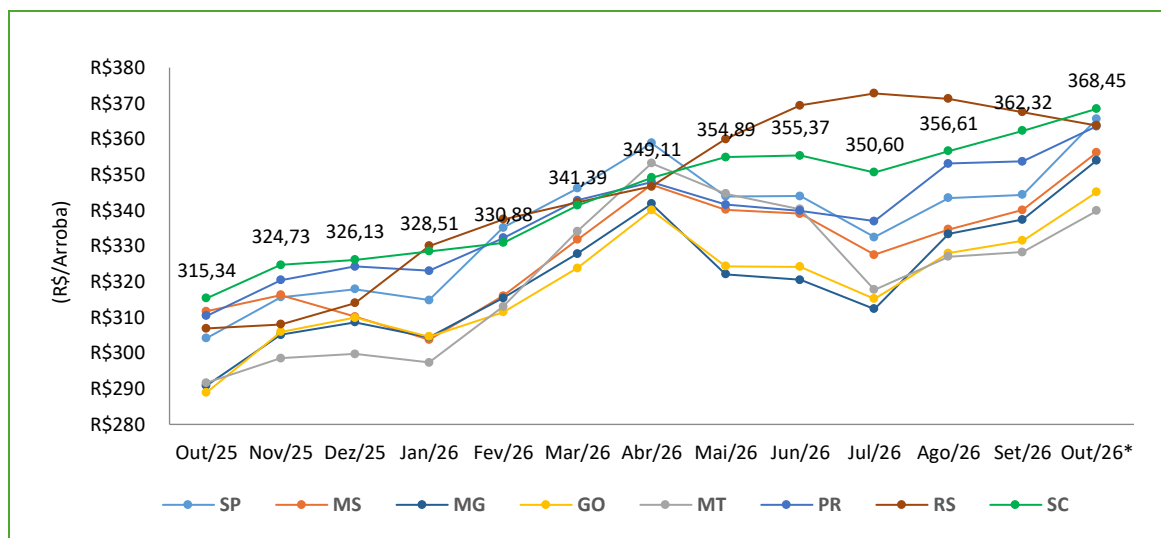
alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Na primeira quinzena de outubro deste ano, mais uma vez observou-se predomínio de altas nos preços do boi gordo nos principais estados produtores. Quando comparados ao mês anterior, foram registradas variações positivas nos seguintes estados: São Paulo (5,8%); Minas Gerais (4,7%); Mato Grosso do Sul (4,6%); Goiás (4,0%); Mato Grosso (3,3%); Paraná (2,8%); Santa Catarina (1,7%). O único dos estados analisados que apresentou quedas no período foi o Rio Grande do Sul (-1,0%). Esse cenário decorre da redução na oferta de animais para abate e do aumento da demanda – especialmente em função das festividades de final de ano, que levam muitos frigoríficos a ampliar a aquisição de animais. Esses fatores neutralizam os efeitos de um mercado externo menos favorável sobre os preços ao produtor.

Quando se comparam os preços das primeiras semanas de outubro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, todos os estados registraram altas no período: 16,9% em Minas Gerais; 15,4% em São Paulo; 14,9% em Goiás; 14,1% no Rio Grande do Sul; 12,8% no Paraná; 12,5% em Santa Catarina; 12,0% no Mato Grosso; e 9,9% no Mato Grosso do Sul.

Figura 1 - Boi gordo – SC¹, SP², MG², GO², MT², MS², PR³ e RS⁴: evolução dos preços da arroba (R\$/arroba)



Fontes: ⁽¹⁾Epagri/Cepa; ⁽²⁾Cepea; ⁽³⁾Seab; ⁽⁴⁾Nespro

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

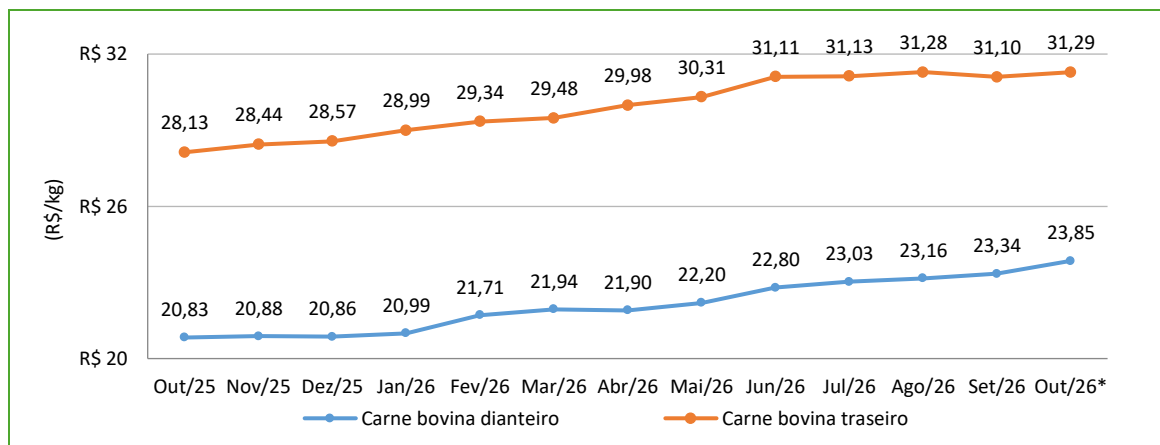
* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Em Santa Catarina, observaram-se variações positivas em quase todas as regiões nas primeiras semanas de outubro, com destaque para o Oeste, que registrou alta de 6,0% em relação à média de setembro. A única região que não apresentou variação foi o Alto Vale do Rio do Peixe, onde os preços mantiveram-se inalterados.



No mercado atacadista, observaram-se altas nos dois tipos de corte, movimento que tem predominado ao longo deste ano. A carne de dianteiro subiu 2,2% nas primeiras semanas de outubro em relação ao mês anterior, enquanto a carne de traseiro apresentou alta de 0,6%. A variação média do período foi de 1,4%. No ano, a carne bovina no atacado acumula alta de 15,1%.

Figura 2 - Carne bovina – Santa Catarina: atacado – preço médio mensal estadual (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

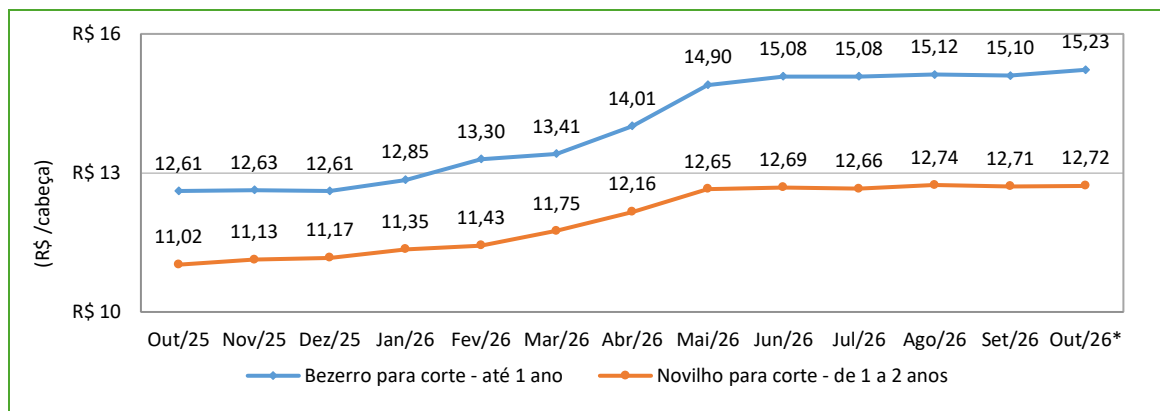
* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Ao comparar os preços da primeira quinzena deste mês e as médias de outubro de 2025 – corrigidas pelo IGP-DI –, observam-se variações positivas em ambos os casos: 14,5% para a carne de dianteiro e 11,2% para a carne de traseiro, com aumento médio de 12,9%.

Custos

Depois de leves oscilações negativas no mês anterior, na primeira quinzena de outubro os preços das duas categorias de animais de reposição voltaram a registrar altas, movimento que tem predominado desde o último trimestre de 2025. Os bezerros de corte com até 1 ano apresentaram alta de 0,8%, em relação ao mês anterior, enquanto o preço dos novilhos de corte de 1 a 2 anos registrou leve variação positiva de 0,1%.

Figura 3 - Bezerro e novilho para corte – Santa Catarina: evolução do preço médio estadual (R\$/cabeça)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

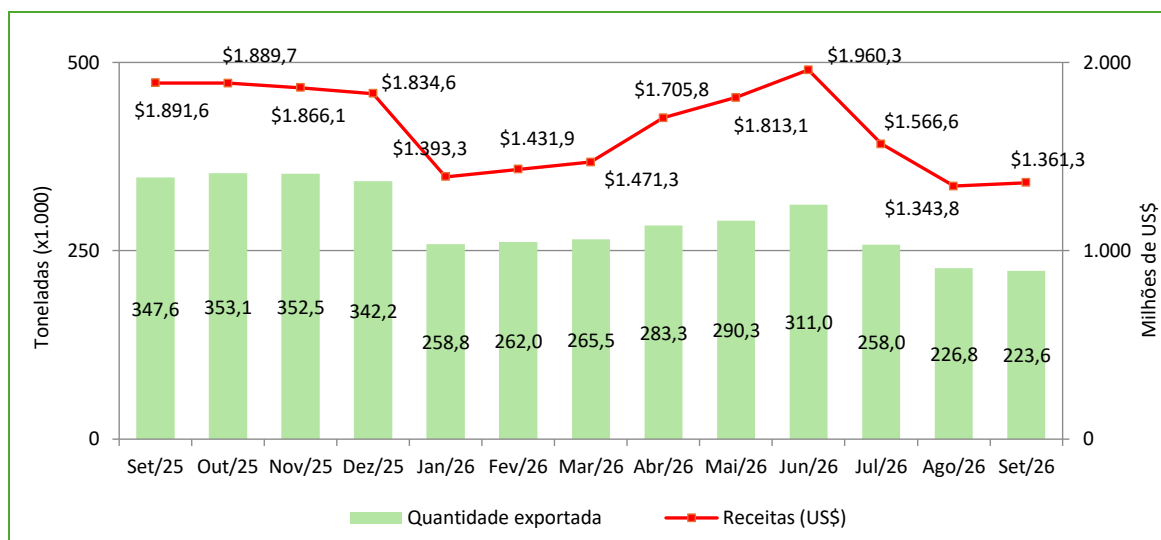


Na comparação entre os valores preliminares deste mês e os de outubro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, verificam-se altas nos dois casos: 16,3% para os bezerros com até 1 ano e 11,2% para os novilhos de 1 a 2 anos.

Comércio exterior

Em setembro de 2026, o Brasil exportou **223,6 mil toneladas** de carne bovina, queda de 1,4% em relação ao mês anterior e de 35,7% em relação a setembro de 2025. As receitas foram de **US\$1,36 bilhão**, crescimento de 1,3% frente ao mês anterior, mas queda de 28,0% em relação ao mesmo mês de 2025.

Figura 4 - Carne bovina – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O resultado de setembro foi decorrente da expressiva redução nas exportações para a China, principal comprador da carne bovina brasileira, em função do alcance da cota com tarifa de importação reduzida, conforme norma implementada pela China no início deste ano. Após o término da cota, os embarques passam a ser taxados em 55%, o que afeta a competitividade da carne bovina brasileira naquele mercado. Em relação a agosto, os embarques para aquele destino apresentaram queda de 32,6% em volume e 26,0% em receitas. Na comparação com setembro de 2025, a redução é ainda mais drástica: -94,2% em volume e -93,5% em receitas.

Por outro lado, os embarques para a União Europeia atingiram 19,7 mil toneladas em setembro, um crescimento de 27,1% em relação ao mesmo mês de 2025, apesar do início das restrições à comercialização de produtos de origem animal para aquele bloco. O resultado reflete cargas produzidas e certificadas até 2 de setembro. A suspensão de novos certificados entrou em vigor no dia 3, mas não impediu o embarque de produtos já certificados. A antecipação de volumes por exportadores e importadores também contribuiu para reduzir os efeitos imediatos da medida.

O valor médio da carne bovina *in natura* exportada pelo Brasil em setembro foi de **US\$6.284,69** por tonelada – alta de 1,9% ante agosto e de 11,9% em relação a setembro de 2025.

No acumulado de janeiro a setembro, o Brasil exportou **2,38 milhões de toneladas**, com receitas de **US\$14,05 bilhões**, queda de 1,3% em quantidade, mas alta de 13,7% em receitas, em relação ao mesmo período de 2025. Os resultados dos primeiros nove meses do ano



representam o melhor desempenho da série histórica, iniciada em 1997, em termos de receitas e o 2º melhor em volume para esse período.

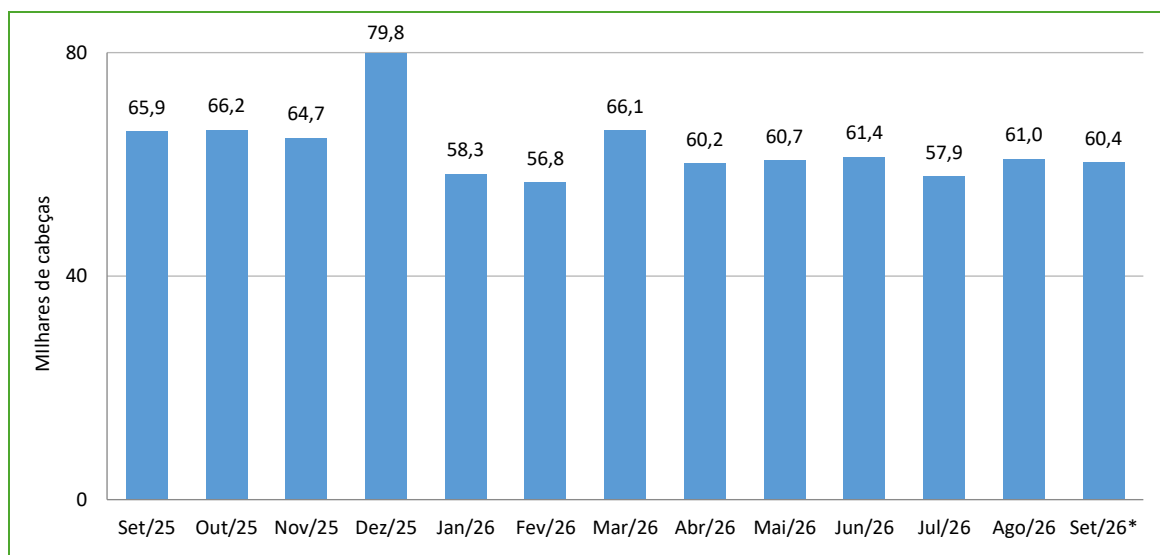
Santa Catarina, por sua vez, exportou cerca de **435 toneladas** de carne bovina em setembro passado, com faturamento de **US\$2,12 milhões**, o que representou um crescimento de 223,8% em volume e de 269,8% em valor, na comparação com setembro de 2025.

No acumulado de janeiro a setembro, o estado já exportou **4,66 mil toneladas**, com receitas de **US\$20,45 milhões**, altas de 173,1% e 163,6%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Esses números representam o melhor desempenho da série histórica em termos de receitas e o segundo melhor em volume.

Produção

De janeiro a setembro⁶ deste ano, foram produzidas e destinadas ao abate 542,7 mil cabeças de bovinos em Santa Catarina, queda de **1,4%** em relação ao mesmo período de 2025. Os abates de setembro foram 1,0% inferiores aos do mês anterior e 8,3% abaixo do montante abatido em setembro de 2025.

Figura 5 - Bovinos – Santa Catarina: produção mensal (abates inspecionados)



Fonte: Cidasc

*Os dados de setembro/2026 são preliminares.

A redução nos abates está diretamente ligada ao esgotamento do ciclo de oferta que marcou 2025. Naquele ano, o estado abateu 761,4 mil cabeças, um recorde impulsionado pela alta participação de fêmeas (55,5% do total), movimento que sinaliza a retenção de matrizes e a consequente diminuição de bezerras disponíveis para reposição no ano seguinte.

Em termos nacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recentemente os dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais referentes ao 2º trimestre deste ano. Com base nesses dados, verificou-se que, no 1º semestre de 2026, foram abatidos 21,03 milhões de bovinos, um crescimento de 2,4% em relação ao mesmo período de 2025. Esse volume de abates resultou em uma produção de 5,40 milhões de toneladas de carne bovina, aumento de 4,1% na oferta em relação ao 1º semestre do ano anterior.

⁶ As informações referentes a setembro deste ano, são preliminares e passíveis de alteração por ocasião da próxima atualização da base de dados, no início de novembro.



Suinocultura

Alexandre Luís Giehl

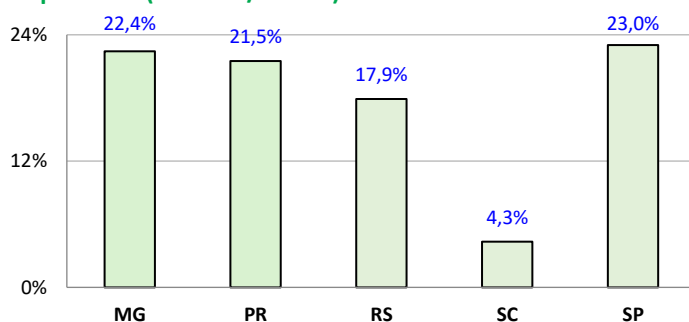
Engenheiro-agrônomo – Epagri/Cepa

alexandregiehl@epagri.sc.gov.br

Preços

Após um longo período de quedas, na primeira quinzena de outubro deste ano os preços do suíno vivo voltaram a registrar

Figura 1 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: variação do preço ao produtor (set.-out./2026⁽¹⁾)



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

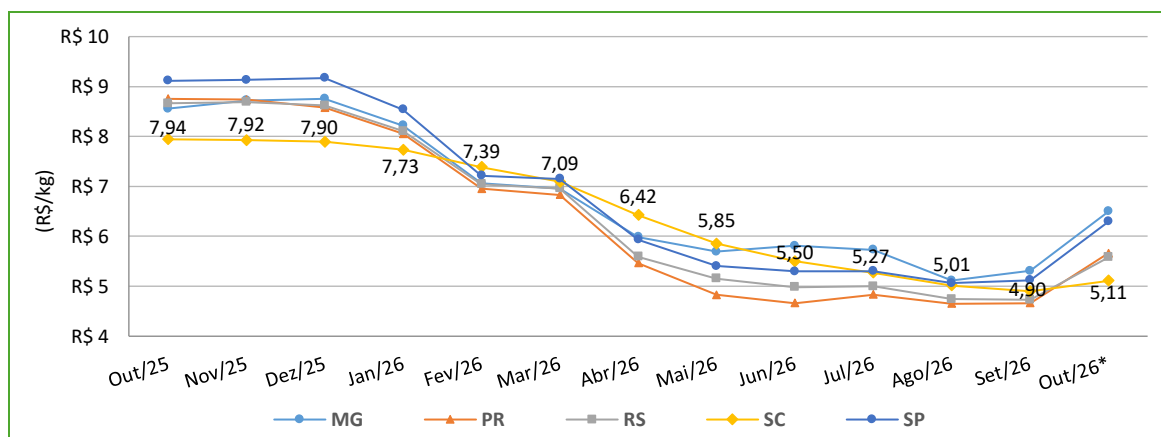
⁽¹⁾ Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

altas, na maioria dos casos em índices bastante expressivos, como demonstra a Figura 1. Segundo o Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea – Esalq/USP), a recuperação dos preços do suíno vivo e da carcaça, iniciada na segunda semana de setembro, foi sustentada pela maior procura por carne suína e pela oferta limitada de animais prontos para abate. Os frigoríficos mantiveram compras intensas e regulares, tanto para

abastecer o consumo doméstico quanto para formar estoques para as festas de fim de ano. Para o produtor, a recuperação ajuda a recompor as margens diante do custo elevado da ração.

Apesar das recentes altas, ao comparar os valores preliminares de outubro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, ainda se verificam variações negativas acentuadas em todos os estados analisados: -35,6% no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina; -35,3% no Paraná; -30,9% em São Paulo; e -24,0% em Minas Gerais.

Figura 2 - Suíno vivo – SC, MG, PR, RS e SP: evolução do preço ao produtor (R\$/kg)



Fonte: Cepea (MG, PR, RS e SP) e Epagri/Cepa (SC)

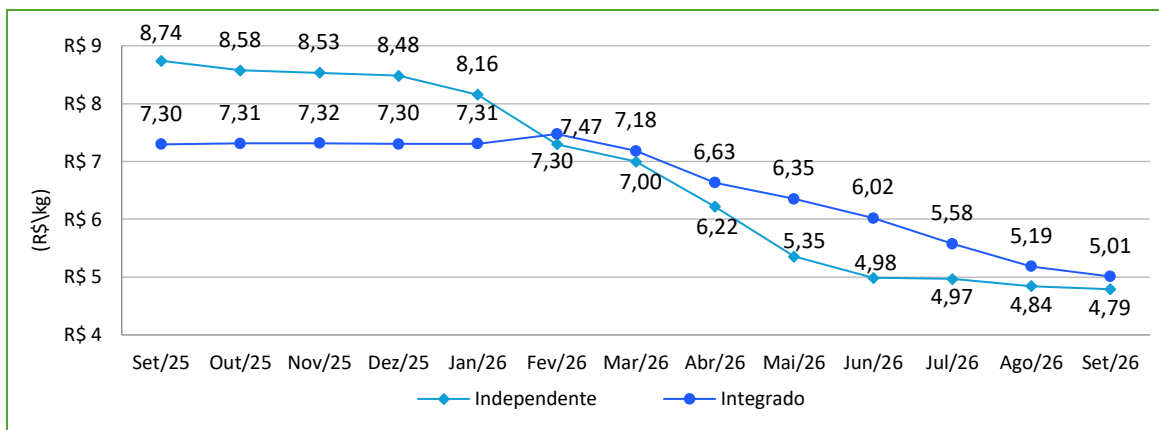
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).



A análise dos preços pagos na primeira quinzena de outubro aos dois tipos de produtores em Santa Catarina evidencia comportamentos distintos: alta de 8,9% em relação ao mês anterior para os produtores independentes, enquanto o preço aos produtores integrados não registrou variação no período. Ao comparar os valores de outubro deste ano com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, contudo, se registram quedas expressivas em ambos os casos: -39,2% para os produtores independentes e -31,4% para os integrados.

Figura 3 - Suíno vivo – Santa Catarina: preço médio mensal para o produtor independente e para o produtor integrado



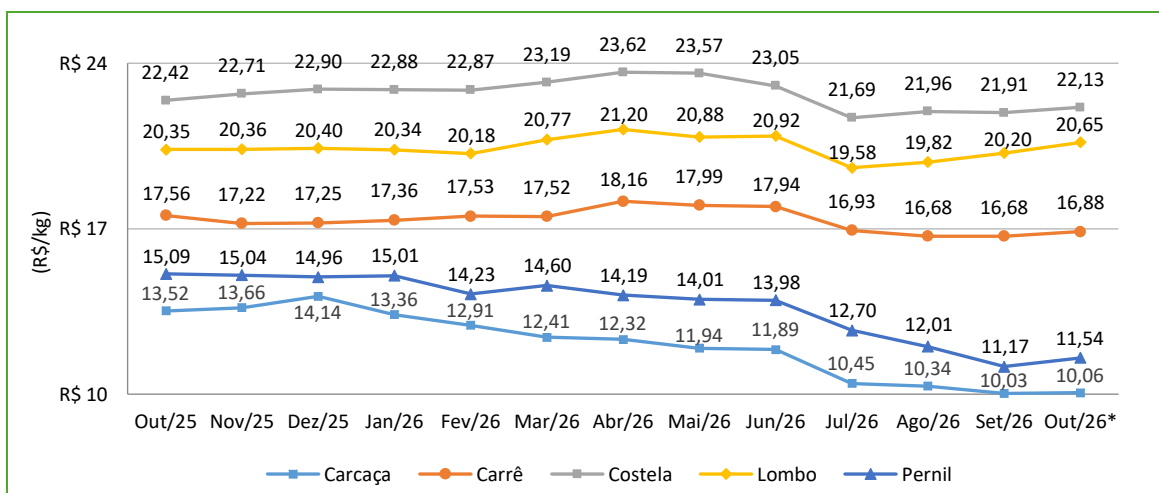
Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

O mercado atacadista acompanhou a tendência observada nos preços ao produtor. Em relação ao mês anterior, todos os cortes apresentaram altas nas primeiras semanas de outubro: pernil (3,3%); lombo (2,2%); carrê (1,2%); costela (1,0%); e carcaça (0,3%). Na média dos cinco cortes, a variação foi de 1,6%. Apesar dessa alta, no acumulado do ano a carne suína apresenta queda de 12,3%.

Figura 4 - Carne suína – Santa Catarina: preço médio mensal estadual dos principais cortes suínos no atacado (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

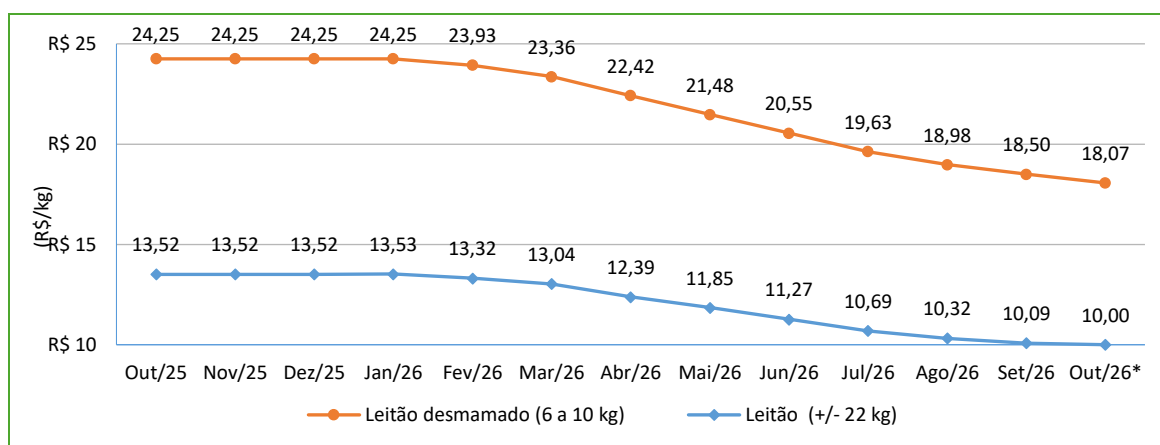


Quando se comparam os valores preliminares de outubro com os do mesmo mês de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI – verificam-se variações negativas em todos os cortes: carcaça (-28,4%); pernil (-26,4%); carrê (-7,4%); costela suína (-4,9%); e lombo (-2,3%). Na média dos cinco cortes, observou-se queda de 13,9%.

Custos

Dando continuidade ao movimento predominante desde fevereiro, na primeira quinzena de outubro os preços dos leitões registraram quedas em relação ao mês anterior: -2,3% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -0,9% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

Figura 5 - Leitões – Santa Catarina: preço médio mensal por categoria (R\$/kg)



Fonte: Epagri/Cepa

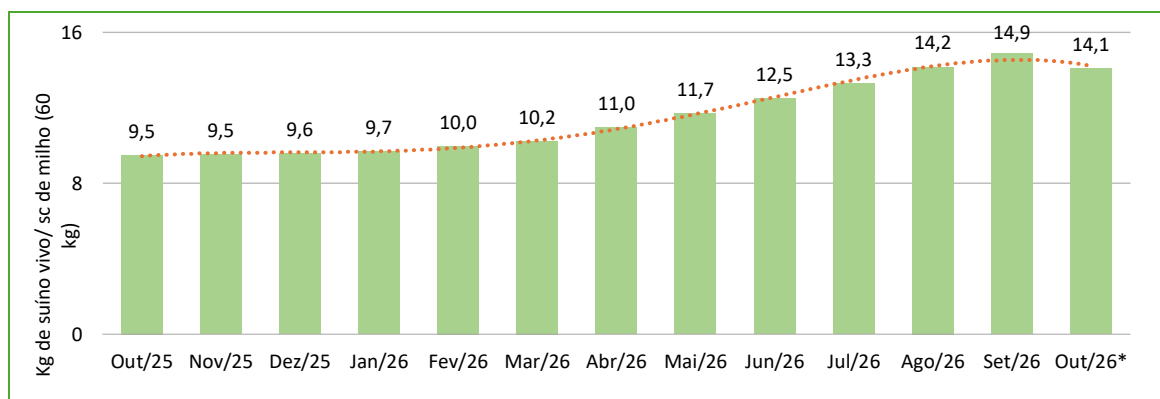
Valores corrigidos pelo IGP-DI.

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

Na comparação entre os valores atuais os de outubro de 2025 – corrigidos pelo IGP-DI –, observam-se defasagens expressivas nas duas categorias: -28,3% para os leitões de 6 kg a 10 kg e -28,7% para os leitões de aproximadamente 22 kg.

A relação de troca insumo-produto apresentou queda de 5,3% na primeira quinzena de outubro, resultante da alta de 4,3% no preço médio estadual do suíno vivo e da queda de 1,2% no preço do milho no atacado.

Figura 6 - Suíno vivo – Santa Catarina: quantidade necessária (kg) para adquirir uma saca de 60 kg de milho



Fonte: Epagri/Cepa

Para o cálculo da relação de troca, utilizam-se os preços médios estaduais do suíno vivo (ao produtor) e do milho (atacado).

* Os valores de outubro de 2026 são preliminares (referentes aos dias 1 a 15 do mês).

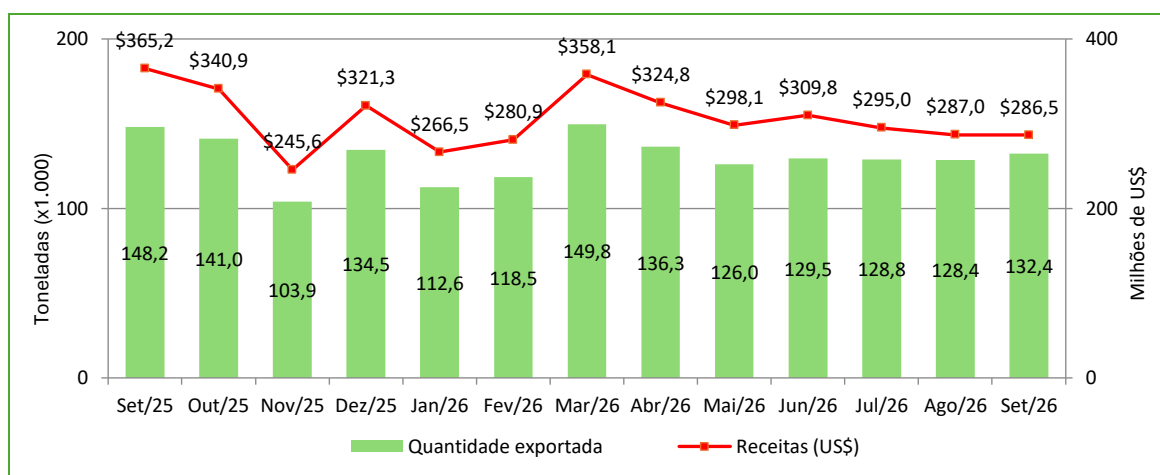


Contudo, apesar dessa queda recente, quando se compara o valor preliminar de outubro com a média do mesmo mês de 2025 – corrigida pelo IGP-DI –, verifica-se uma alta de 48,3% no índice. Isso significa que os produtores atualmente necessitam de 4,6 kg a mais de suíno vivo para comprar uma saca de milho (60 kg).

Comércio exterior

Em setembro passado, o Brasil exportou 132,4 mil toneladas de carne suína, alta de 3,1% em relação ao mês anterior, mas queda de 10,6% na comparação com setembro de 2025. As receitas foram de US\$286,5 milhões no último mês, recuo de 0,2% frente ao mês anterior e de 21,5% em relação a setembro do ano passado. Apesar das variações negativas, o resultado de setembro representa o segundo melhor desempenho da série histórica (iniciada em 1997) para o referido mês em termos de volume e de receitas.

Figura 7 - Carne suína – Brasil: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

Uma das explicações para o descompasso entre volume e receitas está na redução do valor médio das exportações, especialmente em função do mercado filipino. Durante o 1º quadrimestre do ano, o Brasil exportou grandes volumes de carne suína para as Filipinas, obtendo valores expressivos pelo produto. Com a recomposição dos estoques filipinos, os compradores passaram a ter maior poder de barganha. Esse movimento abriu espaço para renegociações de contratos em condições menos favoráveis aos exportadores brasileiros.

No acumulado de janeiro a setembro, o país exportou 1,16 milhão de toneladas de carne suína, com receitas de US\$2,71 bilhões, valores que representam crescimentos de 6,5% em quantidade e 1,4% em receitas na comparação com o mesmo período do ano passado. Esses resultados representam o melhor desempenho da série histórica para os nove primeiros meses do ano, tanto em volume quanto em receitas.

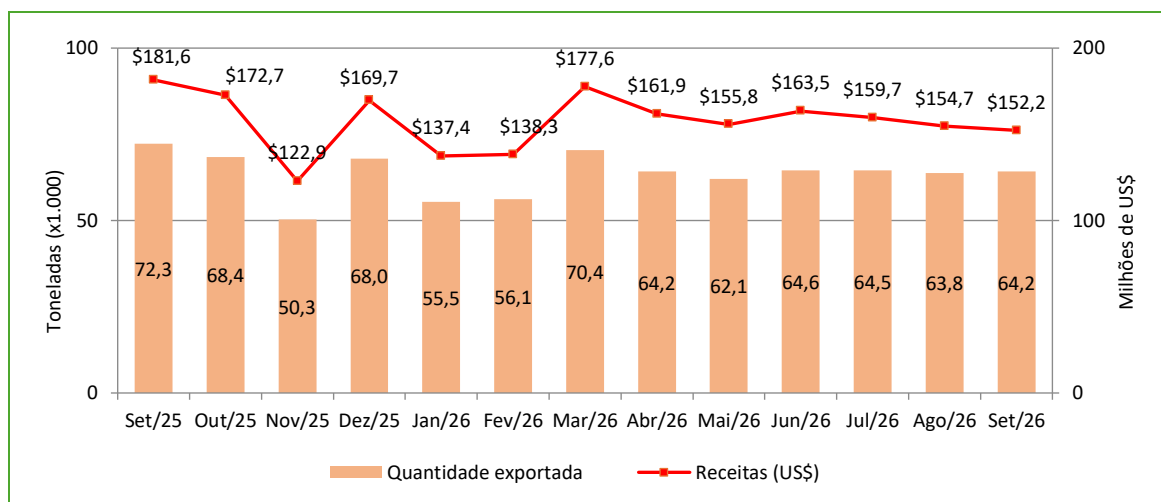
Os principais destinos das exportações brasileiras no período foram as Filipinas, que concentraram 22,0% das receitas totais, seguidas por Japão (17,8%), China (8,0%) e Chile (7,8%).

Santa Catarina exportou 64,2 mil toneladas de carne suína em setembro, volume que representa uma ligeira alta de 0,6% em relação a agosto, mas que é 11,2% inferior ao exportado no mesmo mês do ano passado. As receitas somaram US\$152,2 milhões, recuo de 1,6% sobre agosto e de 16,2% ante setembro de 2025. Setembro passado teve o segundo



melhor desempenho da série histórica para o referido mês, tanto em volume quanto em receitas.

Figura 8 - Carne suína – Santa Catarina: quantidade exportada e receitas



Fonte: MDIC/Comex Stat

O preço médio da carne suína *in natura* exportada por Santa Catarina em setembro ficou em **US\$2.439,51** por tonelada – queda de 2,2% ante agosto e de 6,0% na comparação com setembro do ano anterior.

No acumulado de janeiro a setembro, o estado exportou 565,4 mil toneladas, gerando US\$ 1,40 bilhão em receitas. Esses valores representam aumentos de 0,6% e 0,9%, respectivamente, em relação ao mesmo período de 2025. Com esses números, Santa Catarina alcançou o melhor desempenho da série histórica para os nove primeiros meses do ano.

Os principais destinos da carne suína catarinense entre janeiro e setembro foram Japão (34,3% das receitas), Filipinas (13,6%) e China (13,2%). O Japão voltou a se destacar, com alta de 69,2% em volume e 65,4% em receitas. A elevação dos embarques para o Japão tem compensado as quedas registradas em outros destinos relevantes, como a China (-19,2% em quantidade e -17,6% em receitas) e as Filipinas (-23,7% e -29,2%, respectivamente). Ainda assim, o saldo positivo ante 2025 vem encolhendo mês a mês e pode se tornar negativo no último trimestre.

Tabela 1 - Carne suína – Santa Catarina: principais destinos das exportações – jan.-set./2026

País	Valor (US\$)	Participação (%)	Quantidade (t)	Participação (%)
Japão	480.611.949,00	34,3	143.053	25,3
China	191.223.726,00	13,6	89.123	15,8
Filipinas	184.421.309,00	13,2	87.452	15,5
México	108.845.691,00	7,8	47.598	8,4
Chile	95.756.087,00	6,8	43.448	7,7
Demais países	340.095.003,00	24,3	154.683	27,4
Total	1.400.953.765,00	100	565.358	100

Fonte: MDIC/Comex Stat

Santa Catarina respondeu por **48,6% do volume** e **51,8% das receitas** totais das exportações brasileiras de carne suína no ano.

Em 26 de setembro de 2026, foi assinada a revisão do protocolo sanitário bilateral entre Brasil e China, que amplia a autorização para exportação de miúdos suínos brasileiros. O novo texto



permite a exportação de miúdos internos – como fígado, rins e estômago –, além de pele, cartilagem, coração, diafragma e ossos suínos. Até então, Santa Catarina podia exportar apenas miúdos externos (pés, orelhas e rabos).

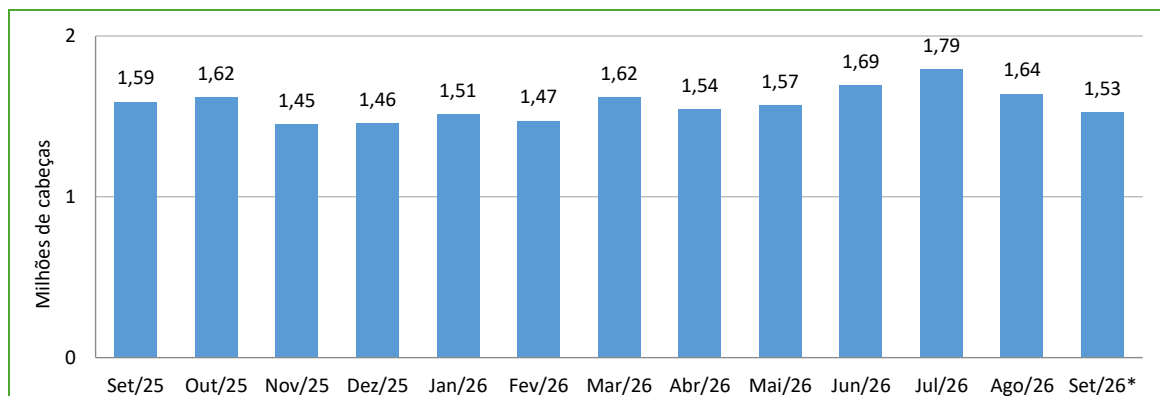
Segundo estimativas da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), mais de 100 mil toneladas anuais de miúdos suínos poderão ser destinadas ao mercado chinês, com potencial de incremento superior a US\$100 milhões em receita para o setor. Para Santa Catarina, a ABPA estima espaço para 65,9 mil toneladas anuais de miúdos internos, o que representa uma oportunidade relevante para diversificar a pauta exportadora do estado e compensar, em parte, as quedas recentes nos embarques para a China.

A liberação não é automática: frigoríficos que já possuem habilitação para exportar suínos à China poderão solicitar a ampliação do escopo para incluir os novos itens, cumprindo os procedimentos e as exigências sanitárias acordadas entre os dois países. Anualmente, a China importa cerca de US\$2,5 bilhões em miúdos suínos, produtos tradicionais na culinária local.

Produção

De janeiro a setembro⁷ deste ano, o estado de Santa Catarina produziu **14,4 milhões de suínos** – montante 3,1% superior ao mesmo período de 2025. Em relação a esse período, vale destacar o mês de julho passado, que registrou o maior volume de suínos já destinados ao abate pelos produtores catarinenses em toda a história.

Figura 9 - Suínos – Santa Catarina: produção mensal



Fonte: Cidasc

* Os dados de setembro/2026 são preliminares.

Os fatores que explicam esse desempenho são múltiplos, destacando-se a queda nos custos de produção e o bom desempenho das exportações nos últimos anos, que levou a investimentos expressivos para a ampliação dos plantéis.

Em termos nacionais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou recentemente os dados da Pesquisa Trimestral do Abate de Animais referentes ao 2º trimestre deste ano. Com base nesses dados, verificou-se que, no 1º semestre de 2026, foram abatidos 31,0 milhões de suínos, um crescimento de 4,8% em relação ao mesmo período de 2025. Esse volume de abates resultou em uma produção de 2,93 milhões de toneladas de carne suína, aumento de 6,4% na oferta em relação ao 1º semestre do ano anterior.

⁷ As informações referentes a setembro deste ano, são preliminares e passíveis de alteração por ocasião da próxima atualização da base de dados, no início de novembro.



Leite

Andréa Castelo Branco Brasileiro-Assing

Economista, Dr.a. – Epagri/Cepa

andreassing@epagri.sc.gov.br

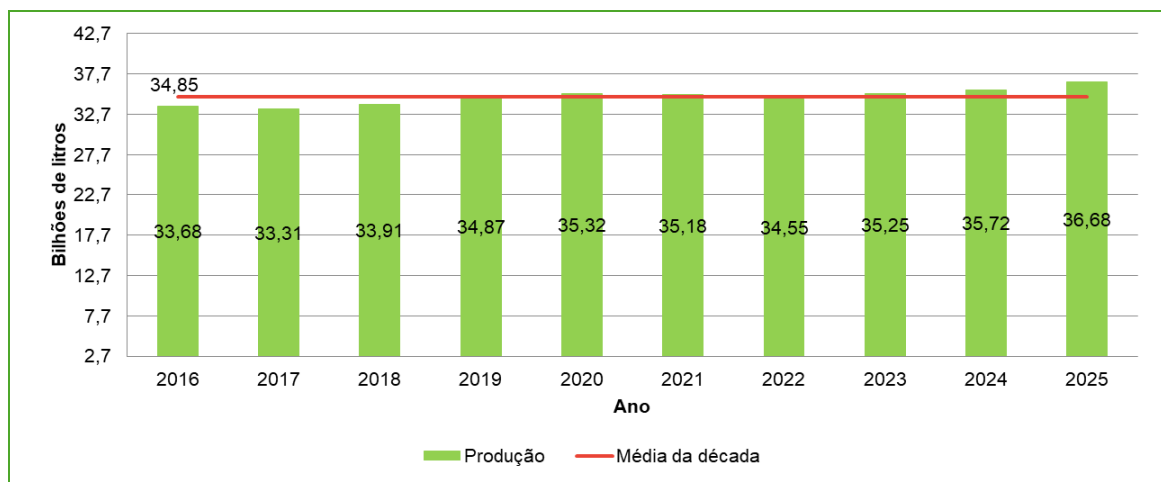
Produção de leite

Brasil

Em 30 de setembro de 2026, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou os dados da Pesquisa da Pecuária Municipal (PPM) referentes a 2025. Nesse ano, a produção nacional de leite alcançou 36,68 bilhões de litros, o maior volume registrado nos últimos dez anos (Figura 1). O resultado representou crescimento de 2,7% em relação a 2024 e ficou 5,3% acima da média da década, de 34,85 bilhões de litros.

Entre 2016 e 2025, a produção brasileira de leite apresentou crescimento acumulado de 8,9%, equivalente a uma taxa média anual de aproximadamente 1,0%, passando de 33,68 bilhões para 36,68 bilhões de litros. Apesar das oscilações, a produção retomou o crescimento em 2023, acumulando três anos consecutivos de expansão e alcançando seu maior volume em 2025.

Figura 1 - Brasil: evolução da produção de leite (2016–2025)



Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026

Em contrapartida, o número de vacas ordenhadas no Brasil apresentou redução de 24,9% entre 2016 e 2025, passando de 19,56 milhões para 14,68 milhões de cabeças, uma diminuição de aproximadamente 4,88 milhões de animais (Figura 2). Em relação a 2024, a redução foi de 2,7%, mantendo a trajetória de queda observada ao longo da década.



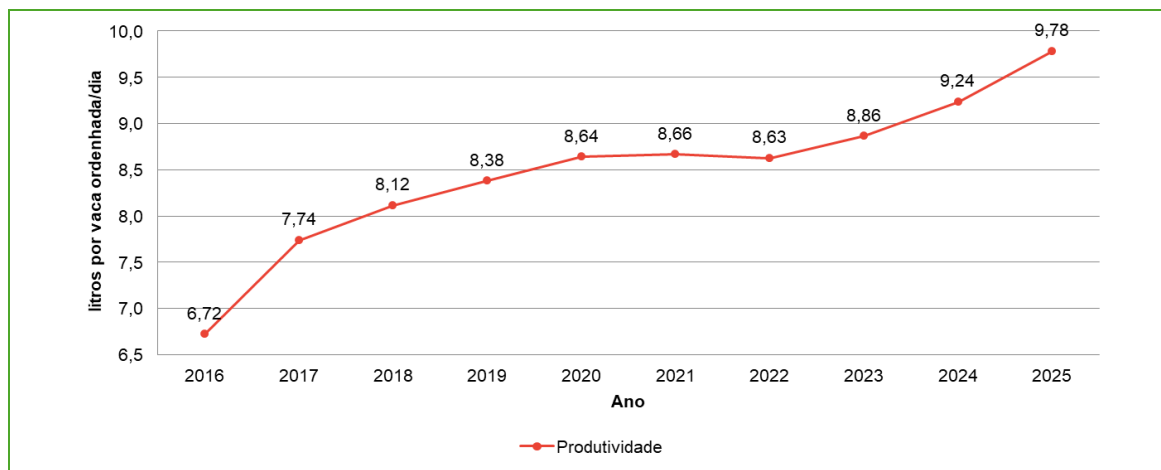
Figura 2 - Brasil: evolução do número de vacas ordenhadas (2016–2025)



Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026

O crescimento da produção, acompanhado pela redução do rebanho, evidencia ganhos expressivos de produtividade. Considerando a estimativa de vacas em lactação, a produtividade média nacional passou de 6,72 litros/vaca/dia em 2016 para 9,78 litros/vaca/dia em 2025, um crescimento acumulado de 45,5% (Figura 3). Entre 2024 e 2025, o aumento foi de 5,8%, enquanto o número de vacas ordenhadas diminuiu 2,7%.

Figura 3 - Brasil: evolução da produtividade média de leite por vaca em lactação (2016–2025)



Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026

Esses resultados evidenciam uma transformação na pecuária leiteira brasileira, caracterizada pela expansão da produção com um número cada vez menor de animais ordenhados.

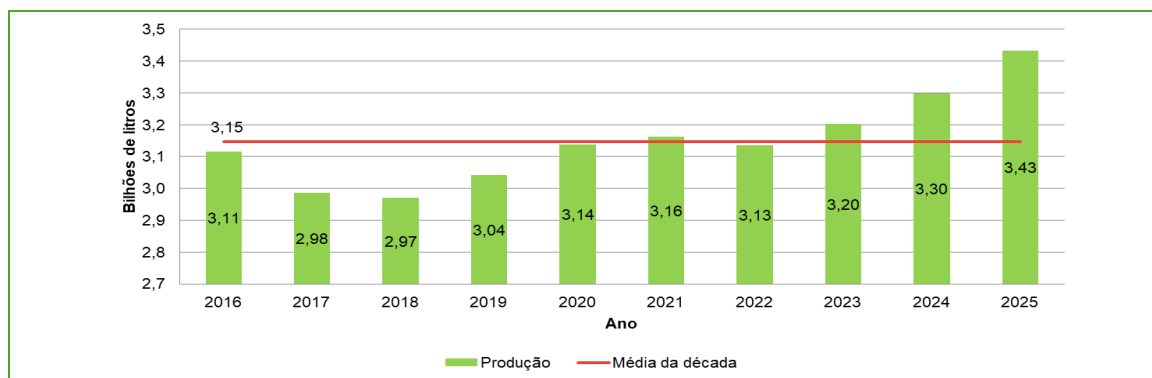
A manutenção da produção em patamares historicamente elevados amplia a disponibilidade de leite no mercado nacional, o que pode pressionar os preços recebidos pelos produtores caso o crescimento da oferta não seja acompanhado por uma expansão proporcional da demanda. Nesse contexto, o comportamento do consumo interno, das importações de lácteos e dos custos de produção permanece determinante para o equilíbrio do mercado e para a rentabilidade da atividade leiteira.



Santa Catarina

Ainda de acordo com os dados da PPM/IBGE, a produção de leite em Santa Catarina alcançou 3,43 bilhões de litros em 2025, o maior volume registrado nos últimos dez anos (Figura 4). O resultado representou crescimento de 4,1% em relação a 2024 e ficou 8,9% acima da média da década, de 3,15 bilhões de litros. O desempenho catarinense superou o nacional, que registrou crescimento de 2,7% no mesmo período.

Figura 4 - Santa Catarina: evolução da produção de leite (2016–2025)

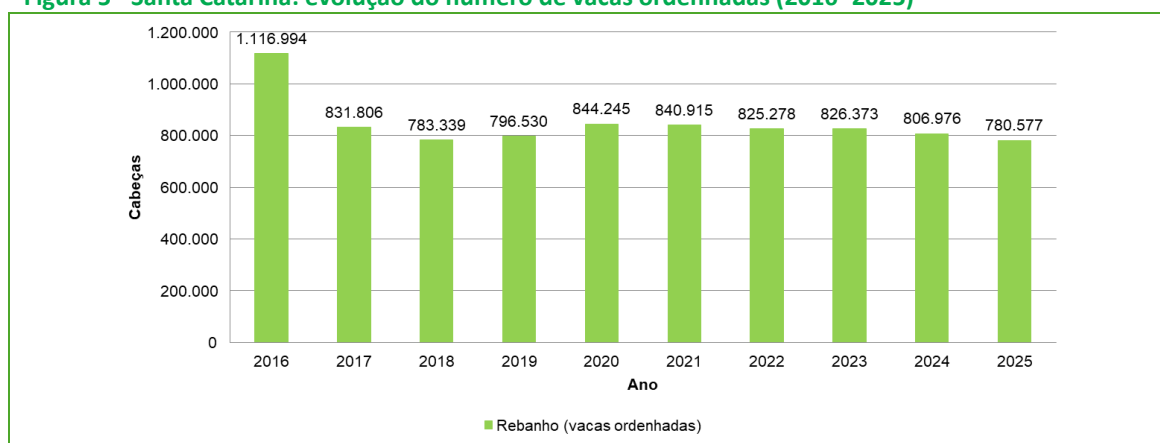


Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026

Entre 2016 e 2025, a produção catarinense cresceu 10,2%, equivalente a uma taxa média anual de 1,1%, desempenho superior ao observado no Brasil, de 8,9% no acumulado do período. Apesar das oscilações, a produção apresentou trajetória de expansão, especialmente a partir de 2023, acumulando três anos consecutivos de crescimento. O menor volume foi registrado em 2018, com 2,97 bilhões de litros, seguido de uma recuperação que culminou no recorde de 2025.

Em contrapartida, o número de vacas ordenhadas em Santa Catarina apresentou redução de 30,1% entre 2016 e 2025, passando de 1,12 milhão para 780,6 mil cabeças, uma diminuição de aproximadamente 336,4 mil animais (Figura 5). Em relação a 2024, a redução foi de 3,3%, atingindo o menor efetivo da década. A queda foi mais acentuada entre 2016 e 2018, seguida de recuperação parcial até 2020. A partir de 2021, o rebanho voltou a apresentar tendência de redução.

Figura 5 - Santa Catarina: evolução do número de vacas ordenhadas (2016–2025)

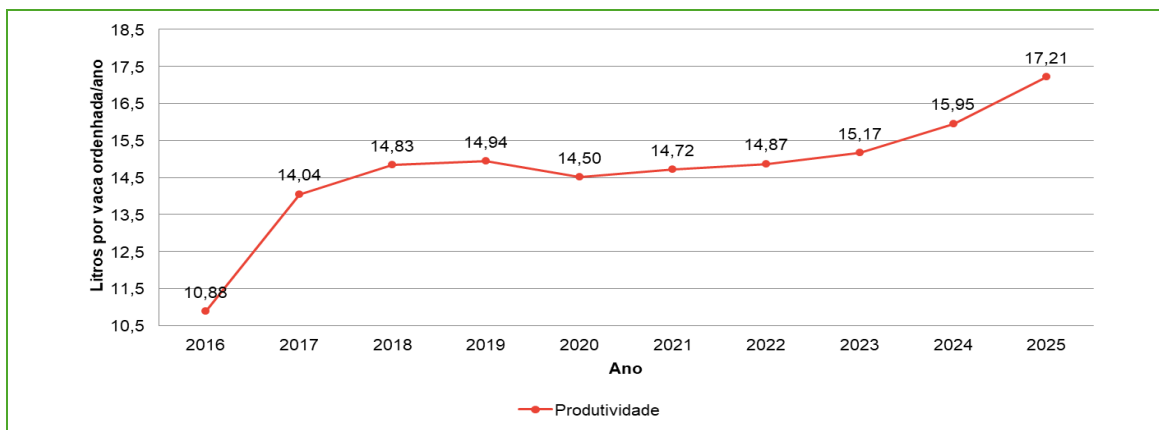


Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026



O crescimento da produção, acompanhado pela redução do rebanho, evidencia ganhos expressivos de produtividade. Considerando a estimativa de vacas em lactação, a produtividade média passou de 10,88 litros/vaca/dia em 2016 para 17,21 litros/vaca/dia em 2025, um aumento acumulado de 58,2% (Figura 6). Nos últimos três anos, o crescimento foi de 13,4%, passando de 15,17 litros/vaca/dia em 2023 para 17,21 litros/vaca/dia em 2025. Somente entre 2024 e 2025, o aumento foi de 7,9%.

Figura 6 - Santa Catarina: evolução da produtividade média de leite por vaca em lactação (2016–2025)

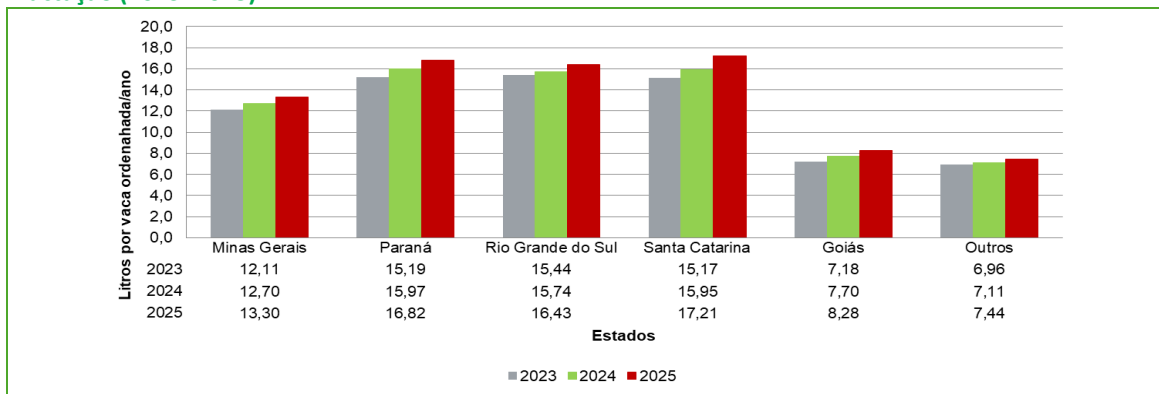


Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026

Em 2025, Santa Catarina apresentou a maior produtividade média entre os principais estados produtores de leite do Brasil (Figura 7), superando o Paraná (16,82 litros/vaca/dia), o Rio Grande do Sul (16,43 litros/vaca/dia) e Minas Gerais (13,30 litros/vaca/dia). O desempenho catarinense ficou aproximadamente 76% acima da média nacional, estimada em 9,78 litros/vaca/dia.

Esses resultados evidenciam uma transformação na estrutura produtiva da pecuária leiteira catarinense, caracterizada pela expansão da produção com um número cada vez menor de animais ordenhados. Os ganhos de produtividade sugerem avanços na eficiência dos sistemas de produção, associados a melhorias no manejo, na alimentação e na genética dos rebanhos. Nesse contexto, o aumento da produtividade constitui um fator importante para a competitividade da atividade leiteira estadual.

Figura 7 - Principais estados produtores: evolução da produtividade média de leite por vaca em lactação (2023–2025)



Fonte: Pesquisa da Pecuária Municipal/IBGE, outubro/2026



Balança Comercial

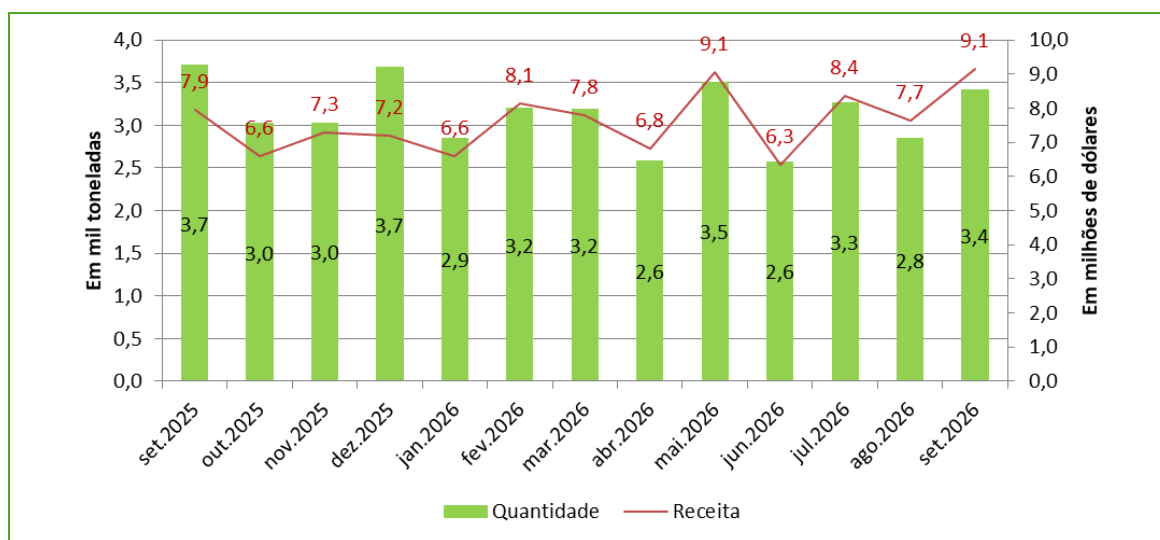
Balança Comercial Láctea Brasileira

Em setembro de 2026, o Brasil exportou 3,4 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 8), volume 21,4% superior ao registrado em agosto de 2026 (2,8 mil toneladas). Na comparação com setembro de 2025, quando as exportações somaram 3,7 mil toneladas, houve redução de 8,1% no volume embarcado.

Em termos de receita, as exportações totalizaram US\$9,1 milhões (valor FOB), representando crescimento de 18,2% em relação a agosto de 2026 (US\$ 7,7 milhões). No comparativo interanual, a receita também apresentou aumento de 15,2% frente a setembro de 2025, quando havia alcançado US\$7,9 milhões, a preços correntes.

Em setembro de 2026, entre os principais produtos lácteos exportados pelo Brasil, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se o soro de leite (37,5% do total exportado), o leite condensado (20,9%) e o creme de leite (20,1%). Os principais destinos dessas exportações foram a China (26,2%), o Chile (8,7%) e a Venezuela (8,5%).

Figura 8 - Brasil: evolução das exportações mensais de lácteos - (set./2025 a set./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026

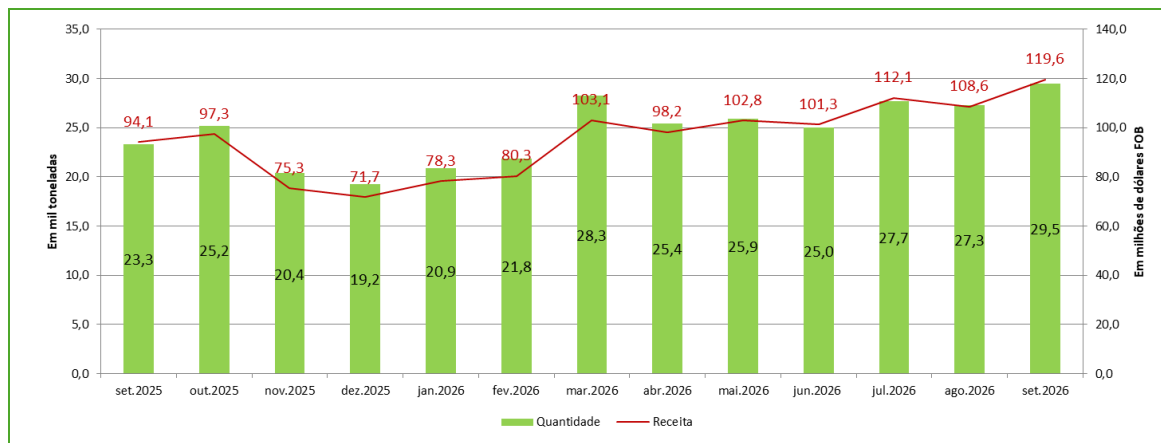
Em setembro de 2026, o Brasil importou 29,5 mil toneladas de produtos lácteos (Figura 9), volume 8,1% superior ao registrado em agosto de 2026 (27,3 mil toneladas). Na comparação com setembro de 2025, quando as importações somaram 23,3 mil toneladas, houve crescimento de 26,6% no volume importado, alcançando o maior patamar dos últimos 13 meses.

Em termos de valor, as importações totalizaram US\$119,6 milhões (FOB), representando crescimento de 10,1% em relação a agosto de 2026 (US\$108,6 milhões). No comparativo interanual, houve aumento de 27,1% frente a setembro de 2025, quando as importações haviam alcançado US\$ 94,1 milhões, a preços correntes daquele ano.



Os principais produtos importados no mês de setembro foram leite em pó (62,3%), queijos (24,3%) e soro de leite (6,6%), originários principalmente da Argentina (62,3%), do Uruguai (23,1%) e do Paraguai (10,2%).

Figura 9 - Brasil: evolução das importações mensais de lácteos - (set./2025 a set./2026)

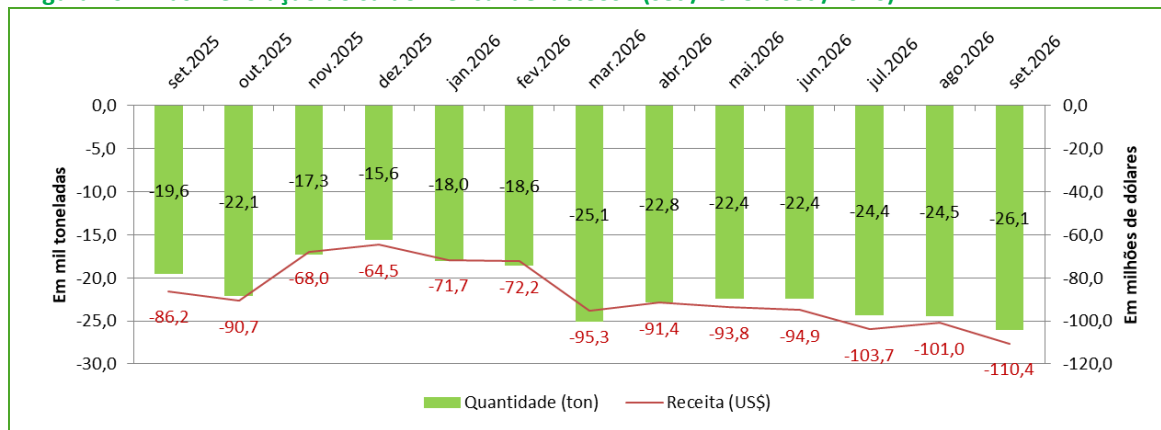


Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026

A balança comercial brasileira de produtos lácteos registrou, em setembro de 2026, déficit de 26,1 mil toneladas, resultado de 29,5 mil toneladas importadas e 3,4 mil toneladas exportadas (Figura 10). Esse volume representa um aumento de 6,5% em relação a agosto de 2026, quando o déficit havia sido de 24,5 mil toneladas.

Na comparação com setembro de 2025, quando o déficit foi de 19,6 mil toneladas, observa-se um aumento de 33,2%. Em termos financeiros, o saldo comercial foi negativo em US\$110,4 milhões, frente ao déficit de US\$ 86,2 milhões registrado em setembro de 2025, uma ampliação de 28,1%.

Figura 10 - Brasil: evolução do saldo mensal de lácteos - (set./2025 a set./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026



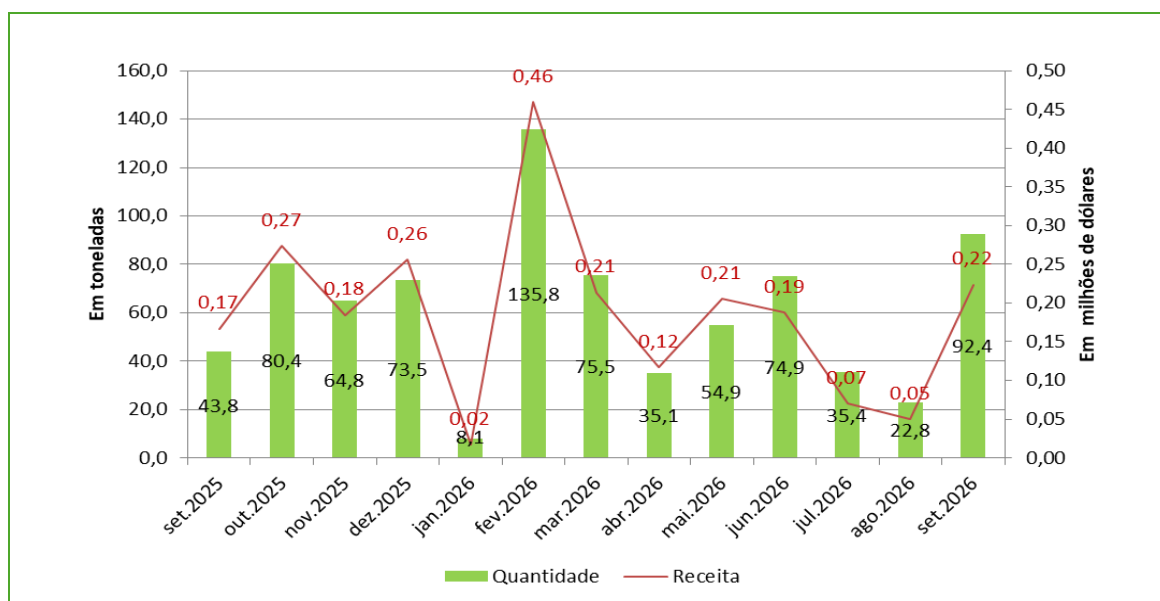
Balança Comercial Láctea Catarinense

Em setembro de 2026, Santa Catarina exportou 92,4 toneladas de produtos lácteos (Figura 11), volume 305,3% superior ao registrado em agosto de 2026 (22,8 toneladas). Na comparação com setembro de 2025, quando as exportações somaram 43,8 toneladas, observa-se um crescimento de 111,0% no volume embarcado.

Em termos de valor, as exportações geraram uma receita de US\$0,22 milhão (FOB), representando crescimento de 340,0% em relação a agosto de 2026 (US\$0,05 milhão). No comparativo interanual, a receita apresentou aumento de 29,4% frente a setembro de 2025, quando havia alcançado US\$ 0,17 milhão, a preços correntes daquele ano.

Em setembro de 2026, entre os principais produtos lácteos exportados por Santa Catarina, considerando a quantidade em toneladas, destacaram-se o leite em pó (32,7% do total exportado), o leite condensado (29,2%) e o leite fluido (21,8%). Os principais destinos dessas exportações foram o Uruguai (29,5%), São Vicente e Granadinas (27%) e o Chile (24,2%).

Figura 11 - SC: evolução das exportações mensais de lácteos - (set./2025 a set./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026

Em setembro de 2026, Santa Catarina importou 515 toneladas de produtos lácteos (Figura 12), volume 38,0% inferior ao registrado em agosto de 2026 (830 toneladas). Na comparação com setembro de 2025, quando as importações somaram 936 toneladas, observa-se uma redução de 45,0% no volume importado.

Em termos de valor, as importações totalizaram US\$2,9 milhões (FOB), representando queda de 38,3% em relação a agosto de 2026 (US\$4,7 milhões). No comparativo interanual, houve redução de 42,0% frente a setembro de 2025, quando as importações haviam alcançado US\$5,0 milhões, a preços correntes daquele ano.

Os principais produtos importados por Santa Catarina no mês foram queijos (64%), demais gorduras lácteas (18%) e leite em pó (12,4%), originários principalmente da Argentina (80,8%), do Uruguai (15,1%) e dos Estados Unidos da América (3,7%).



Figura 12 - SC: evolução das importações mensais de lácteos - (set./2025 a set./2026)

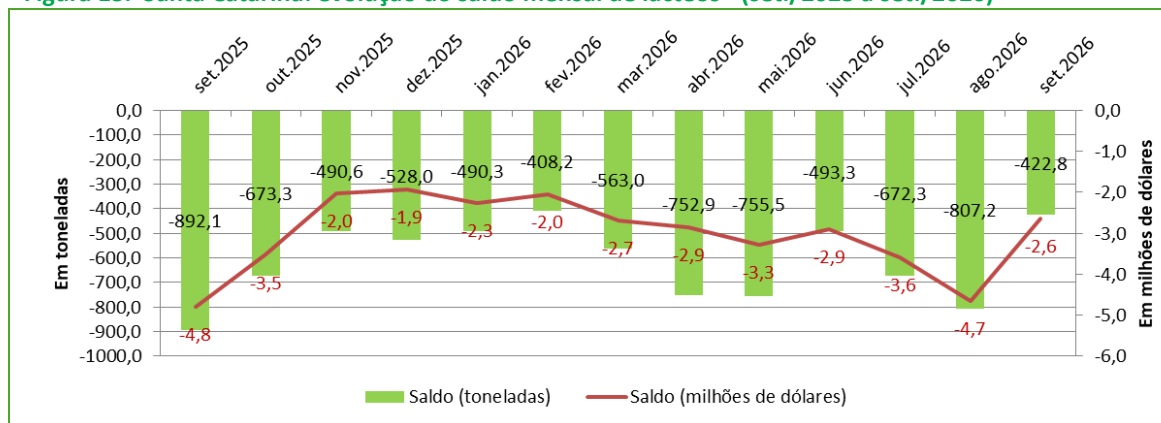


Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026

A balança comercial catarinense de produtos lácteos registrou, em setembro de 2026, déficit de aproximadamente 422,8 toneladas, resultado de importações de 515,2 toneladas e exportações de 92,4 toneladas (Figura 13). Esse saldo negativo representou uma redução de 47,6% em relação a agosto de 2026, quando o déficit havia sido de 807,2 toneladas.

Na comparação com setembro de 2025, quando o déficit foi de 892,1 toneladas, observa-se uma redução de 52,6% no saldo negativo da balança comercial catarinense de produtos lácteos. Em termos financeiros, o déficit alcançou US\$ 2,6 milhões, frente a US\$4,7 milhões em agosto de 2026, uma redução de 44,7%.

Figura 13. Santa Catarina: evolução do saldo mensal de lácteos - (set./2025 a set./2026)



Fonte: ComexStat/Mdic, outubro/2026



Preços do leite ao produtor e preços dos derivados em Santa Catarina

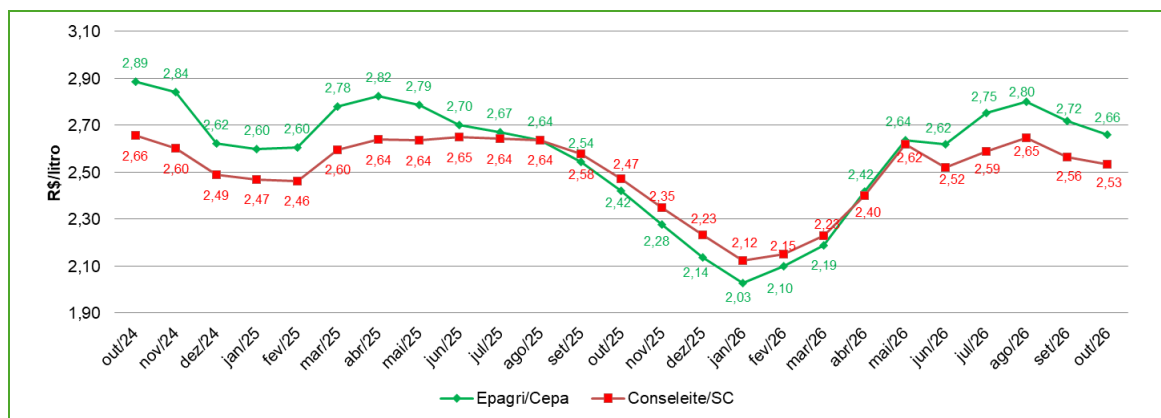
Preço pago ao produtor Epagri/Cepa e Preço de referência do Conseleite/SC

No dia 25 de setembro, o Conseleite/SC realizou sua reunião, ocasião em que aprovou e divulgou os valores de referência para o leite padrão. O valor de referência do Conseleite/SC para o leite entregue em setembro e pago em outubro foi de R\$2,56/litro, enquanto a projeção para o leite entregue em outubro e pago em novembro ficou em R\$2,53/litro, indicando redução de aproximadamente 1,2% (Figura 14).

Os preços levantados pela Epagri/Cepa também apresentaram retração. Após atingirem R\$2,80/litro em agosto, recuaram para R\$2,72/litro em setembro e R\$2,66/litro em outubro, redução de 2,2% no último mês e de 5,0% em relação a agosto. O movimento interrompe a trajetória de valorização observada entre fevereiro e agosto de 2026.

Na comparação interanual, o preço médio levantado pela Epagri/Cepa em outubro de 2026 (R\$2,66/litro) ficou 7,7% acima do registrado em outubro de 2025 (R\$2,47/litro). Apesar da valorização anual, as quedas recentes, acompanhadas pela redução dos valores de referência do Conseleite/SC, indicam maior pressão sobre os preços recebidos pelos produtores, em um contexto de aumento esperado da disponibilidade de leite no mercado nacional.

Figura 14 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao produtor - (out./2024 a out./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

O preço Epagri/Cepa refere-se ao preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI das quatro principais praças, responsáveis por mais de 90% da captação de leite.

Variação dos preços por praça

Em setembro de 2026, o preço médio pago ao produtor pelo litro de leite apresentou predomínio de desvalorização nas praças catarinenses pesquisadas, em comparação com agosto (Tabela 1). Das sete praças analisadas, seis registraram queda e apenas uma apresentou valorização. Na comparação com setembro de 2025, seis praças registraram aumento e uma apresentou retração.

- **Comparativo mensal (setembro/26 vs. agosto/26):** as maiores retrações ocorreram no Litoral Sul (-5%, de R\$ 2,86 para R\$ 2,73/litro) e no Litoral Norte (-4%, de R\$ 2,79 para R\$ 2,68/litro). Na sequência, aparecem o Extremo Oeste e a Grande Florianópolis (ambos -3%, de R\$ 2,76 para R\$ 2,68/litro e de R\$ 2,84 para R\$ 2,76/litro, respectivamente), o Oeste



(-2%, de R\$ 2,84 para R\$ 2,78/litro) e o Alto Vale do Rio do Peixe (-1%, de R\$ 2,51 para R\$ 2,48/litro). O Meio Oeste foi a única praça a apresentar valorização (+3%), passando de R\$ 2,59 para R\$ 2,68/litro.

- **Comparativo anual (setembro/26 vs. setembro/25):** as maiores valorizações ocorreram no Meio Oeste (+9%, de R\$ 2,45 para R\$ 2,68/litro), Litoral Sul (+8%, de R\$ 2,52 para R\$ 2,73/litro) e Extremo Oeste (+7%, de R\$ 2,51 para R\$ 2,68/litro). Na sequência, aparecem a Grande Florianópolis (+4%, de R\$ 2,65 para R\$ 2,76/litro), o Oeste (+3%, de R\$ 2,69 para R\$ 2,78/litro) e o Litoral Norte (+1%, de R\$ 2,66 para R\$ 2,68/litro). O Alto Vale do Rio do Peixe foi a única praça a registrar retração (-1%, de R\$ 2,51 para R\$ 2,48/litro).

Apesar das valorizações observadas na comparação anual, o predomínio de quedas em setembro indica pressão recente sobre os preços recebidos pelos produtores, em um contexto esperado de expansão da oferta de leite no mercado nacional.

Tabela 1 - Leite - Comparativo de preços pagos ao produtor por Praças em Santa Catarina

Praça	Set. 2026	Ago. 2026	Variação mensal (%)	Set. 2025	Variação anual (%)
Alto Vale do Rio do Peixe	2,48	2,51	-1	2,51	-1
Extremo Oeste	2,68	2,76	-3	2,51	7
Grande Florianópolis	2,76	2,84	-3	2,65	4
Litoral Norte	2,68	2,79	-4	2,66	1
Litoral Sul	2,73	2,86	-5	2,52	8
Meio Oeste	2,68	2,59	3	2,45	9
Oeste	2,78	2,84	-2	2,69	3

Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

Preço médio mensal em R\$/litro corrigido pelo IGP-DI

Além da moda, ou da média, quando não há ocorrência de moda, a Epagri/Cepa também coleta, junto a cada informante, os preços mínimo e máximo pagos aos produtores. Em setembro, entre os laticínios acompanhados no estado, o menor preço registrado foi de R\$ 1,99/litro, na UGT Alto Vale do Rio do Peixe, enquanto o maior alcançou R\$ 3,13/litro, na UGT do Oeste.

Preços dos derivados no atacado

Leite UHT

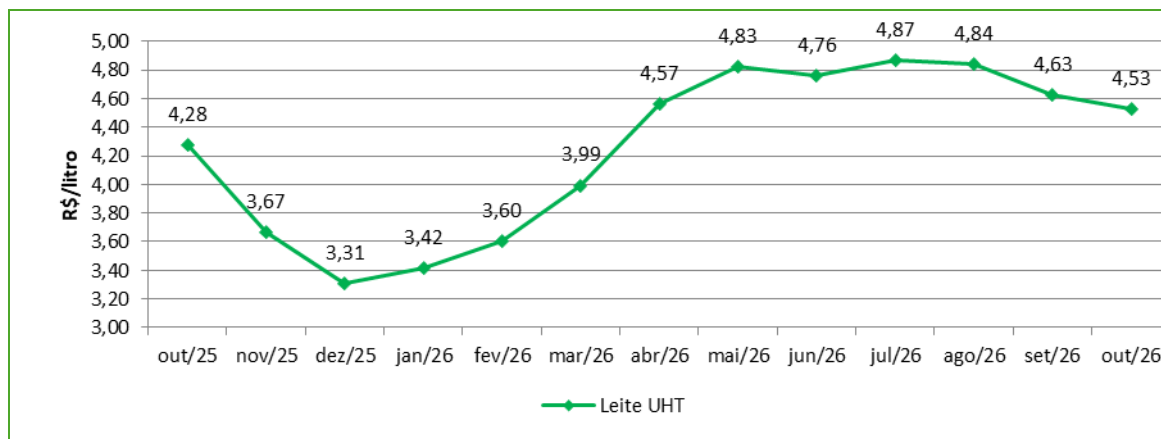
Em outubro de 2026, o mercado atacadista de leite UHT manteve a trajetória de queda iniciada em agosto, acumulando três meses consecutivos de retração nos preços (Figura 15).

- **Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26):** o preço médio do litro de leite UHT passou de R\$4,63 para R\$4,53, redução de R\$ 0,10/litro (-2,2%). Em relação a julho, quando foi registrado o maior preço do período (R\$ 4,87/litro), a queda acumulada foi de aproximadamente 7,0%.
- **Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25):** o preço médio passou de R\$ 4,28 para R\$ 4,53/litro, representando valorização de aproximadamente 5,8%.

A sequência de quedas observada desde agosto indica maior pressão sobre os preços do leite UHT no atacado, em um contexto de aumento da oferta de matéria-prima no mercado nacional.



Figura 15 - Leite - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (out./2025 a out./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI

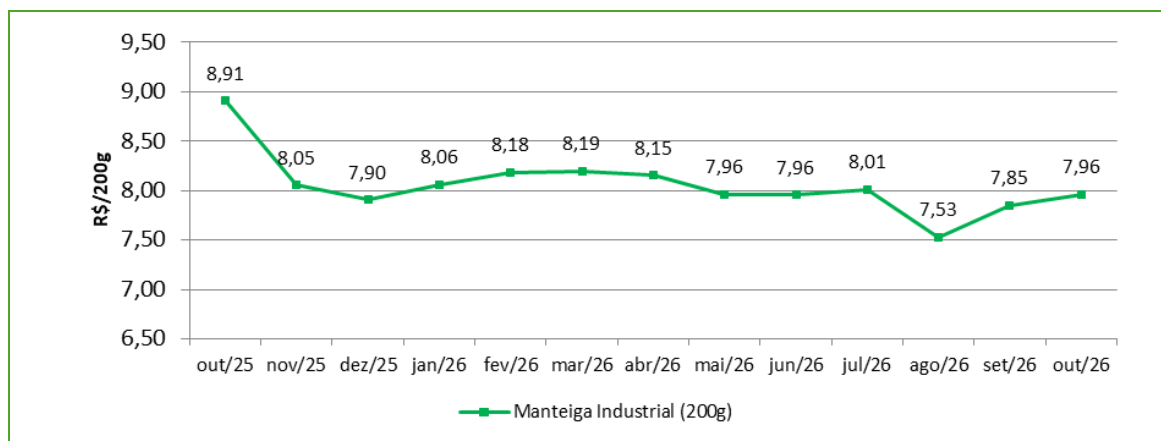
Manteiga

Em outubro de 2026, o preço da manteiga industrial (200g) manteve a trajetória de recuperação iniciada em setembro, após a queda registrada em agosto (Figura 16). Apesar da valorização recente, o preço permanece abaixo do observado no mesmo período de 2025.

- **Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26):** o preço médio da embalagem de 200g passou de R\$7,85 para R\$7,96, aumento de R\$0,11 (+1,4%). Em relação a agosto, quando foi registrado o menor preço do período (R\$7,53), a recuperação acumulada foi de 5,7%.
- **Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25):** o preço médio passou de R\$8,91 para R\$7,96, representando uma desvalorização de R\$0,95 (-10,7%).

A recuperação observada nos últimos dois meses indica uma reação dos preços da manteiga industrial no atacado, embora ainda insuficiente para retornar aos patamares registrados no ano anterior.

Figura 16 - Manteiga Industrial (200g) - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (out./2025 a out./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

(*) Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI



Queijo Mussarela

Em outubro de 2026, o preço do queijo mussarela no atacado manteve a trajetória de queda iniciada em agosto, acumulando três meses consecutivos de retração (Figura 17).

- Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26): o preço médio passou de R\$33,44 para R\$32,71/kg, redução de R\$ 0,73 (-2,2%). Em relação a julho, quando atingiu R\$35,38/kg, a queda acumulada foi de 7,5%.
- Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25): o preço passou de R\$29,60 para R\$32,71/kg, representando uma valorização real de R\$ 3,11 (+10,5%), considerando os valores corrigidos pelo IGP-DI.

Queijo Prato

Em outubro de 2026, o preço do queijo prato no atacado apresentou relativa estabilidade, após as quedas registradas em agosto e setembro (Figura 17).

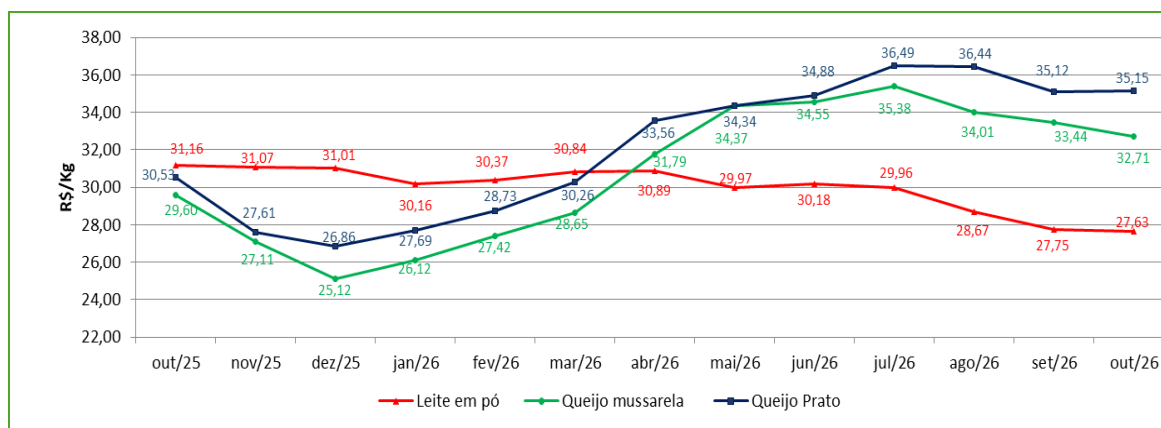
- Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26): o preço médio passou de R\$35,12 para R\$35,15/kg, leve aumento de R\$0,03 (+0,1%). Apesar da estabilidade recente, o valor permanece 3,7% abaixo do pico registrado em julho (R\$36,49/kg).
- Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25): o preço passou de R\$30,53 para R\$35,15/kg, representando uma valorização real de R\$4,62 (+15,1%).

Leite em Pó

Em outubro de 2026, o leite em pó manteve a trajetória de desvalorização observada desde agosto, atingindo o menor preço de 2026 na série apresentada (Figura 17).

- **Comparativo mensal (outubro/26 vs. setembro/26):** o preço médio passou de R\$27,75 para R\$27,63/kg, redução de R\$0,12 (-0,4%). Em relação a março, quando atingiu R\$30,84/kg, a queda acumulada foi de 10,4%.
- **Comparativo anual (outubro/26 vs. outubro/25):** o preço passou de R\$31,16 para R\$27,63/kg, representando uma desvalorização real de R\$3,53 (-11,3%).

Figura 17 - Produtos Lácteos - SC: evolução do preço médio real mensal ao atacado - (out./2025 a out./2026*)



Fonte: Epagri/Cepa, outubro/2026

(*). Refere-se à média dos 10 primeiros dias do mês.

Preço médio mensal corrigido pelo IGP-DI



Preços dos derivados no varejo

Em outubro de 2026, a terceira rodada do projeto piloto de monitoramento dos preços dos derivados lácteos no varejo da Grande Florianópolis apresentou predomínio de queda nos preços médios em relação a setembro (Tabela 2). Dos cinco produtos acompanhados, três registraram redução e dois apresentaram valorização.

O maior aumento foi observado no leite em pó, cujo preço médio passou de R\$51,79/kg para R\$55,31/kg, alta de 6,8%. O queijo prato fatiado apresentou relativa estabilidade, com leve valorização de 0,3%, passando de R\$59,66/kg para R\$ 59,85/kg.

Entre os produtos que apresentaram queda, o leite UHT registrou a maior retração (-3,2%), passando de R\$6,01 para R\$5,82/litro. Na sequência aparecem a manteiga (200g), com redução de 1,3%, de R\$12,82 para R\$12,65, e o queijo mussarela fatiado (-0,8%), cujo preço médio passou de R\$58,88/kg para R\$58,41/kg.

Além das variações mensais, os resultados evidenciam ampla dispersão dos preços entre marcas e estabelecimentos pesquisados. O leite em pó apresentou preços entre R\$31,98/kg e R\$85,43/kg, enquanto a manteiga variou de R\$7,89 a R\$29,80 por embalagem de 200g. Entre os queijos fatiados, os preços oscilaram de R\$43,30/kg a R\$81,26/kg para a mussarela e de R\$44,88/kg a R\$ 89,97/kg para o queijo prato. O leite UHT apresentou preços entre R\$4,49 e R\$9,90/litro.

Tabela 2 - Preço mínimo, médio e máximo dos derivados do leite no varejo

Produto	Unidade	Preço Mín. Out./2026	Preço Máx. Out./2026	Preço Méd. Set./2026	Preço Méd. Out./2026	Var. mensal do preço médio (%)
Leite em Pó	Kg	31,98	85,43	51,79	55,31	6,80
Leite UHT	Litro	4,49	9,90	6,01	5,82	-3,16
Manteiga	200g	7,89	29,80	12,82	12,65	-1,33
Queijo Mussarela (fatiado)	Kg	43,30	81,26	58,88	58,41	-0,80
Queijo Prato (fatiado)	Kg	44,88	89,97	59,66	59,85	0,32

Fonte: Epagri/Cepa, out./2026

Nota: Os preços mínimo, médio e máximo foram calculados a partir dos preços das diferentes marcas disponíveis nos estabelecimentos pesquisados. Dessa forma, a amplitude observada reflete a diversidade de produtos comercializados e não, necessariamente, diferenças de preços entre estabelecimentos.



CEPA
Centro de Socioeconomia
e Planejamento Agrícola